

# A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO – O CASO DA ILHA DE SÃO JORGE

M<sup>a</sup> Natal Cardoso

---

Dissertação de Mestrado em Gestão do Território

SETEMBRO 2010

A Importância da Paisagem para o  
Desenvolvimento Turístico – O Caso  
da Ilha de São Jorge

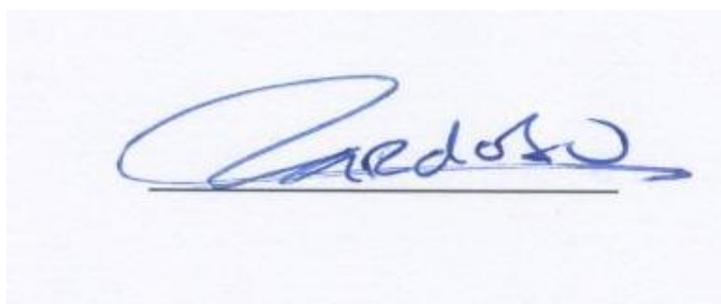


Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão do Território – área de especialização em: Ambiente e Recursos Naturais, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Carlos Pereira da Silva.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O candidato,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cardoso', is written over a horizontal line. The signature is fluid and cursive.

Lisboa, 30 De Setembro de 2010

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O(A) orientador(a),

\_\_\_\_\_

Lisboa, .... de ..... de .....

*À minha mãe, que o orgulho sentido lhe  
traria o sorriso de que sinto saudade...*

## AGRADECIMENTOS

Finalizada a caminhada, gostaria de deixar registado o meu agradecimento a todos os que de alguma forma participaram neste percurso. Uns mais activamente do que outros, mas todos contribuíram para o desfecho, que se espera positivo. A todos, sem excepção, um muito obrigado, mesmo que alguns já não estejam activamente presentes na minha vida.

Em particular, queria agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Pereira da Silva, pelo apoio prestado, pela partilha de conhecimentos sem limitar as minhas vontades de encaminhamento da dissertação, tornando mais fácil um caminho que, não raras vezes, se mostrou tortuoso e desanimador. Quero agradecer, ainda, pelo espírito de parceria criado que facilitou o contacto e a troca de ideias.

Não posso esquecer de prestar um agradecimento especial, a todos aqueles que dispensaram o seu tempo a preencher/responder os meus inquéritos. Compreendi e aceitei as reclamações de que se tornavam aborrecidos por serem extensos e com um cariz técnico elevado mas, todos compreenderam que foi isso mesmo que me facilitou a recolha, precisa, da informação desejada. Muito obrigada a todos.

A todos os amigos que me apoiaram e aos inimigos também, porque no apoio de uns e no desapoio de outros, firmei a minha convicção de prestar mais esta prova para conseguir subir mais um degrau numa escadaria que, espero me leve a uma boa realização profissional e, a seu tempo, espero comemorar com os amigos e sorrir aos inimigos.

Por fim, à minha família, que mesmo que não entendesse muito bem o que eu estava a fazer, sabiam que era mais um projecto que eu desejava alcançar e, à sua maneira, me apoiaram. Também à minha mãe, apesar de já lhe ter dedicado esta dissertação, queria agradecer a formação que me incutiu, sobretudo, a de me tornar uma mulher independente, emancipada e realizada. Manifesto aqui a minha enorme tristeza por não a ter comigo para dividir a alegria do objectivo alcançado.

## RESUMO

### A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO – O CASO DA ILHA DE SÃO JORGE

**M<sup>a</sup> Natal Cardoso**

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem, Desenvolvimento, Recurso.

Com esta dissertação, pretende-se ressaltar a importância da paisagem para o desenvolvimento turístico, considerando-a como recurso endógeno de extrema importância para as opções em termos de desenvolvimento e ordenamento do território. Assim, partindo da paisagem da ilha de S. Jorge nos Açores, pretende-se estudar e projectar linhas propositivas e estratégicas que sirvam o território, sobretudo do ponto de vista turístico, e que assentem no garante de um desenvolvimento o mais sustentável possível da ilha.

Acredita-se que a sustentabilidade na utilização dos recursos endógenos desta Ilha de São Jorge será o garante da sua preservação, servindo para o desenvolvimento e estabilidade económica com usufruto do turismo.

Só com a melhoria dos recursos endógenos, como é a paisagem, é possível uma melhoria da qualidade de vida da população. Só mantendo e preservando o que existe é que se consegue desenvolver sem danificar, permitindo um desenvolvimento promissor e duradouro.

---

## ABSTRACT

### THE IMPORTANCE OF LANDSCAPE FOR TOURISM DEVELOPMENT – THE CASE OF SÃO JORGE ISLAND

**M<sup>a</sup> Natal Cardoso**

KEYWORDS: Landscape, Development, Resource.

With this thesis, we stressed the importance of landscape for tourism development, considering it as endogenous resource of paramount importance to the options in terms of development and planning.

Thus, starting from the landscape of the island from S. Jorge Island in the Azores is studying and designing strategic lines and its serving territory, especially from the point of view and based on guarantees of a sustainable development as possible of the island. It is believed that the sustainability in the use of the endogenous resources of the island of São Jorge is the guarantor of its preservation, serving for the economic development and stability with enjoyment of tourism.

Only with the improvement of endogenous resources, as it is the scenery, you can improve the quality of life of the population. Only keeping and preserving what exists is that if you can develop without damage, allowing a promising and sustainable development.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	5
<b>RESUMO</b> .....	6
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>METODOLOGIA</b> .....	12
<b>I. PAISAGEM E TURISMO</b> .....	15
I.1 – NOÇÕES DE PAISAGEM .....	15
I.2 – PAISAGEM COMO RECURSO TURÍSTICO.....	20
I.3 – ANÁLISE CRÍTICA DO PLANO DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DO AÇORES (POTRAA).....	24
<b>II. A ILHA DE SÃO JORGE: ENQUADRAMENTO</b> .....	43
II.1 – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO.....	43
<b>II.2 – VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM</b> .....	48
1 Avaliação da Paisagem.....	51
II.3 – ENQUADRAMENTO HISTÓRICO .....	55
II.4 – ENQUADRAMENTO SOCIAL E ECONÓMICO.....	56
II.5 – TURISMO EM SÃO JORGE.....	58
1 Indicadores de actividade turística.....	62
2 Sazonalidade Turística .....	65
II.6 – ANÁLISE DE POTENCIALIDADE E PROBLEMAS.....	66
1 Potencialidades: .....	66
2 Problemas:.....	67
<b>III.O PAPEL DO TURISMO EM SÃO JORGE</b> .....	71
III.1 – A VISÃO DA POPULAÇÃO E DOS AGENTES.....	71
1 Inquéritos à População .....	71
2 Atributos que conferem notoriedade à paisagem de São Jorge .....	78
3 Aspectos que ajudam a promover a paisagem como recurso turístico .....	80
4 Como se poderia melhorar a qualidade da paisagem da Ilha? .....	82
5 Entrevistas aos Agentes Locais .....	84
III.2 - ESTRATÉGIA DE FUTURO .....	93
1. Divulgação/sensibilização.....	93

---

2. Transportes – inter-ilhas e intra-ilhas .....	94
3. Diversificação de Actividades .....	95
4. Formação e aproveitamentos de recursos humanos – diversificação e animação turística .....	96
5. Criação de Vectores Estratégicos .....	96
<b>CONCLUSÃO</b> .....	125
<b>BIBLIOGRAFIA/ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	128
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	131
<b>LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES</b> .....	133
<b>ANEXO 1</b> .....	136

## INTRODUÇÃO

A importância da paisagem, sobretudo do ponto de vista geográfico, fica bem expressa na frase “*A Geografia tem a paisagem como a aritmética tem os números*” (Meyner em 1969). Esta afirmação espelha o valor da paisagem, colocando-a na base de todos os estudos geográficos.

A paisagem desde sempre, assumiu grande importância na vida e desenvolvimento das populações, contudo, só mais recentemente começou a ser encarada de uma forma mais verdadeira e completa. Antes, até ao séc. XVIII observava-se a paisagem apenas pelo seu aspecto visual, se era apelativa ou não. Só mais recentemente se passou a encarar a paisagem como um recurso, ou seja, como estando na base de tudo o que nos rodeia, mesmo não tendo uma percepção directa deste facto. Para isto, pode considerar-se como factor importante a “moda das viagens e a grande divulgação dada aos seus relatos” sobretudo a partir do séc. XIX, pois favoreceram a associação das paisagens às características de um dado território (Salgueiro, 2001).

Encontrando-se a paisagem na base, o resto deve ser pensado tendo-a em consideração, ou seja, o que se quer fazer naquela paisagem, como a alterar ou como a manter, como potenciá-la. Estes podem ser considerados como pensamentos base de qualquer trabalho em geografia, mesmo que empiricamente feitos.

Como prova da importância da paisagem, e para garante da sua protecção, a União Europeia aprovou a Convenção Europeia da Paisagem, realizada em decreto nº 4/2005. Já no seu preâmbulo pode perceber-se que na base desta decisão está a validação em decreto da protecção da paisagem, “*(...) que a paisagem desempenha importantes funções de interesse público, nos campos cultural, ecológico, ambiental e social, e constitui um recurso favorável à actividade económica, cuja protecção, gestão e ordenamento adequados podem contribuir para a geração de emprego. (...) Persuadidos de que a paisagem constitui um elemento-chave do bem-estar individual e social e que a sua protecção, gestão e ordenamento implicam direitos e responsabilidades para cada cidadão.*”

Assim, neste trabalho, devido à sua grande importância no caso dos Açores e em particular de S. Jorge, a paisagem vai ser a base do tema da dissertação. Vai ser analisado o turismo na Ilha, a sua ligação à paisagem e finalmente tentar traçar linhas orientadoras de desenvolvimento turístico partindo sempre do recurso da paisagem que lhe é característica.

As características da Ilha de S. Jorge sugerem uma vasta e diferenciada possibilidade de opções para a exploração da paisagem na vertente turística, ainda mais potenciada com a existência de um património cultural também significativo e de qualidade.

Estas características, quer naturais quer culturais, serão o mote para encontrar e traçar linhas orientadoras que possam surtir um efeito positivo no desenvolvimento da Ilha. Assim, depois de avaliada, a sua paisagem bem como as suas características para o desenvolvimento turístico, pretende-se encontrar linhas orientadoras específicas para o futuro de São Jorge, que se pretende de sucesso, graças às suas potencialidades, nomeadamente a diversidade paisagística que possui.

## METODOLOGIA

Este trabalho, fruto do conhecimento local existente vai-se basear numa forte componente de trabalho de campo, pois acredita-se que o contacto com o terreno e com os seus diferentes agentes, servirá para uma aprendizagem impar.

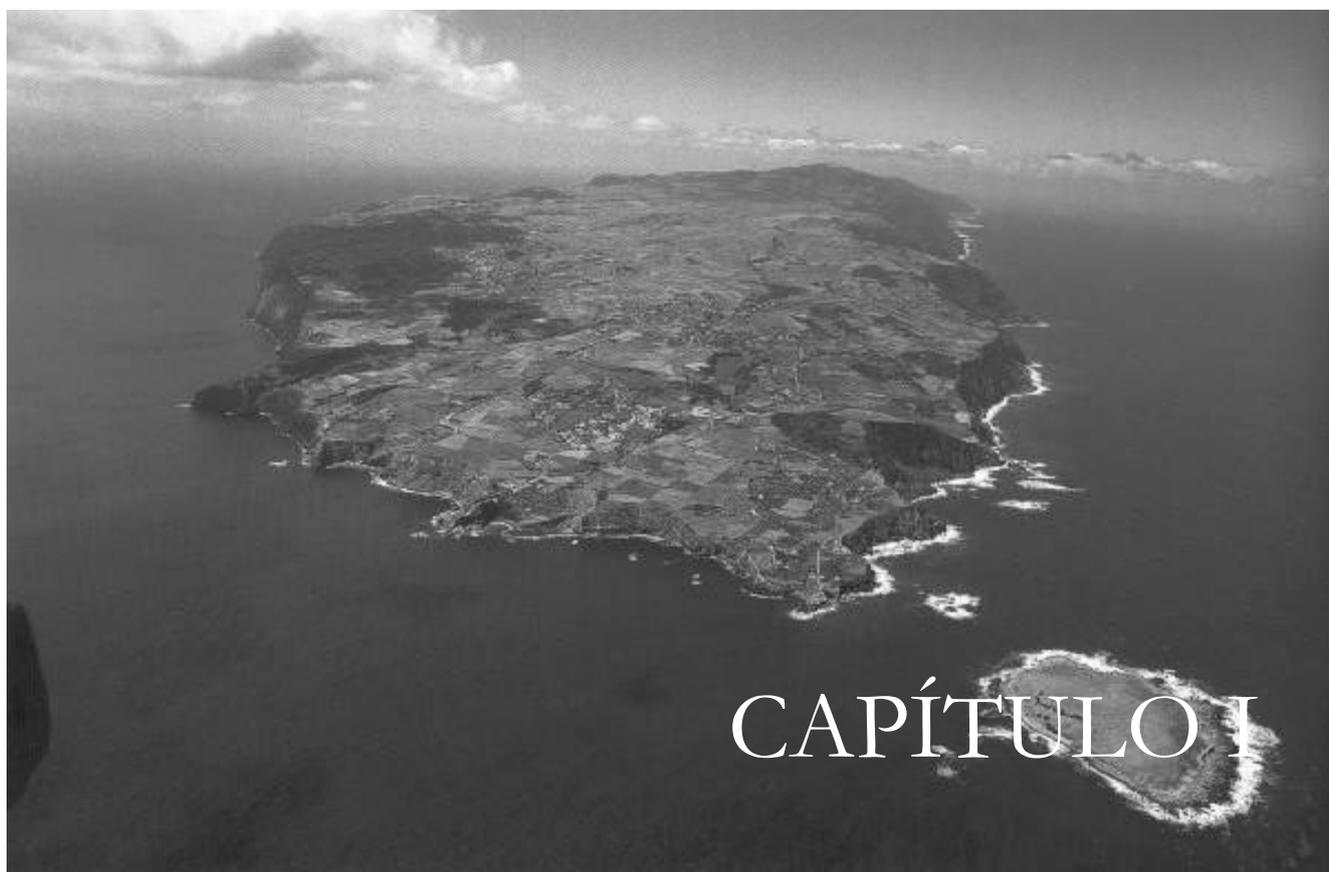
Contudo, a leitura de textos e artigos científicos, sobretudo para uma maior consolidação dos conhecimentos e abordagens teóricas, não será esquecida. Conjuntamente a análise de planos estratégicos e programas de desenvolvimento ligados ao tema em estudo, será uma mais-valia para a obtenção de uma visão mais fidedigna.

Serão igualmente entrevistados os principais agentes locais, de forma a conhecer a sua percepção sobre a situação actual e expectativas do sector do turismo e o papel a desempenhar pela paisagem, bem como inquirida a população em geral e turistas, numa perspectiva de análise de diferentes temas ligados à paisagem. Os resultados obtidos servirão, também, de suporte para as conclusões, tentando comprovar o conhecimento e opinião pessoal.

Espera-se que toda esta investigação, teórica e prática, venha firmar a capacidade de estabelecer novas propostas de acção para um desenvolvimento turístico promissor mas equilibrado em que o crescimento económico e a melhoria da qualidade de vida das populações sejam conseguidos sem a deterioração dos sistemas naturais.

*“ (...) De regresso a São Jorge, recebe-me um verão seródio, num dia feliz para o reencontro desta beleza sem mácula que é a Ilha mais Ilha dos Açores. Enchem-se-me os olhos da beleza que vêem em altura e em plenitude; ficam-me eles cheios dessa beleza bíblica e definitiva. Uma obra de paisagem que nenhuma arte de palavra (verbal ou escrita) consegue captar com rigor”.*

*João de Melo 2000*



## I. PAISAGEM E TURISMO

### I.1 – NOÇÕES DE PAISAGEM

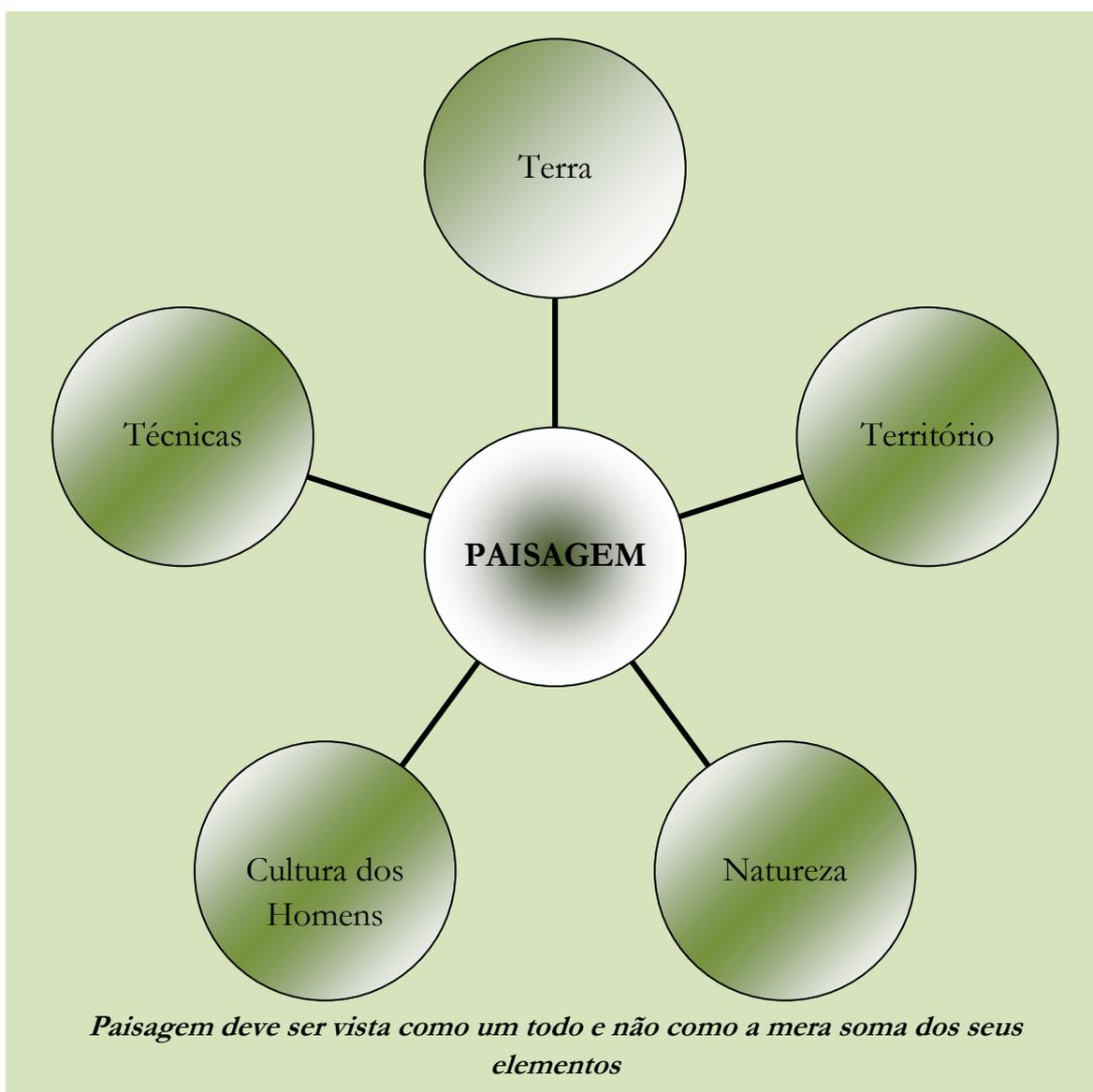
“Do latim *pagus*, significando campo ou território cultivado, proveio o francês *pays* e *paysage*. Em italiano, com a mesma origem, resultou *paesaggio* e em espanhol *paisaje*. Nas línguas germânicas, em inglês e alemão, de uma raiz comum, *land*, com significado idêntico ao de *pagus*, e também de região e país se formaram *landscape* e *landschat*. Em holandês a palavra é *landschaft* e em sueco *landskap*. Interessante notar que a forma inglesa antiga, da Idade Média, era *landscipe*, usada para um território pertencente a um senhor ou habitado por um grupo particular de gente” (AMARAL, 2001).

“Paisagem designa uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e ou humanos” (CONSELHO DA EUROPA, 2000);

Paisagem como o “quadro representando uma região” (ROGER, 1997);

“A paisagem é a expressão observável à superfície da terra, pelos sentidos, da combinação entre a natureza, as técnicas e a cultura dos homens. Ela é, essencialmente, mudável e não pode ser apreendida senão na sua dinâmica, isto é no quadro da história que lhe restitui a sua quarta dimensão. (...) A paisagem é o acto de liberdade; é uma poesia caligrafada na folha branca do clima” (PITTE, 1983).

“Mais do que uma entidade fisionómica e estética, a paisagem geográfica engloba todas as relações genéticas dinâmicas e funcionais que ligam as componentes de cada parte da superfície do globo” (SALGUEIRO, 2001).



**Ilustração 1** Esquema do que a palavra Paisagem é associada

Fonte: Elaboração Própria

*“A noção de paisagem depende, antes do mais, da maneira de a observar, isto é, de apreender o espaço terrestre - imagem mental da paisagem?” (RIMBERT, 1973).*

São muitas as noções e definições de paisagem, porém existe algo transversal a todas elas e aos seus diferentes autores - compreender a paisagem como um todo e não apenas como a mera soma dos seus elementos. É igualmente importante ter a noção de que diferentes paisagens evocam diferentes sentimentos em diferentes observadores porquanto a observação da paisagem e aquilo que cada observador retém da mesma, é influenciado por um conjunto muito vasto de factores e vivências nas suas variadas dimensões.

No que diz respeito às características básicas da paisagem, estas são determinadas pelos seus factores físicos sendo que a acção do Homem desencadeia-se sobre esse mesmo suporte e contribui assim para alterar as suas características. Já a variedade de componentes, bem como a diversidade de combinações, vai permitir a existência de um elevado número de paisagens diferentes. Esta variabilidade paisagística é deveras importante já que a paisagem é vista como um geossistema que interage com os seus diferentes elementos, porque, tratando-se de aspectos vividos que se reflectem numa imagem para quem os observa, existe uma grande subjectividade em toda a percepção quer do ponto de vista escolhido para observar, quer no critério para definir o tipo de paisagem. A interacção entre o sujeito e o objecto observado/percepionado, mesmo existindo qualidades intrínsecas na paisagem, influencia a forma como o sujeito a percebe e a maneira como esta forma a sua imagem. Assim, o observador também é influenciado pelos seus próprios valores (SILVA, 1999).

A avaliação da paisagem tem sido alvo de uma maior atenção pelos geógrafos desde os anos 60, sobretudo devido ao aumento da urbanização, tendo por consequência surgido uma necessidade cada vez maior de proteger as paisagens naturais. Embora também seja reconhecido, por vários autores, que as paisagens verdadeiramente naturais não existem, pois a acção humana é considerada factor decisivo ou principal na transformação (SALGUEIRO, 2001).

O interesse na sua análise voltou então a renascer, tornando-se tanto num ponto de partida de investigações geográficas nos vários domínios como num foco de atenção para a sua protecção nas diversas áreas.

A paisagem aparece igualmente identificada com a fisionomia de uma dada área, a sua expressão visível. A moda das viagens e a grande divulgação dada aos seus relatos no séc. XIX favoreceram a associação de paisagem às características de um determinado território. Para os geógrafos do séc. XX, a paisagem aparecia já como um conceito integrador pois traduzia as interacções entre os elementos do mundo físico e entre estes e os elementos numa dada área. Diferentes combinações de fenómenos da superfície terrestre traduzir-se-iam em diferentes morfologias do território, conseqüentemente em diferentes paisagens e cada região era caracterizada por uma paisagem própria.

Humbolt foi um dos que conferiu importância à paisagem e observou que a vegetação era o elemento da paisagem que melhor permitia situar um lugar na superfície terrestre. Assim, percebeu que os elementos da paisagem mais característicos, como a vegetação, são capazes de identificar não só o clima e a latitude como também as interferências humanas, factores

que podem, posteriormente, servir para comparar espaços ou localizar a origem de espécies (in RIBEIRO, 2001).

Uma região define-se antes de mais pela paisagem que apresenta para observação, com os factos visíveis de formas bem distintas e uma ambiência nem sempre directamente observável, mas que se traduz de várias formas, podendo a sua dominante ser natural ou humana.

A palavra paisagem serviu igualmente para descrever e classificar territórios com características comuns quer de aspectos físicos quer humanos.

Max Sorre (in RIBEIRO, 2001) definiu a região geográfica como “a extensão de determinado tipo de paisagem”. A designação de paisagem chegou a ser, durante algum tempo, usada no sentido de região. Qualquer paisagem está organizada e é a trama das regiões. Por sua vez, estas são concebidas como áreas de extensão de determinada paisagem, que constitui o objecto último das investigações conduzidas pelos geógrafos.

A região tem marcas que a definem e a tornam única, ou até, por vezes, semelhante a outra, mas são essas semelhanças ou esses traços únicos, que são os elementos característicos dessa mesma paisagem, servindo para a definir e sendo usados para a sua própria emancipação das regiões que a possam envolver, valorizando-se por aquilo que têm de diferente e não tanto por aquilo que as iguala à região onde estão inseridas, caso de São Jorge que tem imensas potencialidades para se conseguir valer por si, não estando dependente da região em que se insere.

Neste seguimento, como auxílio dos estudos sobre paisagem, que vêm dar importância a este tema das semelhanças e diferenças de uma paisagem, aparece a identificação das unidades de paisagem. Estas são identificadas por corresponderem a áreas com características relativamente homogéneas no seu interior, não por serem exactamente iguais em toda a área, mas por terem um padrão específico que se repete e que diferencia a unidade em causa das envolventes.

Segundo Bertrand (1972) a unidade mais importante da classificação da paisagem é o geosistema - *“conceito que decorre da aplicação da teoria de sistemas de estudos da paisagem que faz geografia”* (in <http://es.encarta.msn.com/encyclopedia>). De acordo com ele, as paisagens são o resultado da interacção dos seus componentes, que por sua vez são mais pequenos, sistemas ou subsistemas, porque é neles que melhor se observam as interdependências dos vários fenómenos físicos.

Apesar de não haver um registo na paisagem de quem, como ou quando foram alteradas, as paisagens geográficas contêm uma espessura antropológica, uma memória reveladora de

diferentes marcas deixadas por sucessivas transformações. A paisagem que se visualiza hoje é marcada pelas alterações impostas por quem nela viveu ou simplesmente por ela passou e será diferente da paisagem que daqui a uns anos se irá visualizar, pois haverão marcas deixadas que alterarão a paisagem que hoje se identifica. Estas marcas antropológicas, criam um registo na paisagem que a vai alterando, desde uma forma muito simples como o deixar crescer uma planta ou cortar essa mesma planta, ou alterações mais substanciais do tipo de infra-estruturas que marcam enormemente a caracterização da paisagem.

Um forte registo na alteração da paisagem é aquela que é imposta pelo “*modelo do Estado-Nação*” (DOMINGUES, 2001). É sabido que à medida que os governos de um país se sucedem vão impondo as suas ideias e premissas de alteração ao Estado-Nação, estas alterações também se verificam na paisagem, visto que as directivas de um governo, sobretudo no (des) ordenamento do território, acabam por se reflectir na paisagem através das marcas nela deixadas, infelizmente nem sempre da forma mais positiva.

A importância de toda esta temática das paisagens e também da natureza, assumindo esta, um papel importante na constituição de uma paisagem, é comprovada com o facto de as paisagens já poderem ser consideradas património pela UNESCO. São exemplo desta distinção paisagens como as do Douro – consagrada em 2001 como Património da Humanidade na categoria de paisagem cultural – ou das Vinhas do Pico – estas denominadas desde 2004 como um reconhecimento do carácter único da mais singular das culturas dos Açores. Este facto só vem confirmar e revelar a importância premente que estas assumem cada vez mais.

Há que ter ainda em consideração o facto de que as sociedades não transformam a natureza apenas por razões económicas porquanto a organização do território traduz não só os valores da sociedade mas também as suas crenças sobre o mundo. As pessoas identificam-se com determinadas porções do território, desenvolvem laços afectivos com ele e o território torna-se parte de si. Já Ratzel (in RIBEIRO, 2001) ensinava que quanto mais o Homem avança na civilização, mais depende da natureza. Exemplo disto mesmo é o facto de assistirmos a um aumento exponencial no desenvolvimento de técnicas que exploram os recursos energéticos naturais.

Em suma, quer se assuma como parte integrante da natureza quer como criação do homem, a paisagem assume cada vez mais uma importância de relevo, cuja preocupação pode seguir tanto no sentido de a preservar qual tesouro insubstituível para a humanidade, como no sentido de ser algo a alterar ou melhorar, tornando-a melhor do ponto de vista estético, quer como forma de se conseguir a harmonia almejada quer até mesmo do ponto

de vista meramente formal. A paisagem é hoje vista como um bem essencial e imprescindível para um determinado local onde se procure simplesmente viver, trabalhar ou conviver. Dando primazia ao espaço verde, natural, preservado e puro, ao invés do espaço poluído, e cinzento onde a construção desenfreada altera a naturalidade e perfeição da paisagem.

É visível que a paisagem assume uma crescente importância nas preferências das pessoas em várias situações, no turismo também não é exceção. A paisagem existente num determinado território está na base da escolha do destino seleccionado, mesmo que quem selecciona não se aperceba mas, ao escolher um destino histórico (marcado por uma paisagem com marcas e características históricas) em detrimento de um destino marcadamente de sol e praia (com as respectivas marcas paisagísticas), já está a proceder a uma selecção que é baseada nos seus gostos, interesses e ambições que se encaminham para locais com uma determinada característica em detrimento de outras.

Num mundo e numa sociedade de opções e já com algum facilitismo no que concerne ao turismo, o respeito pela paisagem para que continue presente nas escolhas da população, tem de ser uma premissa consistente no pensamento da população e dos agentes dos respectivos territórios, só assim, se conseguirá evoluir mantendo a capacidade de atracção tão necessária num mundo cheio de ofertas.

## **I.2 – PAISAGEM COMO RECURSO TURÍSTICO**

A crescente importância do turismo em geral, e do turismo natureza em particular, veio dar ênfase à crescente necessidade de gerir as pressões que existem sobre determinadas paisagens mais procuradas para o recreio e lazer, tentando evitar rupturas que destruam as características iniciais que as tornavam atractivas.

Desde os anos 90, com o boom do turismo, que existe a necessidade de aprofundar e melhorar a forma de utilizar alguns estudos que procuram comparar e avaliar as paisagens, sobretudo para descobrir a preferência das populações por determinados tipos de paisagem. Tudo isto porque existe a necessidade de determinar o que motiva a preferência das populações por determinados tipos de paisagem e o que justifica essas decisões (SILVA, 1999).

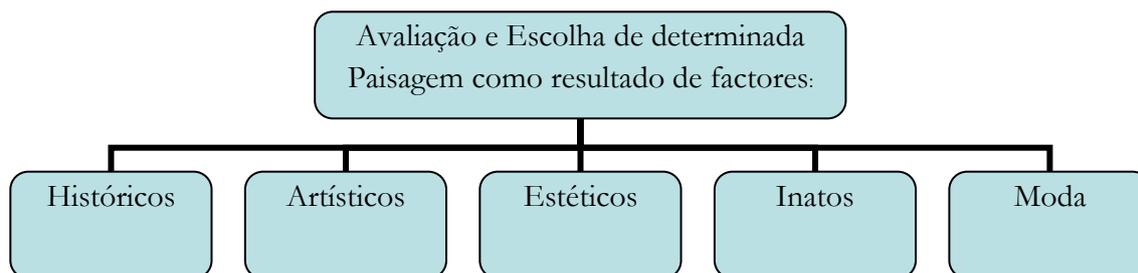
Um das principais razões da importância destes estudos prende-se com o facto de se poder identificar quais as paisagens mais valorizadas, tornando-se possível obter informação útil para apoiar decisões de planeamento e gestão destes espaços, como mudanças de uso do solo, localização de infra-estruturas e equipamentos, fundamentando ao mesmo tempo acções a tomar para o seu desenvolvimento.

Porém, estes estudos não devem ser usados isoladamente, mas de uma forma complementar, auxiliando a definir políticas seguras de ocupação do espaço, contribuindo para um ordenamento eficaz do território. Será este ordenamento que ajudará também às práticas relacionadas com a procura turística de cada espaço, e desta forma conferir uma maior possibilidade de continuidade a essas mesmas práticas, evitando assim a tal ruptura das características atractivas da paisagem.

É ainda importante ponderar a aplicabilidade deste tipo de estudos, pois a percepção das paisagens altera-se. Paisagens valorizadas hoje podem não o ser amanhã devido à alteração tanto dos valores como dos fenómenos culturais que podem variar de geração em geração. Este facto ajuda a explicar a razão de certos destinos turísticos passarem de moda, isto é, serem muito procurados numa determinada época mas, com o tempo, sofrerem um decréscimo assinalável no número de turistas que o visitam.

Persiste ainda um problema no que concerne à avaliação da paisagem – considerada como “a hierarquização de preferências, em função da utilidade” – nomeadamente na forma de descobrir as paisagens mais valorizadas dado que a tendência da escolha varia sob diferentes aspectos (SILVA, 1999):

- *Históricos* – Resultado da associação de locais a determinados factos históricos que aí tiveram lugar.
- *Artísticos* – Determinados locais que foram tema de manifestações artísticas: livros, quadros, fotografias, criam uma determinada reputação que pode ser uma das causas da sua valorização.
- *Estéticos* – Ligados à morfologia, cor, diversidade e textura.
- *Inatos* – Por vezes existem ligações à paisagem tão enraizadas na natureza humana, que podem ser consideradas universais.
- *Moda* – Podem surgir ligados a aspectos institucionais (actualmente só o facto de uma paisagem ter estatuto de área protegida, é um aspecto que a pode valorizar), bem como a preferência de um determinado grupo ou classe social.



**Ilustração 2** Esquema de factores para a escolha do destino da viagem

**Fonte:** Elaboração própria

Vários investigadores têm tentado encontrar métodos universais para serem aplicados em qualquer paisagem e assim determinar o seu valor de forma objectiva. No entanto, isto ainda não foi possível, resultando daí também algum do descrédito que este tipo de estudos tem recebido.

Com efeito, uma investigação desta índole poderia ajudar uma região a adaptar-se às mudanças na procura dos seus visitantes. Ao fazer com que houvesse pelo menos um incentivo nas suas capacidades e qualidades, continuaria a atrair, senão o mesmo, pelo menos novo público, sendo assim agente motor contra o despovoamento que muitas vezes afecta estas áreas, colocando-as no mapa dos destinos turísticos.

No entanto, o papel da população é de grande importância neste tipo de estudos/processo, pois ela é, simultaneamente, o ponto de partida de todas as percepções, e o ponto de chegada de todas as acções e quem confere verdadeiro significado ao espaço (SILVA, 1999).

Em Portugal existem algumas regiões em que uma investigação deste tipo serviria para dar uma nova vida à terra e às gentes, dinamizando, valorizando e facilitando a fixação da população existente e até incentivando a instalação de uma nova população. O Alentejo que, em Portugal, tem sido uma das regiões mais assoladas pelo êxodo rural, deixando assim a terra e as populações ao abandono, poderia ver no turismo de natureza um rejuvenescimento social e económico, aproveitando grandes capacidades da sua paisagem, cada vez mais valorizada por muitos. Isto torna-se ainda mais premente numa época e numa sociedade cada vez com maiores hábitos de turismo, e onde o turismo em espaço rural (TER) tem cada vez maior destaque. No entanto, é importante salientar, que medidas como esta podem apoiar a um certo dinamismo numa região que começa a ser marcada pelo abandono, mas não pode ser visto como tábua de salvação única desse mesmo território.

A provar este crescente interesse por áreas rurais estão o resultado de um estudo sobre os destinos dos portugueses para o gozo de férias, em 2001, realizado pela Direcção Geral do Turismo (DGT). O estudo conclui que o Algarve deixou de ser o destino principal procurado pelos portugueses em férias (26.7%), sendo preterido pelo Porto e o Norte (27%), sendo a região do Minho que mais terá contribuído para este crescimento, segundo um dos técnicos da DGT neste estudo, por ser *“uma zona com boas alternativas em termos de turismo rural e habitação, o que poderá estar na origem desta mudança”* (in LUÍS, 2002).

No entanto é necessário salientar, que esta análise deverá ser feita com algum sentido abrangente, pois os turistas que procuram o Algarve como destino de férias, e devido às características do tipo de turismo preconizado por esta região, estão à espera de encontrar uma região massificada, sentindo as respectivas condicionantes dessa massificação, como uma praia cheia de gente, uma paisagem fortemente construída de habitações para dar resposta a esta massificação de utentes. Já o turista que procura destinos como a região do Minho vai à procura de uma maior ligação com a natureza, não esperando, assim, uma paisagem altamente construída e povoada de turistas. Porém, esta situação não é impeditiva que em algumas áreas já não se sinta alguma massificação, é o caso da região do Douro, devido à classificação de Património da Humanidade pela UNESCO, uma situação destas pode dar azo a que *“algumas áreas sofram impactos negativos decorrentes de uma massificação do TER”* (in LUÍS, 2002)

Esta procura e selecção do espaço/paisagem pelo turista é mais uma marca do já sobejamente assumido pela sociedade de que estamos numa época em que o turismo abrange os diferentes quadrantes sociais, isto porque a oferta é diversificada e abarca as diferentes capacidades económicas dando resposta às mais diversas selecções, sejam elas na procura de locais mais massificados ou com características mais rurais.

David Humpreys defende mesmo a emergência de uma “Idade da Viagem”, tal como anteriormente se designou a uma Idade da Agricultura, da Indústria ou da Electrónica (in Cunha, 1997). Trata-se, então, da viagem turística como uma forma de fugir ao stress do dia-a-dia e com o desígnio de conhecer novas terras e culturas, para enriquecimento pessoal. Isto vem vincar a posição de uma crescente importância dada ao turismo e à capacidade, crescente, que a população tem em escolher um destino em detrimento de outro. Cada vez se viaja mais, cada vez mais a oferta de destinos turísticos é facilitada pelas agências e pelas próprias regiões turísticas. Tudo isto, auxiliado pela legislação que veio impor a obrigatoriedade do mês de férias e do respectivo subsídio, para além de que se sente um crescendo da importância das viagens como uma mais-valia social.

Mais uma vez, de referir, a extrema importância que o reconhecimento de diversos tipos de paisagem (como anteriormente já exemplificado) feito pela UNESCO veio auxiliar no desenvolvimento das regiões em causa, podendo mesmo ser responsável pelo aumento do fluxo de turistas e/ou visitantes nessas mesmas regiões, pois o reconhecimento da paisagem de uma determinada região catapultava essa mesma região para os destinos e rotas turísticas. Esta é, portanto, uma forma de demonstrar a importância da paisagem no desenvolvimento turístico, que auxilia o desenvolvimento social e económico da região em destaque.

### **I.3 – ANÁLISE CRÍTICA DO PLANO DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DO AÇORES (POTRAA)**

*“O desenvolvimento económico e social em curso na Região, que se reflecte também na construção de infra-estruturas e no crescente fluxo de turistas que a visitam, torna imperativa a definição de estratégias de desenvolvimento turístico, que garantam sustentabilidade, tendo em conta a realidade regional e a consolidação qualitativa da sua imagem de destino de fruição da natureza.” (POTRAA, 2008)*

Reconhecido o potencial natural existente nos Açores e o cuidado que deve ser tido na preservação desta paisagem natural, foi elaborado o POTRAA que sendo um plano normativo, visa essencialmente estabelecer linhas orientadoras para um desenvolvimento turístico da Região no seu conjunto, mas também, criando estratégias específicas para cada uma das ilhas individualmente assentes no que elas têm de mais singular.

*“As opções do POTRAA têm sempre por base um dos maiores bens intrínsecos deste território, do qual nunca poderá haver desvios significativos, que consiste no binómio natureza/paisagem. No caso particular dos Açores, e numa perspectiva de conjunto, a paisagem é expressão das componentes físicas e biológicas do território traduzindo, simultaneamente, a intervenção humana sobre essas componentes. A paisagem açoriana é, portanto, uma imagem que reflecte as interações entre os indivíduos e o ambiente, pelas quais passam todas as decisões de desenvolvimento”.*

Este plano, com intervenções sectoriais, visa *“salvaguardar a sustentabilidade ambiental e o ordenamento do território, estruturar o desenvolvimento turístico, assegurar a compatibilização e diversificação de usos e actividades e ponderar as necessidades e interesses de diversos âmbitos e naturezas,*

tendo em vista a promoção do desenvolvimento económico e social equilibrado da Região” (POTRAA, 2008). O objectivo do POTRAA vem ao encontro do que se pretende alcançar nesta dissertação acerca da necessidade de estabelecer linhas orientadoras de promoção e desenvolvimento integrado dos mais variados âmbitos, não só de cada uma das Ilhas mas, integrando-as no seu conjunto.

O POTRAA, mostra igualmente que qualquer estratégia de desenvolvimento turístico tem de agregar os esforços e iniciativas quer das administrações públicas regional e local, bem como da sociedade açoriana sobretudo dos mais directamente ligados ao turismo. Este objectivo tem de ser comumente partilhado, para que havendo uma partilha de responsabilidades, se consiga uma melhoria de resultados.

Neste plano está previsto o aumento da capacidade de carga turística para São Jorge de cerca de 300 camas, considerando que a Ilha não oferece resposta à procura a que está sujeita e, sobretudo, tomando como base a orientação estabelecida neste plano, que se prevê vir a aumentar a procura generalizada bem como do caso específico de São Jorge.

É fundamento do POTRAA que *“os parâmetros urbanísticos, a definir em PMOT, devem traduzir uma baixa densidade da ocupação do solo, respeitando as características morfológicas e paisagísticas da área em que se inserem, nomeadamente adaptando as cercas às características morfológicas dos terrenos, de modo a não criar agressões na paisagem;*

*Sempre que possível, os empreendimentos devem integrar preexistências que traduzam a ocupação e o uso anteriores, nomeadamente estruturas de exploração agrícola, jardins e elementos arbóreos significativos”.*

Este fundamento do POTRAA visa proteger as especificidades de cada uma das ilhas, mantendo a sua procura turística baseada nas capacidades intrínsecas do território e no seu aproveitamento, tendo como princípio a protecção e aproveitamento deste.

O principal objectivo do POTRAA visa o *“desenvolvimento e afirmação de um sector turístico sustentável, que garanta o desenvolvimento económico, a preservação do ambiente natural e humano e que contribua para o ordenamento do território insular e para a atenuação da disparidade entre os diversos espaços constitutivos da região”.* Mais uma vez pode verificar-se, neste plano, que existe uma grande preocupação com a preservação do ambiente natural e humano, ressaltando a importância que estes assumem para uma crescente procura turística. Esta procura que deve ser estabelecida dentro de critérios de ordenamento do território insular, tentando, o mais possível, atenuar as disparidades entre os espaços, disparidades que já se verificam quer dentro de cada ilha como inter-ilhas. No caso de São Jorge, é do conhecimento geral

que apesar das diversas aptidões turísticas, está na periferia da procura turística comparativamente com outras ilhas do arquipélago.

Desmembrando este objectivo genérico verifica-se, essencialmente, que este plano visa:

- “1) A promoção do desenvolvimento do sector turístico açoriano tendo em vista dotá-lo das capacidades necessárias e suficientes para cumprir os desígnios que os grandes documentos de estratégia regional lhe associam;*
- 2) A garantia de que o desenvolvimento do sector se processará dentro de estritos padrões de sustentabilidade ambiental, social e económica;*
- 3) A contribuição do sector para um correcto aproveitamento e gestão de todo o território insular, evitando, deste modo, conflitos entre funções e interesses, bem como a ocupação impensada e incontrolada do território;*
- 4) A adopção de uma perspectiva de desenvolvimento turístico susceptível de contribuir para a justiça territorial e a solidariedade entre as partes constitutivas de todo o território.”*

No que concerne ao ponto 1, é de referir que os PDM (Plano Director Municipal) existentes em São Jorge estão desadequados e ultrapassados, tendo sido criados de forma pouco cuidada e com pouco conhecimento das reais necessidades do território e da sua população.

Não é demais referir que este plano salienta a necessidade de estabelecer um desenvolvimento assente em políticas sustentáveis e integradas – ambiental, social e económica. Esta visão que também tem sido bastante salientada ao longo do desenvolvimento desta dissertação, bem como o facto de se desenvolver o território de forma integrada, tentando mitigar os actuais desníveis de desenvolvimento.

Para o sucesso destes objectivos é complementar *“1) desenvolver as diversas componentes do sistema turístico regional de forma a torná-lo mais competitivo e susceptível de assumir um lugar de destaque na economia regional;*

*2) Garantir uma correcta expansão das actividades turísticas, evitando conflitos com outras funções e proporcionando uma ocupação e mobilização do território de acordo com as políticas regionais de ordenamento do território e com normas específicas a definir em sede de Plano;*

*3) Desenvolver medidas tendo em vista garantir que o desenvolvimento do sector turístico regional se processe de forma harmónica e equilibrada tendo em conta as características naturais, humanas, económicas específicas da Região, garantindo, deste modo, a sua continuidade no tempo em condições de manutenção de competitividade e qualidade;*

4) *Adoptar medidas tendo como objectivo garantir uma repartição equilibrada dos fluxos turísticos de acordo com as potencialidades e capacidades das diversas ilhas, mas também, dentro de cada uma destas, entre as diversas áreas que as constituem (de acordo com as vocações específicas) ”.* (POTRAA, 2008)

Aqui é de salientar o ponto 4, onde se destaca a intenção de garantir (com estas propostas) uma repartição equilibrada dos fluxos turísticos, tendo em consideração as vocações específicas de cada uma das Ilhas.

Importa, ainda, salientar que o POTRAA é transversal a toda a região, como tal, assume uma responsabilidade acrescida no seu desenvolvimento. Assim, este plano articula diversos instrumentos de intervenção no domínio do ordenamento do território e na sua articulação, vertical e horizontal, com o desenvolvimento turístico.

Há ainda que referir que a articulação do ordenamento do território com o desenvolvimento turístico deverá ter como objectivos:

*“A qualidade dos produtos turísticos em correspondência com os critérios de satisfação dos clientes potenciais em mercados segmentados;*

- A conservação da natureza;*
- A qualidade ambiental;*
- A salvaguarda do património histórico -cultural e das identidades culturais;*
- A identidade e diferenciação da oferta turística.”* (POTRAA, 2008)

O POTRAA *“assume a necessidade de manter e reforçar o esforço de divulgação e promoção dos destinos turísticos colocados sobre «o chapéu» Açores”,* neste ponto, aconselha-se alguma contenção. Pois no seguimento do que tem sido defendido ao longo desta dissertação, embora não se negue a importância do produto Açores ter de ser divulgado para o benefício geral, mas a individualidade de cada uma das ilhas, sobretudo as mais periféricas, tem de ser salvaguardada sob pena de se manter a diferenciação já existente na procura turística.

Este plano não traz novidade quando prevê (devido à natureza mista daquilo que delimita para o desenvolvimento estratégico) que o perfil do turista seja cada vez mais dual em termos tipológicos, visto que por um lado a região manterá uma oferta para o turista mais idoso com níveis económicos e educacionais medianos, maioritariamente integrado em pacotes turísticos organizados e consumidor de produtos generalistas. Por outro lado, o turista mais jovem, com níveis educacionais mais elevados, níveis socioeconómicos

médio/altos, que privilegia o seu livre arbítrio, inclusive nos moldes de escolha da estadia, este será um consumidor mais exigente e sobretudo de produtos temáticos.

No essencial esta preconização deste plano, não trás à luz grande novidade para o cidadão mais atento das valias deste território e, sobretudo, ao que já se tem defendido nesta dissertação, antes vem reforçar ideias e sobretudo validá-las, visto ser um plano regional.

É sabido, e tem sido aqui defendido, que a região, e São Jorge em particular, têm capacidades diversas, podendo desta forma cativar um maior espectro de turistas, aproveitando enormemente esses dividendos.

No que respeita aos transportes, este plano está ciente da discrepância existente entre as diferentes ilhas, assumindo a grande dependência, a todos os níveis e com repercussões no turismo regional, do transporte aéreo, sendo este um pilar para o desenvolvimento turístico. Assim, este plano assume a necessidade, inevitável, da expansão das linhas aéreas, quer regulares quer charters. Pessoalmente, considera-se mais premente uma revisão dos preços da circulação quer inter-ilhas bem como de entrada e saída da região, visto que é assumido que, esta perde turistas para outros destinos, até mais longínquos, devido às tarifas praticadas pela transportadora aérea da região que detém o monopólio daquele espaço aéreo.

Outro aspecto salientado neste plano e que também não passa despercebido quer a quem vive na região como a quem a visita, prende-se com o transporte marítimo. É de comum conveniência, o reforço das ligações marítimas inter-ilhas, quer para a melhoria da qualidade de vida de quem aqui vive, quer para o desenvolvimento e melhoria da mobilidade dos turistas, esta necessidade é ainda mais premente no grupo central onde se insere São Jorge.

Uma das **Linha Estratégica de Desenvolvimento** preconizadas neste plano (LED 2), visa:

*“• Apoiar a criação/melhoria de infra-estruturas e serviços indiferenciados de apoio/suporte à estadia turística.*

- Apoiar acções de sensibilização turística a agentes envolvidos indirectamente no sistema turístico.*
- Apoiar o desenvolvimento das actividades artesanais e respectivos canais de comercialização.*
- Apoiar especificamente a melhoria das unidades de vertentes comerciais mais directamente relacionadas com o sector turístico.*
- Apoiar a criação/melhoria de infra-estruturas desportivas detentoras de valia turística.*
- Aumentar e unificar a sinalização turística viária.*

- *Apoiar a elaboração de percursos pedestres e a criação de ciclovias.*
- *Apoiar a criação e melhoria das infra-estruturas portuárias de recreio ou outras com valia turística.*
- *Apoiar o desenvolvimento de medidas tendo em vista o aumento e intensificação das ligações aéreas em períodos de alta turística.”*

Estas medidas foram pensadas de forma transversal e abrangente à região, porém, se pensarmos unicamente na Ilha de São Jorge, encaixam perfeitamente. São Jorge necessita de melhorias em diversas infra-estruturas com valência turística, para além dos já referidos transportes que necessitam duma revisão nas suas tarifas e nas suas ligações.

Numa outra (LED 3) preconiza acções com vista o suporte ao desenvolvimento, qualificação e diversificação da oferta turística regional

“• *Apoiar a preservação e valorização numa óptica turística do património natural, histórico e cultural da Região.*

- *Apoiar a melhoria das condições de fruição dos espaços detentores de vocação turística.*
- *Apoiar a constituição de roteiros temáticos intra-ilhas e inter-ilhas.*
- *Apoiar a constituição de novos produtos turístico integrados (temática, espacial e estruturalmente).*
- *Apoiar a densificação e o aprofundamento dos produtos turísticos já existentes.*
- *Apoiar a diversificação, qualificação e integração temática da oferta de alojamento no domínio da hotelaria convencional.*
- *Apoiar e fomentar o aumento da oferta de alojamento alternativa à hotelaria convencional, designadamente as unidades de turismo de habitação, turismo em espaço rural ou a pequena hotelaria dispersa (espaço rural e áreas de vocação turística).*
- *Apoiar o reforço, qualificação, diversificação e integração nas tradições gastronómicas locais do subsistema da restauração e bebidas.*
- *Apoiar a constituição e ou melhoria das empresas e serviços de animação turística.*
- *Apoiar eventos com valia turística evidente.*
- *Apoiar a qualificação inicial e durante o percurso profissional do capital humano do sector turístico e actividades complementares (do nível superior ao elementar).”*

Esta LED destaca a necessidade de um desenvolvimento algo inovador para um reforço e diversificação da oferta turística, focando a importância da melhoria das condições de fruição dos espaços detentores de vocação turística, destaca a necessidade de apoiar o aprofundamento dos produtos turísticos já existentes, bem como, a diversificação e qualificação temática da oferta de alojamento no domínio da hotelaria convencional de forma a torna-la mais atractiva.

Não esquecendo a importância que a restauração assume no desenvolvimento turístico, importa reforçar a qualificação e diversificação da gastronomia local, também é de grande importância para o turismo o apoio e criação de eventos que sirvam de promoção turística geral e/ou particular a estas ilhas. Tudo isto deve ser fortemente apoiado por uma qualificação profissional do capital humano do sector turístico e das actividades complementares.

A criação de roteiros turísticos intra-ilha bem como inter-ilhas, poderá ser uma forma de publicitar e desenvolver o turismo de ilhas periféricas como São Jorge. Esta Ilha, com um potencial turístico bastante alargado, poderia conseguir as mais-valias pretendidas, com a criação de roteiros turísticos baseados nas suas especificidades, bem como tentar estabelecer rotas com outras ilhas, daquilo que lhes fosse semelhante.

A LED 4 preconiza o fomento da procura turística e da visibilidade externa do turismo regional, para isso defende a necessidade de desenvolver medidas tendentes à sensibilização da população em geral para o turismo criando, desta forma, *“um clima interno favorável à recepção turística”*. Nesta LED é reforçada a necessidade de promover o destino turístico Açores bem como fomentar a sua procura através do reforço das acções de externa nos mercados já consolidados.

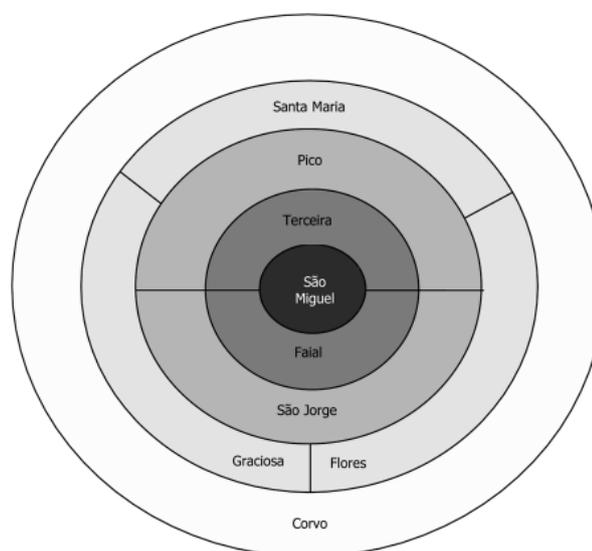
Também é de suma importância *“a identificação de operadores turísticos alternativos, inovadores e que funcionem em segmentos e produtos turísticos específicos e desenvolvimento de campanhas promocionais a eles dirigidas”*. Esta medida vem reforçar o já anteriormente aqui referido de que é muito importante para o turismo, a criação de medidas alternativas e inovadoras para um incremento da procura turística, tal como, um maior esforço privado na promoção dos seus próprios produtos turísticos.

É sabido que o ordenamento do território tem uma enorme importância quer para o seu próprio desenvolvimento sobre si próprio, mas também deve ser visto de forma mais abrangente, numa perspectiva integrada que pode causar atracção ou repulsão por esse mesmo território nas mais diversas ambiências. Assim, a LED 6 propõe medidas que promovam uma maior articulação, vertical e horizontal, entre os instrumentos de intervenção no domínio do ordenamento do território com o desenvolvimento turístico.

Esta LED, também, defende o respeito e a aplicação dos elementos constantes no modelo territorial de desenvolvimento turístico. Isto tem maior importância num país em que a população critica veementemente os organismos públicos de serem os primeiros a

prevaricar, não respeitando as normativas impostas por eles mesmos. De salientar que estes desrespeitos deixam marcas no território, por vezes difíceis de recuperar.

Através da análise da figura 3 é possível verificar os cinco níveis estabelecidos pelo PROTAA no que respeita ao posicionamento estratégico das diversas ilhas no domínio do turismo. A ilha de São Miguel assume uma posição central e dominante, posição esta que dificilmente será ultrapassada. Seguindo-se dois centros secundários: Faial e Terceira; uma periferia próxima é constituída pelas ilhas do Pico e São Jorge; seguindo-se as ilhas da Graciosa e Flores; e por fim, com uma distância assumida e sobejamente conhecida, o Corvo.



Legenda:

●	Centro principal
●	Centro secundário
○	Periferia próxima (1ª ordem)
○	Periferia de 2ª ordem
○	Periferia distante

**Ilustração 3** Posicionamento estratégico das ilhas no domínio do turismo – centralidade

Fonte: POTRAA, 2008

O Faial, segundo este plano, assume uma posição, na minha opinião exagerada. Estes números são inflacionados pelo maior número de chegadas ao aeroporto do Faial, mas que depois fazem turismo, essencialmente na vizinha ilha do Pico.

São Miguel domina a centralidade dos Açores nos diversos níveis e também do ponto de vista turístico, a forma que as outras ilhas têm de se estabelecerem no turismo açoriano prende-se com o aproveitamento das suas mais-valias, criando assim centralidades conforme a estratégia adoptada e servindo, desta forma, para mitigar as disparidades existentes entre ilhas. *“Isto quer dizer que o posicionamento estratégico de uma determinada ilha, analisado da forma tradicional (unidimensionalmente) ou para uma determinada janela do espectro turístico pode ser bastante periférico e desfavorável, e para outra janela do espectro turístico ser bastante central.*

*É precisamente esta detecção das dimensões/produtos turísticos que são susceptíveis de maximizar a centralidade de cada uma das ilhas uma das tarefas chave que se impõem tendo em vista estabilizar os respectivos posicionamentos estratégicos mais favoráveis”.*

Para este desenvolvimento multidimensional dever-se-á debruçar esta estratégia sobre dois pontos essenciais:

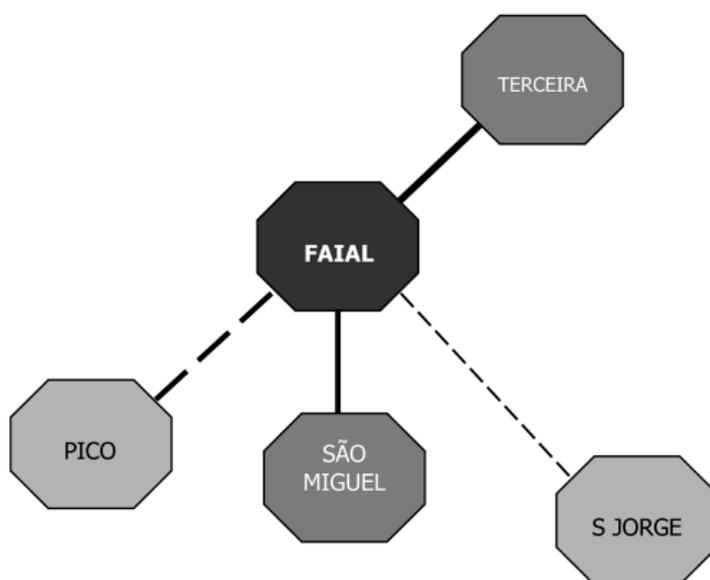
- “1) *Estratégia da oferta, muito em particular a estratégia de produtos turísticos;*
- 2) *Estratégia de associação/articulação territorial, tendo em vista reforçar complementaridades e sinergias inter-ilhas.*”

**Tabela 1** Apostas estratégicas por Ilhas - reforço das centralidades

Fonte: POTRAA, 2008

Ilhas	Estratégia específica da oferta/produtos	Estratégia de articulação territorial
São Jorge	Queijo Fajãs Pedestrianismo Desportos náuticos	Reforço do triângulo Central e, em acréscimo, das ligações à Terceira e São Miguel. Espírito Santo

Como pode ser visto no quadro precedente, as estratégias de centralidade da Ilha de São Jorge baseiam-se na divulgação do famoso queijo da Ilha, nas fajãs que são marca desta Ilha (não que não exista nas outras ilhas, mas porque aqui são em maior quantidade, com características marcadamente rurais e com uma maior ligação à paisagem/natureza); o pedestrianismo que também pode estar associado às fajãs, já que muitas têm acesso exclusivo pelos trilhos demarcados; e por fim os desportos náuticos.



**Ilustração 4** Faial - Produto estratégico «Náutica de recreio»

Fonte: POTRAA, 2008

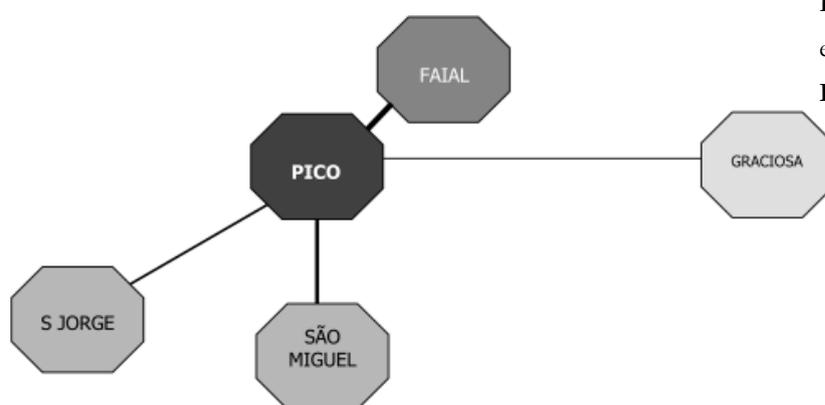
Legenda:

Espessura dos traços - intensidade das ligações.

Tracejado largo - ligações após a conclusão dos projectos previstos.

Cor - centralidade (tom mais escuro - maior centralidade).

Na figura 4 é estabelecido o Faial como o centro do produto estratégico «náutica de recreio» sendo que o Pico e sobretudo São Jorge estão na sua periferia. Há uma maior ligação com a Terceira e São Miguel. A legenda informa que este caso está limitado pela falta de conclusão de projectos, isto sobretudo no tracejado largo – Pico. Porém, São Jorge não deveria ficar numa posição tão periférica a ilhas que lhe estão tão próximas, embora possam faltar melhorias e até mesmo a existência de infra-estruturas de apoio a este tipo de actividades, São Jorge tem óptimas condições para a prática de diferentes actividades náuticas.

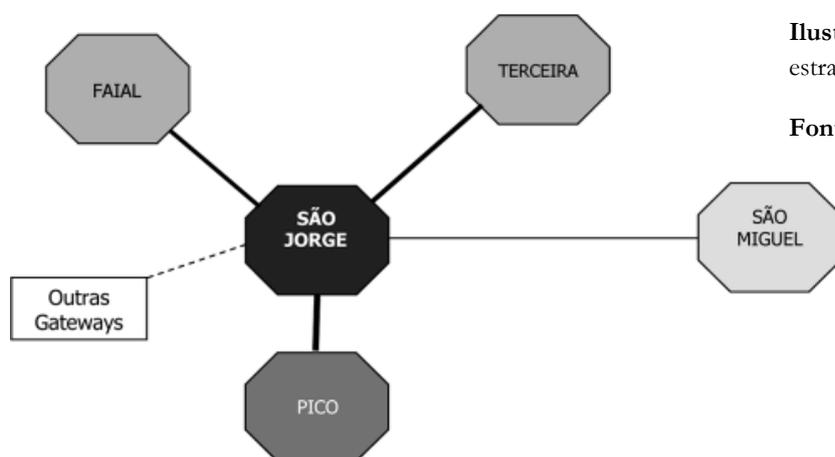


**Ilustração 5** Pico - Produto estratégico «Baleia»

Fonte: POTRAA

Legenda:  
Espessura dos traços — intensidade das ligações.  
Cor — centralidade (tom mais escuro — maior centralidade).

Nesta figura o Pico é o centro do produto estratégico «Baleia», sem dúvida muito apropriado, mas menos apropriada é a ligação tão directa que é apresentada de São Miguel a este produto, ainda menos se comprarmos com São Jorge que na figura apresenta uma relação de menor importância a esta centralidade do Pico e está muito mais perto geograficamente para usufruir deste centro e deste produto.



**Ilustração 6** São Jorge - Produto estratégico «Queijo»

Fonte: POTRAA, 2008

Legenda:  
Espessura dos traços — intensidade das ligações.  
Tracejado — ligação por via das *gateways*.  
Cor — centralidade (tom mais escuro — maior centralidade).

O produto estratégico «Queijo» associado à centralidade de São Jorge está ligado às ilhas mais próximas do Faial, Pico e Terceira com maior grau de influência possivelmente pela sua proximidade, mas também poderá estar ligado ao facto de nessas ilhas, sobretudo Pico e Faial, serem confeccionados queijos também de sucesso apesar de tipologia diferente do queijo São Jorge. São Miguel estando associado a esta centralidade de São Jorge, deverá ser essencialmente devido a ser um canal de exportação e publicidade (Lactaçoeres – empresa de produtos lácteos a que está ligada a Uniqueijo, uma das maiores produtoras do queijo São Jorge), mas também por esta ilha ser produtora do conhecido queijo Terra Nostra. Sendo assim, verifica-se uma relação de proximidade e de efectiva ligação entre o centro e as ligações definidas.

É de salientar que a estratégia das várias ilhas não poderá ser encarada de uma forma isolada e baseada apenas num produto estratégico, devendo estabelecer-se como Ilha de forma criadora e localmente tendo em vista o desenvolver da oferta com outras apostas, além da que se define como estratégia principal, permitindo, dessa forma, o aumento da estadia média em cada uma das ilhas. Por outro lado, é necessário diligenciar articulações entre os vários agrupamentos e, mesmo, com a do todo regional, de forma a marcar uma *“posição num ambiente-circuito orientado para um turismo mais generalista”*.

Na sua dimensão estratégica de intervenção, o POTRAA estabelece, para cada uma das LED propostas, objectivos associados e acções para atingir esses mesmos objectivos. No fundo, nesta fase do plano, não trás muito de novo ao que já tinha sido referido anteriormente no seu relatório, a novidade prende-se, sobretudo, com o estabelecimento de acções.

A LED 1, no seu primeiro grande objectivo, visa essencialmente a integração horizontal do sector turístico e o fomento da articulação entre instituições e actores, onde pretende criar e fomentar o apoio político e privado ao turismo regional, através da criação de parcerias e pacotes turísticos pré-elaborados através da consciencialização dos actores envolvidos, para atingir este grande objectivo define como principais acções:

*“• Apoio ao associativismo entre empresários de meios de alojamento não convencionais, e de animação turística.*

*• Apoio à actividade do observatório de turismo na monitorização e avaliação a actividade turística.*

*• Apoio à criação de redes específicas de produtos.”*

Num segundo objectivo que visa essencialmente o aprofundamento/actualização do conhecimento sobre o turismo em geral e o sector turístico regional em particular, estabelecendo essencialmente o apoio de estudos prospectivos na área do turismo regional fomentando a ligação entre os agentes e as escolas de turismo da região, define como principais acções:

- *Apoio às escolas de turismo regionais e centros de investigação avançada na área do turismo, bem como a sua ligação com o sector.*
- *Criação de bolsas de projectos de investigação e elaboração de dissertações particularmente relevantes para a área do turismo.*
- *Criação de prémios anuais para trabalhos inéditos de investigação na área do turismo.*
- *Apoio à organização de programas de estágios/ intercâmbio dos alunos de hotelaria e turismo da Região em escolas de referência nacionais e internacionais*
- *Apoio a projectos incidentes sobre o sistema de informação turístico regional.”*

Estes objectivos e respectivas acções de concretização ressaltam a necessidade de uma política adequada e integrada com os agentes do turismo regional, para além do incentivo de parcerias entre estes agentes e as escolas de turismo. Aqui o reforço, tal como já supra referido, da ideia de que a formação é de grande importância para um desenvolvimento turístico.

Na LED 2, o objectivo genérico visa o apoio à criação ou melhoria de infra-estruturas e serviços detentores de valia turística. As acções correspondentes não estabelecem nenhuma actividade para São Jorge, são definidas medidas para São Miguel e Terceira, essencialmente, não querendo isto dizer que São Jorge não necessite da criação ou melhoria de infra-estruturas detentores de valia turística.

Uma segunda medida visa o apoio às actividades económicas correlacionadas com a actividade turística e que contribuam para o incremento dos graus de satisfação dos turistas. Os objectivos associados prendem-se com a melhoria das unidades comerciais mais directamente ligadas ao sector turístico, e o reforço do incentivo de ligação do artesanato ao turismo bem como da sensibilização turística a agentes envolvidos, mesmo que indirectamente no sistema turístico.

Como acções esta LED define:

- “• Apoio a acções de sensibilização para o turismo dirigidas a actores relevantes para o desenvolvimento do sector, nomeadamente através da promoção de reuniões com as respectivas entidades associativas e a produção de veículos de informação sobre o turismo regional específicos e dedicados.
- Apoio à modernização da actividade artesanal através da incorporação de inovações dentro de um quadro de tradição, tendo em vista qualificar a produção regional.
  - Construção de infra-estruturas vocacionadas para abrigar empresas emergentes no domínio do artesanato, para divulgar o artesanato e para comercializar produtos artesanais e ao associativismo.
  - Apoio à participação de artesãos em certames e feiras de artesanato nacionais e internacionais.
  - Apoio à reconversão, melhoria e reforço da identidade regional dos pontos de venda de artesanato situados nas áreas de maior frequência turística.
  - Apoio à marca «Artesanato dos Açores» e à certificação de uma rede de postos de venda «Loja de artesanato dos Açores».
  - Apoio à reconversão de unidades comerciais e de serviços operando em ramos com fortes ligações com o turismo.”

A terceira e última medida da LED 2 visa o apoio à criação/melhoria de infra-estruturas de transportes com valia no domínio do turismo e recreio, bem como à melhoria e flexibilização das acessibilidades internas e externas. Um dos objectivos associados a esta medida prende-se com a sinalização turística viária, algo que tem sido reparado pela população residente e também pela visitante. As acções para esta medida visam a construção de diversas infra-estruturas marítimas de apoio ao turismo, nas diferentes ilhas. Para São Jorge estabelece a “criação do Porto de Recreio da Calheta, no sentido de posicionar esta ilha no campo do turismo náutico e, desta forma, reforçar a sua atractividade turística.” Esta acção não é a mais prioritária para São Jorge no segmento náutico, visto que houve a construção de um porto na Calheta para a passagem de barcos de passageiros, que afinal não conseguem atracar devido à falta de condições daquele porto. Sendo assim, este porto pode perfeitamente servir para recreio, visto que o embarque e desembarque de mercadorias e passageiros são feitos no porto de Velas, este sim, já a acusar necessidade de ampliação.

A primeira medida da LED 3 preconiza acções de “apoio à preservação e valorização do património material e imaterial regional de reconhecida valia turística”. Para além de outras acções que visam a valorização dos espaços ao ar livre apoiando uma vertente desportiva – BTT, actividades radicais.

Numa outra medida desta LED, salienta-se o objectivo de apoiar a constituição de roteiros temáticos intra-ilhas e inter-ilhas, tal como anteriormente referido nesta dissertação.

Na terceira medida desta LED, os objectivos delimitados visam o aumento da oferta de alojamento alternativo à hotelaria convencional, designadamente as unidades de turismo de habitação, turismo em espaço rural ou a pequena hotelaria dispersa. As acções desta medida estabelecem a criação de unidades de turismo de habitação, turismo em espaço rural ou pequenas unidades hoteleiras fora das áreas urbanas de expansão turística, para além do apoio à remodelação, modernização de unidades de alojamento convencional e, finalmente, o incentivo ao reforço da animação turística e hoteleira. Estas acções vêm reforçar ideias já recomendadas anteriormente.

Outra medida desta LED que deve ser destacada prende-se com a criação e articulação de eventos já existentes com valia turística. Define como acções desta medida o apoio à criação de eventos promocionais associados à temática mar/turismo náutico, bem como eventos ligados à pesca desportiva ou de outros domínios relevantes. Estes eventos devem estar estabelecidos num calendário regional, bem divulgado e dinamizado quer do ponto de vista de grandes eventos como dos locais.

Por fim esta LED defende o apoio ao desenvolvimento de estudos sobre a necessidade de formação profissional na área do turismo, apoiando a criação e desenvolvimento de programas de formação profissional nesta área, bem como a criação de infra-estruturas escolares no domínio da formação turística.

Estas medidas reforçam a ideia, já estabelecida, quer da grande aposta que deve ser feita no turismo de actividade náuticas, quer da aposta que deve ser feita na formação profissional adequada ao turismo.

A LED 4 preconiza a criação/reforço de um clima interno favorável à recepção de turistas, reforçando a necessidade de sensibilizar a população insular para a importância estratégica do turismo no contexto da economia regional e para o próprio desenvolvimento local.

As acções apontadas para o desenvolvimento desta LED prendem-se com:

- *Apoio a campanhas nos media regionais sobre a importância do turismo nos Açores.*
- *Apoio à elaboração de exposições sobre a realidade actual do turismo regional e sobre as perspectivas de futuro.*
- *Criação e elaboração de materiais de divulgação tendo em vista sensibilizar as populações para o estabelecimento de um ambiente propício ao desenvolvimento de um turismo de qualidade.”*

A segunda medida desta LED visa o aumento da visibilidade externa do turismo dos Açores e reforço do seu posicionamento nos principais mercados emissores com significado estratégico. Os principais objectivos associados a esta medida, no geral, passam por uma divulgação e promoção do destino Açores e o reforço deste através da inovação das acções desenvolvidas pelos operadores turísticos.

Estabelece como acções para o desenvolvimento desta medida:

*“• Estudo e avaliação das grandes linhas orientadoras do marketing turístico da Região e sua eventual reformulação em função dos resultados obtidos e dos novos contextos de enquadramento.*

*• Promoção do destino Açores, através de formas diversificadas, nos principais mercados emissores e junto dos segmentos de mercado mais convenientes, nomeadamente dos mercados com forte implantação de descendentes de populações açorianas emigradas.*

*• Promoção específica das potencialidades da Região no segmento do turismo de convenções, negócios, científico, de criação artística, de incentivos e seu direccionamento para os respectivos públicos alvo.*

*• Organização de iniciativas dirigidas a convidados relevantes (opinion makers).*

*• Apoio aos principais editores de guias turísticos nacionais e internacionais de grande expansão, tendo em vista a produção e edição de guias sobre os Açores.”*

O cerne desta LED visa a promoção de qualidade do destino Açores, uma promoção baseada num marketing territorial e empresarial bem direccionado ao público-alvo a ser atingido. Esta promoção turística deve ser apoiada, também, no estrangeiro para aumentar o espectro de turistas conhecedores e incentivados a conhecer esta região.

Terminando o destaque de elementos das LED deste plano, conclui-se esta análise, com a medida da LED 5. Esta LED que defende o suporte a acções específicas no âmbito do ordenamento turístico do território, defendendo a *“articulação entre os diversos instrumentos de intervenção no domínio do ordenamento do território da sua articulação, vertical e horizontal, com o desenvolvimento turístico; aplicar e fazer aplicar os elementos constantes no modelo territorial de desenvolvimento turístico; fomentar a dispersão territorial das unidades de alojamento e das restantes componentes do sistema turístico, de acordo com as tipologias territoriais definidas.”*

As acções adjacentes a estes objectivos visam, essencialmente, a divulgação das orientações de natureza territorial associadas à estratégia turística, de uma forma sustentável. Defende ainda, o apoio às autarquias nas limpezas de espaços com vertente turística, bem como de outras medidas ecológicas.

Esta LED ressalva a necessidade de uma atenção ecológica de apoio à vertente turística, o que num destino que preconiza como principal atracção a paisagem/natureza faz total sentido uma preservação da qualidade ambiental assente numa limpeza destes mesmos locais, de forma a torná-los aprazíveis a quem os visita.

No que respeita aos espaços específicos de vocação turística recomendados pelo POTRAA, este recomenda a criação de novos espaços para diferentes ilhas, incluindo São Jorge, por considerar que nestas ilhas existe um nível de procura à qual os espaços destinados, especificamente, à implementação de unidades e estruturas turísticas, não dão resposta.

Contudo o estudo feito por este plano, chegou à conclusão que a relação entre a procura turística esperada, expressa no número de camas proposto para cada ilha, tendo em conta a avaliação da disponibilidade de terrenos para edificação no Sistema Urbano, concluiu que diversas ilhas incluindo São Jorge, apresentam um défice de áreas para a implementação das referidas camas se se pretendesse criar áreas turísticas desafogadas e em regime de baixas densidades.

Desta forma, este plano recomenda a criação de novos Espaços Específicos de Vocação Turística, acrescentando aos já existentes. No caso de São Jorge os Planos Directores Municipais não previram este tipo de espaços (tal como já referido, estes planos estão desadequados e foram elaborados de forma pouco cuidada e respeitadora das reais necessidades e características do território).

Para a criação destes espaços, este Plano preconiza a escolha de zonas numa extensão de alguns quilómetros a partir da linha de costa por se considerarem *“ser estas as áreas que apresentam melhores condições naturais para a fixação humana e, mais particularmente, para o desenvolvimento turístico, já que são as áreas mais amenas, com maior insolação e capazes de oferecer actividades lúdicas relacionadas com o mar”* (PROTAA, 2008). Respeitando esta premissa, foi considerada a faixa entre a Urzelina e Manadas, na costa sul da Ilha de São Jorge, no município de Velas.

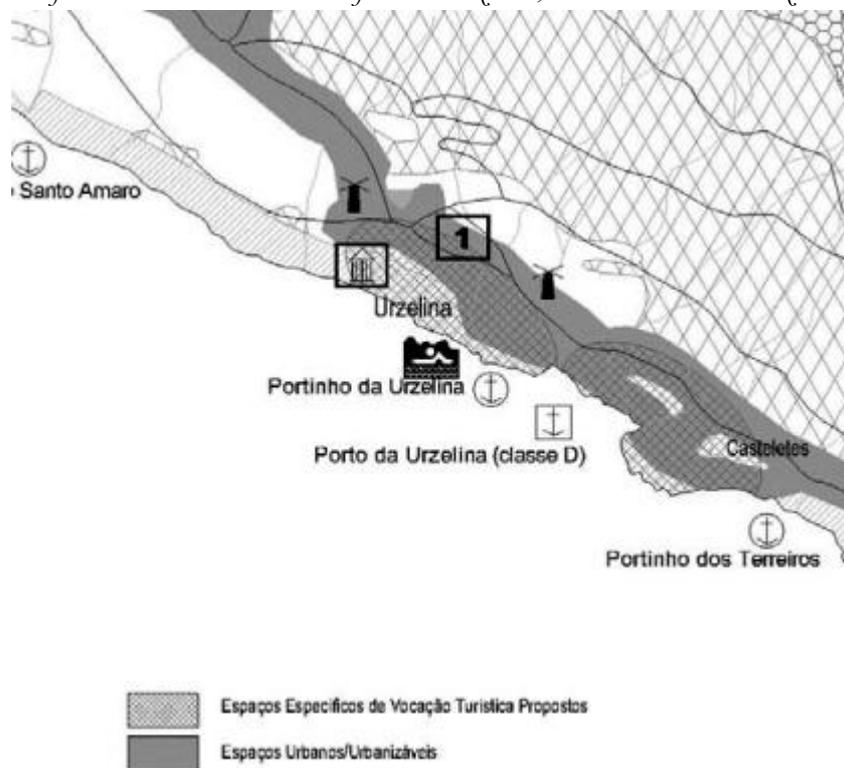
De facto esta faixa escolhida representa uma proximidade com o mar significativa, porém deve referir-se que existem outras zonas, talvez até com mais espaço de construção, e em que a distância ao mar não é elevada (por toda a ilha a distância a uma zona balnear é de cerca de dez minutos). Neste caso pode-se destacar a zona inicial da freguesia dos Rosais ou a zona da Queimada.

Apesar desta faixa de território ter sido a escolhida por este plano, este reconhece-lhe algumas limitações, passando-se a transcrever a parte do plano onde destaca a Ilha de São Jorge na sua estratégia:

*“A zona «global» estudada tem elevado interesse paisagístico, mas tem muito poucos acessos ao mar, já que este apenas se faz em Urzelina e Manadas. Para além disso, também não existem muitas acessibilidades para o seu interior, em grande medida devido à densa arborização. As zonas mais atractivas são os arredores de Urzelina apesar da pouca disponibilidade de terrenos não comprometidos.*

*Com relativo potencial destaca -se a zona entre Urzelina e Manadas, por ainda ter muito espaço livre. A zona de Manadas começa já a ser demasiado declivosa.*

*Identificaram -se duas áreas: uma junto a Urzelina, e uma outra entre Urzelina e Manadas.*



*A primeira intersecta parte da área urbana/urbanizável de Urzelina, tem poucos condicionamentos do ponto de vista das exposições solares e dos declives e apresenta características paisagísticas muito interessantes.*

*A zona entre Urzelina e Manadas é extremamente apelativa do ponto de vista natural, mas apresenta terreno de ocupação*

**Ilustração 7** Espaços Específicos de Vocação Turística recomendados para a Ilha de São Jorge

**Fonte:** POTRAA, 2008

*mais difícil na proximidade do mar, em virtude da sua inclinação. Ocupa uma área classificada como espaço urbano, mas que se optou por incluir devido à pouca densidade de ocupação que ainda apresenta.*

*No PDM das Velas, o espaço definido para a zona de Urzelina está inserida em Espaço Florestal de Protecção, em Espaço Florestal de Produção e, como se referiu, em Espaço Urbano e Urbanizável, enquanto a zona entre Urzelina e Manadas abrange apenas Espaços Urbanos e Florestais de Protecção. Qualquer destas categorias é, de acordo com o PDM compatível com a existência de «empreendimentos de*

*alojamento turístico a classificar como estabelecimentos hoteleiros, apartamentos turísticos, aldeamentos turísticos ou turismo em espaço rural e os empreendimentos de animação turística».*

Para concluir esta análise do POTRAA, destaque ainda para os pontos de interesse turístico, este plano não tem como objectivo a identificação exaustiva de todo o património açoriano, mas daquele com maior importância turística como por exemplo, e no caso específico de São Jorge, *“as fajãs, que apenas são representadas na Ilha de S. Jorge — por ser ali que se localizam as mais expressivas manifestações destas formações”*, embora não signifique, como já aqui dito, que não existam noutras ilhas.

Este Plano também defende a salvaguarda e reabilitação, bem como a reutilização e/ou reafecção do património cultural como localização preferencial das actividades e equipamentos de suporte propostos.

*“O POTRAA preconiza, tanto quanto possível, a reutilização/ reafecção dos elementos patrimoniais de valor como estratégia de salvaguarda e manutenção deste património, em acção coordenada com o conhecimento e promoção de aspectos complementares como os valores culturais e sociais da região”.*

Pode então perceber-se que este plano delimita estratégias baseadas numa noção clara do território, defendendo que este deve crescer e desenvolver-se de forma sustentada e apoiada claramente nas suas características específicas. Para isto, é necessário cuidar destas mesmas características para que este território possa, de facto, evoluir do ponto de vista turístico e conseqüentemente, económica e socialmente.

Para esta evolução, defende-se o aproveitamento do que já existe, melhorando, requalificando, muitas vezes, mas não incentiva o total crescimento de construção nova. Sabe-se que o espaço deve ser protegido e salvaguardada a sua qualidade.

Reunindo estas condições, acredita-se estarem reunidas, ainda mais condições, para o sucesso turístico de um território já por si cheio de riqueza e valias turísticas.



## II. A ILHA DE SÃO JORGE: ENQUADRAMENTO

### II.1 – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

**Ilustração 8** Mapa do enquadramento da Região Autónoma dos Açores

Fonte: <http://noveilhas.no.sapo.pt>



O arquipélago dos Açores localiza-se no Atlântico Norte entre a latitude 37° - 40° N e a longitude 25° - 31° W, e é constituído por nove ilhas vulcânicas e alguns pequenos ilhéus.

Do ponto de vista da tectónica de placas, o

arquipélago situa-se na junção da zona de fractura Açores-Gibraltar com a Crista Média Atlântica. As duas estruturas referidas constituem as fronteiras tectónicas entre as placas litosféricas Americana, Euroasiática e Africana. A fronteira Açores-Gibraltar que, entre as latitudes 15°W e 25°W apresenta uma direcção sensivelmente E-W, inflecte a SE de Santa Maria para WNW, coincidindo com o alinhamento das próprias ilhas do arquipélago. As ilhas estão divididas por três grupos que se estendem na direcção WNW-ESE. Trata-se, portanto, de uma situação tectónica complexa que constitui a chamada “junção tripla dos Açores” (in [www.uac.pt](http://www.uac.pt)).

No Arquipélago dos Açores podem encontrar-se condições climáticas privilegiadas, que são conferidas pelo seu clima temperado marítimo, húmido e moderadamente chuvoso com algumas variações anuais nos valores da temperatura, humidade e precipitação. O

clima é muito influenciado pelo Anticiclone a que se atribuiu o nome de Anticiclone dos Açores pela sua proximidade. A temperatura média anual é de 17,5°C, embora no Verão chegue a atingir os 23°C e no Inverno desça para os 13°C. A temperatura da água, também, não sofre grandes oscilações, mantendo-se entre os 17°C e os 24°C. A humidade relativa do ar mantém-se elevada por todo o ano, tendo como valores médios entre os 75% e os 80%.

Todo o Arquipélago constitui uma zona de transição entre os trópicos e a região temperada, servindo como zona de residência, nidificação e local de descanso para várias espécies de aves. Na flora Açoriana pode-se encontrar cerca de 900 plantas vasculares que pertencem à vegetação nativa ou que tenham sido introduzidas recentemente. Sendo 59 destas espécies exclusivas do Arquipélago – espécies endémicas – muitas delas encontram-se em perigo de extinção devido a espécies invasoras.

À latitude de 38° 40' Norte e à longitude de 28° 07' Oeste, no centro geográfico do Arquipélago, encontra-se São Jorge, com cerca de 55 km de comprimento, São Jorge, tem a largura máxima de 6,9 km (Fajã das Pontas / Portinho da Calheta) e uma superfície aproximada de 246 km<sup>2</sup>. À semelhança das outras ilhas do arquipélago, esta ilha também de origem vulcânica, sendo a sua formação datada do Pliocénico há cerca de 2 a 5 milhões de anos, iniciada pela zona hoje denominada de Topo e, crescendo devido a sucessivas erupções vulcânicas, atingiu a dimensão que hoje conhecemos e se encontra, por acção dos elementos, em constante transformação.

A Ilha denota uma divisão em três zonas perfeitamente distintas: do Topo ao Norte Pequeno planáltica; a zona central é montanhosa e de novo planáltica até ao seu extremo ocidental.

Toda a sua vertente Norte é escarpada, tendo alguns desníveis suavizados, sendo eles resultado de ocasionais derrocadas ou outros fenómenos vulcânicos que originaram as Fajãs que, para além de possuírem terrenos férteis, são, na sua maioria, detentoras de verdadeiros microclimas que as tornam ideais para culturas específicas e algo exóticas.



**Ilustração 9** Vista da Costa Sul da Ilha

**Fonte:** [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

A costa Sul apesar de ser mais acessível, apresenta íngremes falésias suavizadas na zona central - da Fajã das Almas às Velas – sendo quase inacessível o seu extremo ocidental que se apresenta com arestas mais vivas evidenciando a sua formação mais recente (ver ilustração 9).



Ao longo da toda a costa pode-se ter uma visão da constituição geológica verificando-se o predomínio das rochas basálticas e escórias vulcânicas registando-se ainda, na zona do Topo, a existência de camadas de barro que podem atingir vários metros de espessura.



**Ilustração 11** Vista do Pico da Esperança

**Fonte:** Elaboração própria

Numa subida ao Pico da Esperança, na zona central da Ilha, pode-se evidenciar a sua origem vulcânica, distinguem-se perfeitamente as crateras da existência de vulcões que estão na génese da zona central e ocidental da Ilha, com realce para as erupções históricas de 1580 e 1808.

A sua localização (em pleno oceano Atlântico) numa zona de altas pressões atmosféricas, beneficiando da influência da corrente do Golfo (gulf stream) que, mantendo a temperatura da água do mar entre os 17° e os 23°C e com temperaturas atmosféricas entre os 13° e os 24°C, condiciona a humidade do ar com uma média anual de 75% e proporciona um regime de chuvas que ajudam a moldar não só o aspecto físico da paisagem como da fauna e flora.

No que diz respeito à flora, a Ilha é rica em vegetação que devido à humidade que se mantém ao longo do ano, permite manter-se sempre luxuriante com cores vivas. As espécies endémicas que podem ser encontradas são, entre outras, Cedro-do-mato (*juniperus brevifolia*); Pau-branco (*picconia azorica*); Feto (*dryopteris azorica*); Orquídea ou Conchelo-do-mato (*plantanthera micrantha*) – planta com mais de 50 cm de altura, na sua maior parte localizada acima dos 600 metros de altitude em recantos húmidos e fortemente expostos; Uva-da-serra (*vaccinium cylindraceum*) – arbusto muito frequente da floresta de louro e cedro (floresta indígena), que cresce geralmente acima dos 400 metros de altitude; Ginja (*prunus lusitanica*) – é umas das plantas mais raras dos Açores, encontra-se sempre acima dos 500 metros de altitude; Louro



**Ilustração 12** Parque das 7 Fontes

**Fonte:** [www.visitportugal.com](http://www.visitportugal.com)

(*Laurus azorica*); Urze (*Erica scoparia ssp. Azorica*), (in Espécies Endémicas – Açores, bloco de notas, DRA, 2002.)

Quanto à fauna, pode dizer-se que a fauna primitiva deveria compor-se sobretudo de aves. Sendo que algumas das espécies então existentes ainda hoje nidificam em São Jorge. Entre outras podem-se encontrar: Cagarro, Canário, Gaivota, Garajau, Melro, Pintassilgo, Tentilhão e em destaque o maior de todos – Milhafre. Junto ao mar as espécies de crustáceos e moluscos que ainda se podem encontrar são: Amêijoa (São Jorge é única ilha dos Açores onde se pode encontrar este molusco, mais propriamente na lagoa da Fajã de Santo Cristo ou Caldeira – *Venerupis Decussatus*), Búzio, Caranguejo, Lapa brava, Lapa mansa. Todos os outros animais foram introduzidos, com exceção para o morcego.

## II.2 – VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM

*“De que falamos nós, quando falamos de ilhas? Creio que de formas. Das belas estranhas formas que elas nos sugerem ao olhar. Sempre que as vemos no mapa, não são mais do que corpos fixos, sem nenhum fogo na alma; corpos em deriva nas voltas, volutas e luxúrias do mar. Mas quando olhamos de uma ilha para a outra, essa nova perspectiva representa também uma mudança na alma e na forma das ilhas (...)”* (João de Melo, 2000)

As formas são valorizadas por todo o lado por onde se passe mas, certamente, nas Ilhas assumem uma expressão maior visto que, a sua origem ou até mesmo a sua insularidade incutem um tratamento diferente, mantendo um maior contacto com a sua formação, *“(...) São Jorge toma à minha vista deslumbrada outra posição e relevo. Esta ilha esguia, que parece um grande bicho à tona de água, mostra-me no focinho penedos aguçados como dentes (...). São Jorge estendido ao sol, doirado e longínquo, cheio de crateras inofensivas e roxas, abrindo as bocas diante de mim, com um pouco de azul lá dentro (...)”* (BRANDÃO, 1923).

Nos Açores, nas diferentes ilhas, contactamos com diferentes formas. Cada Ilha é desigual dentro de si mesma, bem como de uma Ilha para outra. São Jorge, é um bom exemplo das diferenças visíveis dentro da própria Ilha, as suas formas marcadas pelas diversas formações geológicas, marcam a paisagem de forma significativa e muito apreciada, estas formações são visíveis das ilhas que a rodeiam, provando, mesmo à distancia, a beleza da

Ilha “(...) não tiro os olhos, não posso, de S. Jorge iluminado pelo último sol, riscado de sombras e quase transparente. Sento-me nos degraus do antigo convento dos franciscanos, com a ilha etérea à frente... S. Jorge é poeira e sonho, onde distingo algumas crateras escancaradas – uma delas derrubada e toda azul por dentro – e montes inclinados para o mar (...)” (BRANDÃO, 1923).

Se as formas da própria Ilha são um marco da sua respectiva paisagem, é de referir a suma importância que assume a paisagem da visualização de outra Ilha no horizonte “(...) já percebi que o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente (...)” (BRANDÃO, 1923). Nem todas as ilhas o têm, ou não é em todos os pontos da ilha que se consegue visualizar outra, porém, São Jorge é uma Ilha privilegiada pois, em qualquer ponto onde nos encontremos conseguimos ver, pelo menos, uma das quatro ilhas vizinhas e perfeitamente visíveis, na maior parte dos dias, aumentando a beleza da sua própria paisagem.

“Seis meses de Inverno, seis meses de mau tempo, dizem os marítimos deste oceano misterioso que talvez esconda a Atlântida. Nos Açores a Primavera não existe, por causa dos icebergues, que vêm muitas vezes até distâncias relativamente curtas das flores. Ao mesmo tempo o Gulf Stream aquece e modifica a temperatura, exercendo uma grande influência na atmosfera e nas águas: aconteceu-me meter a mão no mar e achá-lo tépido como o sangue. Aqui só há uma estação admirável – Junho, Julho e Agosto. Nos outros meses os montes estão quase sempre envoltos nos seus capelos de névoa... chuva no Verão ou mau tempo no Inverno(...)” (BRANDÃO, 1923)

Quase um século depois, mas as palavras de Raul Brandão continuam perfeitamente aplicáveis ao Arquipélago por ele visitado. O clima incerto nas ilhas açorianas é uma constante, se no Inverno o mau tempo é, por vezes, rigoroso quer pela passagem de ciclones quer porque “o atlântico açoriano (...) atinge profundidades de quase quatro mil metros. Do Pico a S. Jorge dezassete quilómetros, as sondas têm acusado mil e trezentos metros. Quando este mar embravece, vagalhões como montanhas despedaçam-se com fúria nas falésias maciças, ecoam nas grutas e ribombam com um estrondo que apavora (...)” (BRANDÃO, 1923), no Verão também, não é certo que os dias sejam de completo bom tempo. Se por um lado esta incerteza climatérica, sempre recheada de muita humidade, é o que preserva o verde e as flores o ano todo, é certo que muitas vezes impossibilita de presentear quem visita as Ilhas, com as suas maravilhosas paisagens por estarem cobertas da neblina tão característica sobretudo nas elevações das Ilhas.

Os mais antigos, porém, dizem que este tempo está louco, que os dias são mais abafados e que o Verão chega cada vez mais tarde, as culturas são afectadas com toda esta incerteza no

tempo, mas numa terra onde “até os animais são calmos” como disse a Sra. Rosa aquando da sua visita aos açores, estas gentes recebem estas alterações como obras divinas. Brandão, 1923 refere que *“em S. Jorge, a ilha trágica, vale a pena ouvir a voz do pastor, a queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores”*. Certamente este “homem” já não se apresenta tão “desgraçado” mas, este comentário serve de referência a uma população marcada pela insularidade e deixada, diversas vezes, à sua própria sorte com as intempéries que muitas vezes assolam esta terra e estas gentes. A história de um povo não se apaga e, certamente, algumas destas características deste “homem desgraçado” se mantêm, a população de São Jorge é tida como uma população que, apesar de amistosa é desconfiada. Considero, mesmo, que os mais antigos têm medo de arriscar, de procurar ir mais além. Tudo é visto com medo e desconfiança do “e se corre mal”, esquecendo que tudo pode correr bem acabando, muitas vezes, por passar esse medo para as gerações mais novas. Este pensamento reflecte-se no turismo pois, com o medo de arriscar o que se faz acaba por ser feito para atingir o razoável e não o bom. Acaba por se preconizar uma situação de algum “desenrasca”, que acaba por se reflectir de forma, por vezes, insatisfatória para quem visita esta Ilha.

O convívio entre o homem e a natureza é aqui de grande comunhão, pois a população tem a perfeita noção que precisa da terra para o seu sustento. Já para uma vertente de maior ponderação paisagística, há um despertar de mentalidades mas, ainda há muito a ser feito.

Toda esta incerteza climática incute um carácter especial a estas terras de bravos, sendo um dos factores que a tornam tão bela e desejável.

Se a paisagem nas e para as Ilhas é de grande e singular beleza, não o é menos o fundo dos oceanos que as circunda. Estes fundos, cada vez mais explorados, pelos habitantes e por alguns turistas que aplicam parte do seu tempo quer em visitas de vigia às espécies marinhas que nele vivem, ou visitando os seus fundos em mergulhos fantásticos. *“O que está hoje lá em baixo não é uma civilização morta, é uma maravilha viva (...). Estrelas-do-mar luminosas, peixes fantásticos, polvos, cujos aparelhos de iluminação atingem uma perfeição extraordinária (...).”* (BRANDÃO, 1923).

O mar e o convívio que ele proporciona com as gentes são de grande beleza, merecendo considerações de desejo de nele permanecer *“apetece fazer do barco uma habitação, correr os portos e as angras, viver em contacto permanente com esta vida inesgotável e fecunda. Procurar um chanfro para lançar a âncora, ir a só para a aguada. E nunca mais! Nunca mais parar! Viver! Viver ao ar livre, deitar ferro ao abrigo duma rocha que sai da água toda vermelha – dum vermelho que tremeluz na água azul –*

*ou descobrir no portozinho com meia dúzia de casa uma taberna que tem o segredo da caldeirada de peixes ou da preparação das saborosas cracas, que cheiram a mar e sabem a mar!” (BRANDÃO, 1923).*

O binómio paisagem/natureza é nestas ilhas vincado e denuncia uma cumplicidade com as gentes que aqui vivem ou que aqui vêm de visita. A paisagem é rica e diversificada e a natureza oferece um sem número de possibilidades de interagirmos com ela.

## **1 Avaliação da Paisagem**

A apreciação da paisagem é a forma mais directa e imediata de a avaliar. Quando olhamos para uma determinada paisagem, só conseguimos visualizar parte da mesma, é como uma sequência de frames fotográficos que no seu todo nos darão a perspectiva do seu conjunto, e que nos reportará a uma aprovação ou desaprovação dessa mesma paisagem.

Para se avaliar uma paisagem de forma imediata, mesmo que não de forma tão directa, usamos a imagem fotográfica que representa a paisagem que se pretende avaliar.

Escolheu-se para esta avaliação uma imagem aérea de parte da Ilha. Esta imagem que mostra a formação da Ilha mais recente, como explica a caracterização já efectuada, mostrando de forma mais directa as especificidades desta extremidade.

Com esta avaliação, pretende-se, de forma sintética, identificar e enumerar as características visíveis da paisagem da Ilha expressa na fotografia.

É um exercício simples, mas que traz à luz da capacidade de qualquer leitor menos conhecedor tecnicamente, uma facilidade na avaliação da paisagem seleccionada.



Ilustração 13 Vista da Costa Sul da Ilha

Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

Descrição da Imagem:

- Costa Sul da Ilha de São Jorge – Açores;
- Foto tirada de avião podendo visualizar-se, sobretudo a costa Sul da Ilha com as suas arribas escarpadas até à queimada, com relevo mais suave. Nesta imagem também são visíveis a freguesia de Rosais e a Vila de Velas, conseguindo também ver-se a fajã de João Dias na costa Norte;
- A paisagem apresenta áreas de pastagem e áreas urbanizadas;
- Paisagem, algo comum nos Açores, pelo contacto entre as arribas e o oceano, vendo-se a estreita ligação humana com todos os factores;
- Vegetação luxuriante;

- Clima temperado marítimo;
- Relevo que parece aplanado com vertentes acidentadas;
- No que concerne à litologia temos a predominância de basaltos, devido à sua formação vulcânica;
- A freguesia de Rosais apresenta um povoamento essencialmente linear, pois foi-se desenvolvendo ao longo das vias de comunicação. Já na Vila das Velas, consegue-se verificar um povoamento mais concentrado, identificativo da procura populacional que existe naquela Vila e, pela falta de espaço que já se faz sentir para continuar a crescer;
- A coloração da paisagem é policromática, sugerindo uma tonalidade fria devido às cores que a caracteriza serem cores frias e claras, à excepção do verde-escuro dos matos (vegetação endémica);
- O campo de visão é exposto;
- A paisagem é bela e harmoniosa, estando em equilíbrio com os elementos que a compõe.

Elementos estruturantes da paisagem:

- Habitação;
- Pastagem;
- Espaço de lazer (fajã e parque das 7 fontes em Rosais);
- Mar;
- Vegetação (árvores de grande porte e vegetação rasteira);
- Clima ameno e húmido, com elevados índices de precipitação sendo o mar um factor de moderação da temperatura.

### Ambiente Natural

#### Tipo de vegetação:

- As árvores de maior porte são pinheiros, cedros, auracarias, carvalho americano e castanheiro-da-índia (não se consegue distinguir na foto mas sabe-se pelo conhecimento adquirido no território);
- A vegetação de menor porte é as hortênsias, fetos, prados, matos e pastagem (não se consegue distinguir na foto mas sabe-se pelo conhecimento adquirido no território).

#### Geologia:

- As rochas que predominam são sobretudo vulcânicas: basalto, cinzas vulcânicas, mais ou menos consolidadas;
- Relevo bastante acidentado e vigoroso: direcção W-E, distinguindo-se elevações de origem marítima na costa Sul – Morro de Lemos e Morro das Velas e grandes ravinas;
- Os aspectos morfológicos derivam dos tipos de erupção e do estado de erosão, para além das alterações impostas pela humanização do território.

#### Hidrografia:

- Mar.

### Meio Antrópico:

#### Uso do Solo:

- Elevada percentagem de prados e pastagens permanentes;
- Bastante arborização de médio e grande porte;
- Criação de gado;
- Habitação;

- Equipamento ligado ao turismo (ou que a este pode estar associado).

Tipo de povoamento:

- Linear concentrado.

## II.3 – ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Desconhece-se a data exacta de quando os primeiros povoadores desembarcaram na ilha de São Jorge, no prosseguimento da política da ocupação humana dos Açores iniciada cerca de 1430, pelo Infante D. Henrique, o Navegador.

Estudos recentes apontam para que o primeiro núcleo populacional se tenha localizado na enseada das Velas. Certo é que a ilha já estava povoada quando João Vaz Corte Real, Capitão-donatário de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, obteve a Capitania da Ilha de São Jorge, por carta de 4 de Maio de 1483. Em 1500, a povoação Velas é elevada a vila e sede de concelho.

Naquele tempo estava a terra praticamente toda por desbravar. Os caminhos eram difíceis ou inexistentes, razão pela qual os primeiros colonos se fixaram junto do mar, sendo a cabotagem, o meio de comunicação preferido para viagens entre os diversos pontos da própria ilha. Assim terão sido escolhidos pelos primeiros povoadores os locais que fornecessem mais segurança.

O crescimento populacional é rápido e, na segunda metade do século XVI, São Jorge tinha aproximadamente 3000 habitantes e três vilas – Velas, Topo e Calheta.

A ilha demonstrava a vitalidade de uma economia que, além da vinha, trigo, milho e inhames, tinha no cultivo do pastel e na colheita da urzela, exportados para a Flandres e outros países da Europa – o Centro da economia e certamente marcava profundamente a paisagem da Ilha naquela época.

Nos séculos seguintes, os períodos prósperos alternaram com períodos de crise, devido às más colheitas e catástrofes naturais, nomeadamente terremotos, erupções vulcânicas e tornados nos anos 1580, 1757, 1808 e 1899, que provocaram escassez alimentar e fome.

Em 1850, as vinhas foram devastadas pela filoxera mas em 1860, a exportação da laranja começou a trazer um pouco de prosperidade à Ilha. Este isolamento condicionado só terminou verdadeiramente já em pleno século XX, com os trabalhos de fundo realizados nos seus principais portos marítimos: porto de Velas e o porto da Calheta, e é claro pela construção do Aeroporto (1982).

Estes desenvolvimentos, abriram novos horizontes de desenvolvimento e progresso, ao qual se junta o aproveitamento dos seus recursos naturais, o desenvolvimento e expansão da pecuária e pesca, o fabrico do famoso queijo da Ilha de São Jorge e o turismo, aproveitando as características naturais.

## II.4 – ENQUADRAMENTO SOCIAL E ECONÓMICO

No contexto social, o tipo de povoamento, que nas Velas e na parte central da Calheta surge de forma concentrada, é predominantemente linear no resto da ilha, desenvolvido ao longo de estradas e caminhos, assumindo formas de dispersão montanhosa mais ou menos densa, em zonas menos declivosas e mais baixas. A topografia da ilha explica que seja em São Jorge que se encontram os únicos aglomerados populacionais dos Açores localizados acima dos 350 metros de altitude, chegando mesmo a atingir os 500 metros no Toledo e os 530 metros em Santo António, o mais alto aglomerado do Arquipélago. Aqui e na Ilha das Flores, é possível encontrar vários aglomerado sem relação directa com o mar, geralmente devido à altura e inacessibilidade da costa.

A densidade populacional da Ilha sempre foi das mais baixas do arquipélago, em resultado das difíceis condições naturais a que se associa uma intensa actividade sísmica, responsável pelas sucessivas vagas de emigração. O número total de habitantes fixava-se, em 2001, nos 9674 indivíduos, representando uma ligeira quebra relativamente a 1991 quando existiam 10219 habitantes. A densidade populacional, segundo os Censos de 2001, situava-se na ordem dos 39,4 hab./km<sup>2</sup>.

No que respeita à economia açoriana, a insularidade e localização ultraperiférica fazem com que existam várias condicionantes.

*“O estatuto de pequena economia periférica é por demais visível, onde a competitividade dos produtos tradicionais é limitada a nível interno pela dispersão desse mercado, que longe de ser homogéneo apresenta especificidades inerentes a cada ilha, e a um sobrecusto dos produtos devido a despesas relacionadas com os transportes”* (REOT-A, 2003, in [www.azores.gov.pt](http://www.azores.gov.pt)).

A insularidade também é sentida nas trocas comerciais com os grandes centros de produção e consumo. Estas complicações dificultam a expansão de várias actividades económicas e embargam a manutenção de grandes sistemas infra-estruturais.

Porém, a geografia da região oferece condições naturais que, devidamente aproveitadas, são capazes de lhe trazer variadas vantagens no domínio económico como é o caso da ZEE (Zona Económica Exclusiva) e do património paisagístico.

Entre 1995 e 2003 registou-se um aumento gradual do VAB (Valor Acrescentado Bruto) regional, embora no ano de 2002 se tenha verificado um ligeiro decréscimo. Em 2003 ultrapassou os 2 129 milhões de euros, indicando um aumento em relação a 2002 de 10,2%. De destacar que o VAB regional de 2003 representava 1,9% do VAB nacional.

O contributo do sector primário para o VAB regional tem-se mantido desde 1998, alcançando os 216 milhões de euros em 2002. Porém, este sector assume maior destaque quando comparado com o seu desempenho a nível nacional.

Já o sector terciário tem vindo a aumentar, atingindo os 1 598 milhões de euros no mesmo ano. O sector secundário tem apresentado um aumento progressivo e sem oscilações (REOT-A, 2003, in [www.azores.gov.pt](http://www.azores.gov.pt)).

À semelhança do que acontece por toda a região, em São Jorge as actividades económicas preponderantes são: a pesca e a exploração agro-pecuária tanto a criação de bovinos para a produção de carne e de leite quer para a confecção do Queijo de S. Jorge detentor de Denominação de Origem Protegida. O sector terciário é, contudo, o maior empregador da população na Ilha. No artesanato é de referência obrigatória as colchas de tear, também chamadas de colchas de ponto alto (não se conseguiu encontrar valores desagregados à unidade Ilha).

## II.5 – TURISMO EM SÃO JORGE

Poder-se-á dizer que a Ilha de São Jorge encontra-se, de algum modo, esquecida no que diz respeito ao desenvolvimento turístico. Esta situação prende-se essencialmente com o facto de existirem poucas campanhas publicitárias, e as que existem são generalizadas à Região. Não existe uma preocupação de destacar a Ilha e as suas características intrínsecas para conquistar novos mercados ou até mesmo fixar e aprofundar os já existentes.

É, de alguma forma, fácil de identificar estas lacunas tendo conhecimento e contacto com a realidade que se vai praticando desde há já alguns anos. Continua sem existir uma política efectiva para o desenvolvimento turístico porquanto muito se tem falado mas pouco se tem feito. Os indicadores, apesar de se manterem positivos, não desmentem esta realidade. Com efeito, esta situação positiva acontece porque a região é procurada e desejada, sobretudo por estrangeiros (tabela 2), porém, comparando os valores de São Jorge com outras ilhas, verifica-se que a percentagem de turistas que procura esta Ilha acaba por ser residual, dadas as dificuldades que sentem para lá chegar, e a pouca divulgação das especificidades da Ilha. Comparando os valores de embarcados e desembarcados das ilhas Terceira e São Miguel verifica-se que São Miguel (embarcados em 2002- 122 913; desembarcados em 2002- 125 082) e Terceira (embarcados em 2002- 108 559; desembarcados em 2002- 102 671) têm um movimento muito superior a S. Jorge (embarcados em 2002- 22 364; desembarcados em 2002- 22 455) (fonte: Séries Estatísticas 1992...2002- SREA)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A informação estatística utilizada foi a mais recente, encontrada, aquando da elaboração do texto onde está referida.

Tabela 2

Hóspedes Residentes no Estrangeiro, segundo o País de Residência habitual											
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>S. Jorge</b>	1 435	1 377	1 652	2 397	2 361	2 880	2 698	2 640	2 708	2 273	2 545
Alemanha	420	274	366	572	583	736	578	566	452	388	582
Bélgica	80	57	35	70	98	159	106	90	92	39	27
Canadá	12	3	7	17	11	18	74	27	38	60	31
Espanha	47	10	40	67	66	111	90	103	105	89	62
E.U.A.	176	211	235	175	214	291	320	244	280	285	325
França	189	182	125	473	420	437	580	716	630	456	403
Holanda	23	57		2	37	29	121	96	174	91	270
Reino Unido	215	262	389	414	436	407	297	368	374	451	358
Suiça	24	43	46	90	49	47	52	64	42	33	42
Países Nórdicos	45	49	54	114	94	83	144	96	145	167	118
Outros Países	204	229	355	403	353	562	336	270	376	214	327

Fonte: Séries Estatísticas 1996 – 2006, SREA

Ao analisar a tabela 2, verifica-se que a Ilha é visitada sobretudo por turistas da Alemanha e França. Os E.U.A. também têm bastante relevância, mas certamente, justificada por serem emigrantes de visita à terra.

Houve ainda um grande aumento de hóspedes nos dez anos em referência, explicado pelo aumento e melhoramento dos equipamentos hoteleiros, pelo aumento de promoção da região e ainda pela melhoria das acessibilidades inter-ilhas. No entanto, apesar dos esforços desenvolvidos, continuam a merecer grandes melhorias e ajustamentos, em prol de maior divulgação e desenvolvimento como anteriormente referido.

Segundo um estudo do governo regional (Séries Estatísticas 1996 – 2006, SREA), a Ilha de São Jorge tem sofrido um decréscimo da procura pelos turistas, registado no decréscimo de dormidas na Ilha, este é provocado pela redução das dormidas por hóspedes residentes em Portugal já que a procura por parte de turistas residentes no estrangeiro tem tido um ligeiro aumento depois da queda sentida em 2003 e novamente em 2005.

A capacidade de alojamento, segundo este estudo, também tem decrescido apesar de no Turismo em Espaço Rural estar a aumentar (Tabela 3).

Tabela 3

Capacidade de alojamento, hóspedes e dormidas dos estabelecimentos hoteleiros dos Açores por Ilha e por ano											
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Nº de Estabelecimentos</b>	4	4	4	8	7	9	8	6	6	5	5
Hotelaria Tradicional	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2
Turismo em Espaço Rural	x	x	x	x	x	2	2	1	1	1	2
Outros	x	x	x	6	5	5	4	3	3	2	1
<b>Capacidade de Alojamento</b>	<b>129</b>	<b>129</b>	<b>197</b>	<b>230</b>	<b>215</b>	<b>229</b>	<b>251</b>	<b>205</b>	<b>208</b>	<b>216</b>	<b>195</b>
Hotelaria Tradicional	129	129	197	163	163	163	163	163	164	164	164
Turismo em Espaço Rural	x	x	x	x	x	10	26	2	..	8	14
Outros	x	x	x	70	57	56	62	40	44	44	17
<b>Hóspedes</b>	<b>4 637</b>	<b>4 877</b>	<b>4 985</b>	<b>8 968</b>	<b>8 372</b>	<b>9 442</b>	<b>10 416</b>	<b>8 766</b>	<b>9 203</b>	<b>7 350</b>	<b>7 271</b>
Residentes em Portugal	3 202	3 500	3 333	6 571	6 011	6 562	7 718	6 126	6 495	5 077	4 726
Residentes no Estrangeiro	1 435	1 377	1 652	2 397	2 361	2 880	2 698	2 640	2 708	2 273	2 545
<b>Dormidas</b>	<b>11 418</b>	<b>11 384</b>	<b>12 360</b>	<b>21 489</b>	<b>20 924</b>	<b>26 567</b>	<b>26 891</b>	<b>22 837</b>	<b>26 667</b>	<b>19 005</b>	<b>17 568</b>
Residentes em Portugal	7 490	7 835	7 980	15 670	15 181	18 463	19 116	15 750	18 778	12 053	10 522
Residentes no Estrangeiro	3 928	3 549	4 380	5 819	5 743	8 104	7 775	7 087	7 889	6 952	7 046

Fonte: Séries Estatísticas 1996 – 2006, SREA

Outros estudos foram feitos para a região analisando o estado do território e estando inseridos em planos regionais que estabelecem medidas estratégicas, em diferentes níveis do território, para a dinamização da região e das suas respectivas ilhas, visando uma melhoria do desenvolvimento que terá repercussões, também, visíveis no turismo. Um dos planos é o POTRAA já aqui analisado, outro é o PROTA (Plano Regional do Ordenamento do Território para os Açores), que sendo um plano estratégico visa o estabelecimento de diferentes segmentos estratégicos, entre eles o turismo. Este plano define para São Jorge linhas orientadoras que passam por:

- Privilegiar a colmatção da malha urbana nas áreas urbanas situadas fora das sedes de concelho que apresentem baixa densidade de edificação.
- Manter as áreas de expansão urbana programadas em sede de PDM dado que a elevada percentagem de habitação de uso sazonal não é convertível em habitação permanente uma vez que, nesta Ilha, está ligada a uma tradição de existência de habitação secundária nas cotas baixas, nas Fajãs.
- Reforçar as ligações marítimas de Velas para São Roque do Pico e para a Horta (Faial), gerando condições favoráveis a um sistema urbano policêntrico no Grupo Central, com ganhos de escala e optimização de serviços públicos.

- Integrar a Calheta no sistema urbano policêntrico do Grupo Central, pela melhoria das condições internas de circulação rodoviária, com classificação da ligação Velas – aeroporto - Calheta como Estrada Regional Principal.
- Dar prioridade a acções de valorização das paisagens culturais definidas no modelo territorial, designadamente Fajã do Ouvidor, Fajã de São João, Fajã dos Vimes, Fajã dos Cubres, Fajã da Ribeira da Areia e Fajã das Almas.
- Criar uma área de concentração de serviços avançados à actividade produtiva, para promover preferencialmente serviços de apoio à certificação e qualificação do Queijo de S. Jorge, para além dos serviços de extensão rural.
- Prever e delimitar no PDM das Velas um espaço para eventual deslocalização do parque de combustíveis.

As orientações do PROTA, apesar de à primeira vista poderem parecer que não têm a haver directamente com o turismo, com um olhar mais atento, torna-se fácil perceber, que uma Ilha mais cuidada, com uma malha urbana e habitacional arranjada, uma actividade produtiva que leve não só à certificação de qualidade como também a um melhoramento da qualificação dos seus intervenientes, uma preocupação com a ocupação e uso do solo – tudo isto será visível na paisagem, nas transformações que lhe irá incutir, e assim, mesmo que não de uma forma evidente, marcará o turismo na Ilha.

Esta estratégia do PROTA vem ainda reforçar a ideia já aqui referida, que os acessos a São Jorge e dentro da Ilha têm de ser melhorados, para benefício geral da população, reflectindo-se também no turismo.

Os transportes inter-ilhas, apesar de já terem sofrido alguns melhoramentos, continuam a deixar aquém as expectativas de visitar o maior número de ilhas. Em termos práticos, um turista que venha directamente para a Ilha Terceira, que possui um Aeroporto com capacidade para aviões de grande porte, e uma das principais portas de entrada nos Açores, e pretender ir até São Jorge para depois regressar à Terceira terá obrigatoriamente de pernoitar pois não existe um horário de barco ou avião que lhe permita passar um dia apenas na Ilha. Dada esta impossibilidade, a visita aos Açores fica ainda mais complexa pois terá de percorrer ilhas diferentes e por vezes até trocar de barco. A situação agrava-se quando se começa a pensar em preços porquanto uma viagem de barco entre São Jorge e Terceira tem um custo superior a quarenta euros, e se pensarmos na comodidade do avião, o turista já terá de despende mais de cem euros. Considerando não turistas isolados, mas

também famílias inteiras a viajar, a simples passagem entre duas Ilhas próximas e com uma duração aproximada de 30 minutos - de avião (na figura 8 podemos verificar a proximidade da Ilha Terceira com a Ilha de São Jorge), pode tornar-se um gasto demasiado elevado para suportar. Estas são, algumas das dificuldades que qualquer Açoriano enfrenta, e mais ainda um turista, se pretender chegar a São Jorge, ou para sair desta Ilha, caso queira conhecer outras.

## 1 Indicadores de actividade turística

Tabela 4

<b>Perfil do Turista, por principais mercados (2001)</b>			
*inclui visitas de menos de 1 dia (%)			
Caracterização da Estada	Residentes em Portugal	Residentes no Estrangeiro, com ascendência açoriana	Residentes no Estrangeiro, sem ascendência açoriana
S. Jorge *	3,3	7,5	8,2
<b>Duração média da estada (nº de dias)</b>			
Na Região	7,9	21,9	10,9
S. Jorge	5,7	10,7	4

Fonte: Estudo sobre os turistas que visitam os Açores – SREA

Ao analisar-se a tabela 4 verifica-se que o principal mercado fornecedor de turistas a São Jorge, em 2001, era proveniente de residentes no estrangeiro sem ascendência açoriana, logo seguido por aqueles com ascendência açoriana e, com um número mais reduzido, por residentes em Portugal. Mesmo assim, os valores percentuais que a Ilha apresenta são residuais, visto que o principal fornecedor de turistas a São Jorge assume um valor de apenas 8,2% no total do mesmo mercado para as outras ilhas do arquipélago. São Jorge tem valor superior apenas às ilhas Graciosa (1,2); Sta. Maria (2,1); Flores (2,9) e Corvo (0,3). Mas a ilha com mais próxima de São Jorge, embora com valor superior, recebe cerca

do dobro dos turistas deste mercado, ilha do Pico com 15,1%, o que confirma o baixo valor de São Jorge, sobretudo se nos lembrarmos que a ilha do Pico é a mais próxima de São Jorge a apenas 30 minutos de barco.

Porém, estes valores alteram quando se analisa a duração média da estada, verificando-se que aqueles que têm ascendência açoriana permanecem por mais tempo na Ilha. Este valor é concordante com a grande emigração que esta região bem como esta Ilha sofreram, sobretudo para os Estados Unidos da América (EUA). Verifica-se, ainda, que os estrangeiros sem ascendência açoriana são os que têm uma estadia mais curta na Ilha.

**Tabela 5**

<b>Perfil do Turista, segundo o tipo de visita (2001)</b>		
*inclui visitas de menos de 1 dia (%)		
Caracterização da estada	Turistas de primeira visita	Turistas que visitaram antes
S. Jorge*	4,5	5
<b>Duração média da estada (nº de dias)</b>		
Na Região	8,4	11,9
S. Jorge	3,6	8,6

Fonte: Estudo sobre os turistas que visitam os Açores – SREA

Na análise da tabela 5 constata-se que os turistas que já visitaram esta Ilha permanecem durante mais tempo, apesar do valor médio para a região ser superior. Mas onde a diferença de valores é mais significativa é naqueles que visitam São Jorge pela primeira vez. O que pode ser analisado de forma positiva se se considerar que isto pode reflectir a capacidade que a Ilha tem de cativar quem a visita, inculcando vontade de regressar e até permanecer por mais tempo. Tal como na análise do quadro X, São Jorge assume a mesma posição quando comparado com as outras ilhas do arquipélago, o que mostra que os valores que apresenta ainda têm muito para melhorar.

Tabela 6

<b>Perfil do Turista, segundo o motivo principal da viagem</b>			
*inclui visitas de menos de 1 dia (%)			
Caracterização da estada	Visitas a familiares ou amigos	Lazer	Trabalho
S. Jorge*	6,2	5,2	3,4
<b>Duração média da estada (nº de dias)</b>			
Na região	18,3	9,5	7
S. Jorge	11,8	4,2	5,7

Fonte: Estudo sobre os turistas que visitam os Açores - SREA

Mais uma vez reforçando a opinião que grande parte dos visitantes de São Jorge são emigrantes ou descendentes de emigrantes de primeiras levas, aparece a tabela 6 mostrando os maiores valores para quem vem de visita a familiares ou amigos, pois certamente os emigrantes influenciam muito este valor. Este grupo de visitantes é também aquele que permanece na Ilha por mais tempo.

Mais uma vez a percentagem que a Ilha de São Jorge apresenta para os grupos em análise, é bastante mais baixa do que nas ilhas onde estes valores têm maior peso como São Miguel que ronda os 50% nas diferentes análises e Terceira cujos valores rondam os 20% nas três análises. São Jorge mais uma vez assume a quinta posição da lista das preferidas nas questões em análise, sendo seguida das restantes ilhas com uma distância menos acentuada do que a que assume com as ilhas que lhe precedem.

De referir, ainda, que a Ilha de São Jorge é ainda menos requisitada para visitas de trabalho, o que pode reforçar a ideia de que tem um sector empresarial que carece de investimento e dinâmica.

## 2 Sazonalidade Turística

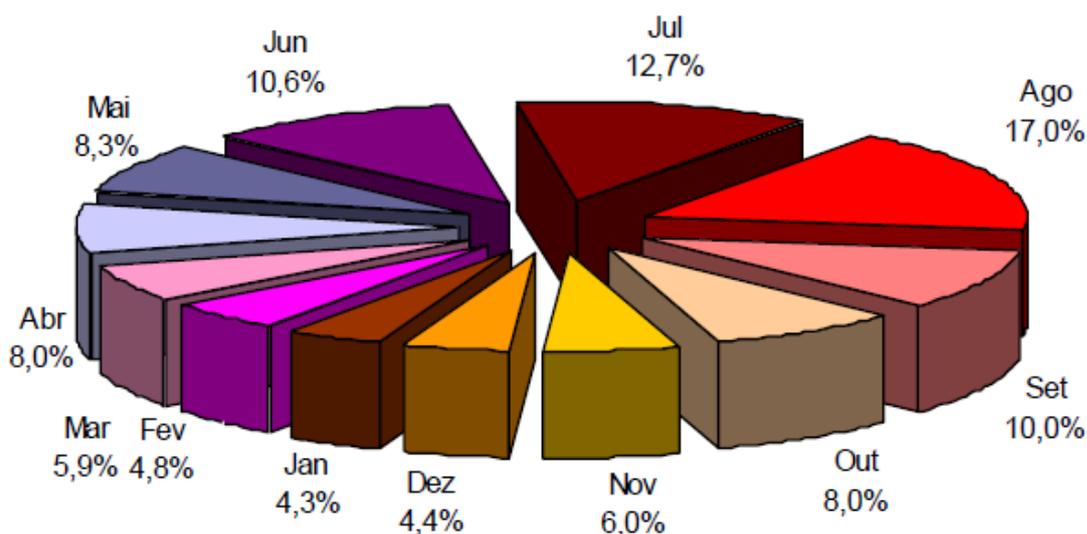


Ilustração 14 Percentagem mensal de hóspedes na RAA (2003)

Fonte: REOT-A in [www.azores.gov.pt](http://www.azores.gov.pt)

Na análise da figura, verifica-se que é nos meses de Junho a Setembro que existe um maior fluxo turístico na região.

Apesar de não se ter conseguido encontrar números, deste tema, específicos de São Jorge, pelo conhecimento adquirido, sabe-se que este gráfico, mesmo que com outros valores, é exemplo do que acontece em cada uma das ilhas, não sendo diferente no caso específico de São Jorge.

É nos meses de verão que a Ilha é mais procurada por quem a visita, apesar do clima mais favorável durante estes meses, é certamente por ser um período preferencial para a marcação de férias que assume maior expressão no volume de visitantes. O facto de ser um período em que o clima é melhor por estarmos no verão, proporciona o contacto com a natureza e a prática de diversas actividades ao ar livre, ambas aparecem como preponderantes na escolha do destino Açores pelos seus visitantes (REOT-A, 2003, in [www.azores.gov.pt](http://www.azores.gov.pt))

## II.6 – ANÁLISE DE POTENCIALIDADE E PROBLEMAS

### 1 Potencialidades:

A Ilha de São Jorge apresenta uma grande diversidade de potencialidades das quais se pode tirar partido para dinamizar o turismo desta Ilha e também da região onde se insere.

O facto de ser pouco conhecida deve ser considerado como uma potencialidade, já que a procura de locais turísticos pouco massificados, onde se privilegia a paisagem/natureza, está cada vez mais em voga, sendo procurados sobretudo por quem tem mais poder de comprar, para fugir ao seu dia-a-dia mais stressante.

A proximidade com o mar é outro factor que propicia a actividade turística uma vez que proporciona uma grande variedade de actividades náuticas como diferentes tipos de pesca, passeios de barco, visualização de baleias e golfinhos, desportos aquáticos, para além de existirem diversas zonas balneares de grande beleza e qualidade para os banhistas.

A existência de serra pode ser aproveitada para actividades diferentes, que poderiam potenciar diferentes tipos de turismo e turistas.

O clima agradável que pode ser encontrado nesta Ilha em todas as estações poderia ser aproveitado para potenciar o turismo todo o ano, diminuindo a sazonalidade e consequentemente dinamizando a economia.

No que respeita à gastronomia e artesanato, esta Ilha é bastante rica e diversificada, passando desde a produção do famoso queijo de São Jorge, entre outras iguarias regionais. Quanto ao artesanato especificamente, pode-se contar com as diversas peças tecidas nos quase extintos teares, sendo as mais conhecidas as colchas da Fajã dos Vimes (colchas de ponto alto), os cestos de vimes que quase já não se produzem, e ainda outro tipo de bordados como o ponto-cruz. A aposta na divulgação, produção e qualidade destes produtos típicos poderá ser, então, uma mais-valia para esta Ilha a nível turístico e, consequentemente ao nível económico.

A grande diversidade de ecossistemas pode ser aproveitada para actividades ou mesmo simplesmente para apreciar as belas paisagens que nos proporciona tais como as fajãs e lagoas, não esquecendo mesmo as Ilhas do Pico e Faial (na vertente Sul), Graciosa e Terceira (na vertente Norte) e todos os contrastes que o céu conjugado com o mar e a paisagem em si mesma nos proporciona.

O facto de ser uma Ilha com recursos hídricos abundantes é um factor que pode ser aproveitado do ponto de vista turístico, isto porque existem muitas lagoas e cascatas a

serem visitadas pelos turistas, sobretudo se houver uma aposta na divulgação e organização de visitas, e também na promoção de turismo radical ou de aventura.

Por último, a não massificação, o facto de a Ilha não ser ainda muito conhecida como destino turístico faz com que não exista massificação da procura, com, todos os inconvenientes que traz, nomeadamente a nível de conforto e agradabilidade da estadia para o turista. Isto poderá levar a que se aposte num turismo de qualidade, onde certamente um factor de atracção seja a calma existente durante a sua estadia, em oposição à confusão que domina muitos destinos turísticos.

Para além disto, esta não existência de massificação tem também implicações a nível dos preços praticados nesta região em vários produtos e bens oferecidos aos turistas, tornando-os bastante mais baratos que noutras áreas do país, o que pode funcionar como um grande atractivo a nível turístico. Um bom exemplo é o caso da restauração. Isto acontece porque a economia da Ilha, sobretudo na prestação de serviços que podem ser directamente ligados ao turismo como a restauração, não estar virada para o turismo. Sendo para consumo dos residentes, os preços praticados são apelativos. Porém deve referir-se/criticar, que estes preços mais apelativos são referentes após a chegada à Ilha ou ao Arquipélago, pois o preço da viagem é ainda de certa forma desfasado da realidade comparando-o com as viagens internacionais, sobretudo se salientarmos o facto de estarmos perante uma deslocação interna no país. Daí que muitas vezes a população residente na parte continental procure outros destinos, visto serem de menores custos, apesar de serem fora do país.

## **2 Problemas:**

A Ilha de São Jorge apresenta como um dos principais problemas o facto de haver pouca divulgação individual, mesmo em relação à região, só recentemente se tem verificado uma aposta mais forte na sua promoção turística. Verifica-se que as Ilhas mais periféricas, como o caso de S. Jorge, se ressentem no número mais reduzido de turistas que recebe. Isto pode ser constatado através do movimento de passageiros inter-ilhas, já analisado anteriormente. Pode-se explicar, para além da falta de promoção individual de cada ilha, também pelo facto de serem as ilhas de S. Miguel e Terceira que recebem os voos internacionais e nacionais de maior número de passageiros, sendo que estes, na sua maioria, acabam por

não visitar outras ilhas que necessitam de transferes, ou mesmo que o façam passam menos dias. Contudo as empresas privadas ligadas ao sector turístico têm apostado na sua própria promoção, tornando deste modo também conhecidas as Ilhas em que se inserem, sobretudo através da Internet. Porém ainda se verifica um atraso em relação a destinos turísticos internacionais, isto sobretudo quando se fala de ilhas periféricas como São Jorge, Graciosa ou Flores, por exemplo. E esta aposta por parte destes agentes turísticos, é ainda muito ligeira, pouco organizada e individualizada. Seria certamente mais vantajosa se tivesse uma estrutura organizacional por detrás.

Com tudo isto que foi referido, o marketing pode-se considerar quase privado de cada empresa, já que são elas que individualmente procuram promover a sua Ilha para deste modo se promoverem.

Um problema que afecta bastante São Jorge é a acentuada sazonalidade da actividade turística, promovendo um grande contraste entre o número de turistas que visitam esta Ilha no Verão (em maior número), e os que a visitam no Inverno.

Outro problema que afecta a Ilha é a falta de locais e actividades de divertimento organizado, o que parece ter sido um pouco esquecido, uma vez que a Ilha reúne condições para a prática de inúmeras actividades.

A Ilha de São Jorge apresenta ainda a falta de algumas infra-estruturas básicas, nomeadamente no que concerne ao abastecimento de água, saneamento básico, recolha e tratamento de lixos, o que leva à existência de algumas fontes de poluição da água e do solo, revelando a grande vulnerabilidade dos ecossistemas, associada a um desadequado uso do solo e à deficiente gestão dos recursos. Os solos aráveis apresentam algumas limitações ao uso como riscos de erosão e pequena espessura. Porém, a Ilha tem solos de grande qualidade sobretudo o concelho de Velas que possui todos os solos com melhor aptidão agrícola da Ilha (classe II).

As acessibilidades são outro problema desta Ilha, tanto no que se refere à entrada quanto sobretudo à circulação interna. No Verão existem diversas formas de chegar a São Jorge, nomeadamente o avião e diversos barcos que fazem carreiras, algumas diariamente, entre diferentes ilhas. Já no Inverno, embora o avião continue a transportar passageiros, a frequência é mais reduzida e os barcos diminuem drasticamente, deixando de se realizar ligações a determinadas ilhas por via marítima.

No que concerne ao transporte interno, aí verificam-se problemas ainda mais graves uma vez que o transporte colectivo está a cargo de uma única empresa privada que, com a pequena frequência com que passa por cada freguesia e os horários totalmente

desadequados das necessidades de deslocações pendulares faz com que a taxa de ocupação seja reduzida e exista uma fraca mobilidade de passageiros, mostrando-se quase impossível, do ponto de vista turístico, contar com este transporte para conhecer a Ilha.

Por último surge a possibilidade de actividade sísmica, que pode causar uma preocupação e insegurança aos turistas que possam pretender visitar a Ilha. Esta é uma das hipóteses que não foi ainda possível quantificar cientificamente mas não parece de todo razoável excluí-la por completo.

### Ilustração 15 Quadro Síntese

**Fonte:** Elaboração própria

Problemas	Potencialidades
Falta de divulgação	Local pouco conhecido
Marketing pobre ou inexistente	Proximidade do mar
Acentuada sazonalidade	Existência de serra
Falta de locais e actividades de diversão	Clima agradável
Falta de infra-estruturas básicas	Gastronomia / Artesanato
Grande vulnerabilidade dos ecossistemas	Propício a actividades diferentes
Acessibilidades	Grande diversidade de ecossistemas
Actividade sísmica	Abundância de recursos hídricos
	Não massificação



### III.O PAPEL DO TURISMO EM SÃO JORGE

#### III.1 – A VISÃO DA POPULAÇÃO E DOS AGENTES

##### 1 Inquéritos à População<sup>2</sup>

Para um maior contacto com o terreno, é sempre de grande utilidade contactar, o mais de perto possível, com as pessoas e a dinâmica existente. Assim, assumiu suma importância o contacto com a população local, e com os turistas. Os inquéritos tentaram abordar as mais diferentes áreas de interesse deste trabalho de campo, tentando desta forma perceber o envolvimento e a visão da população e também a marca deixada por este território naqueles que o visitam.

O principal objectivo que fundamentou a aplicação destes inquéritos teve a ver com a necessidade de confrontar o pensamento e opiniões da população residente e da que visita a Ilha, com as ideias já estabelecidas do conhecimento existente e do estudo bibliográfico feito. Nada como o confronto de opiniões e conhecimentos, ou simplesmente a contribuição destas populações para firmar ideias pré-estabelecidas.

Os inquéritos foram distribuídos desde o mês de Julho de 2009 até ao mês de Junho de 2010. Tentou-se o mais possível abranger os diferentes quadrantes da sociedade, porém isto não foi muito conseguido pois as pessoas não tinham vontade de responder, alegando que não tinham conhecimentos. Foram respondidos 116 inquéritos mas foram distribuídos cerca de 400. Por serem algo extensos, os inquiridos solicitavam a sua posterior devolução, o que muitas vezes não foi cumprido. Tentou-se também, abranger as diferentes freguesias da Ilha, pois sabe-se que as necessidades e características das freguesias são diferentes.

Quanto à estrutura, começou-se e acabou-se o inquérito com questões que visavam o conhecimento do inquirido e da sua relação à Ilha, numa segunda parte questionou-se a opinião dos inquiridos sobre a paisagem da Ilha, seguindo-se uma terceira parte em que se inquiria sobre aspectos de selecção enquanto consumidor, aqui focando aspectos turísticos. Sobretudo no que concerne à população local, foi com surpresa que se verificou uma percepção integrada sobre o território, espelhando as dificuldades sentidas pelo isolamento,

---

<sup>2</sup> Todos os gráficos e tabelas apresentados neste ponto da dissertação são de elaboração própria, criados através do programa SPSS, onde os dados foram trabalhados.

mas com o entendimento das qualidades que podiam ser aproveitadas na melhoria das condições gerais.

**1.1-Associa**

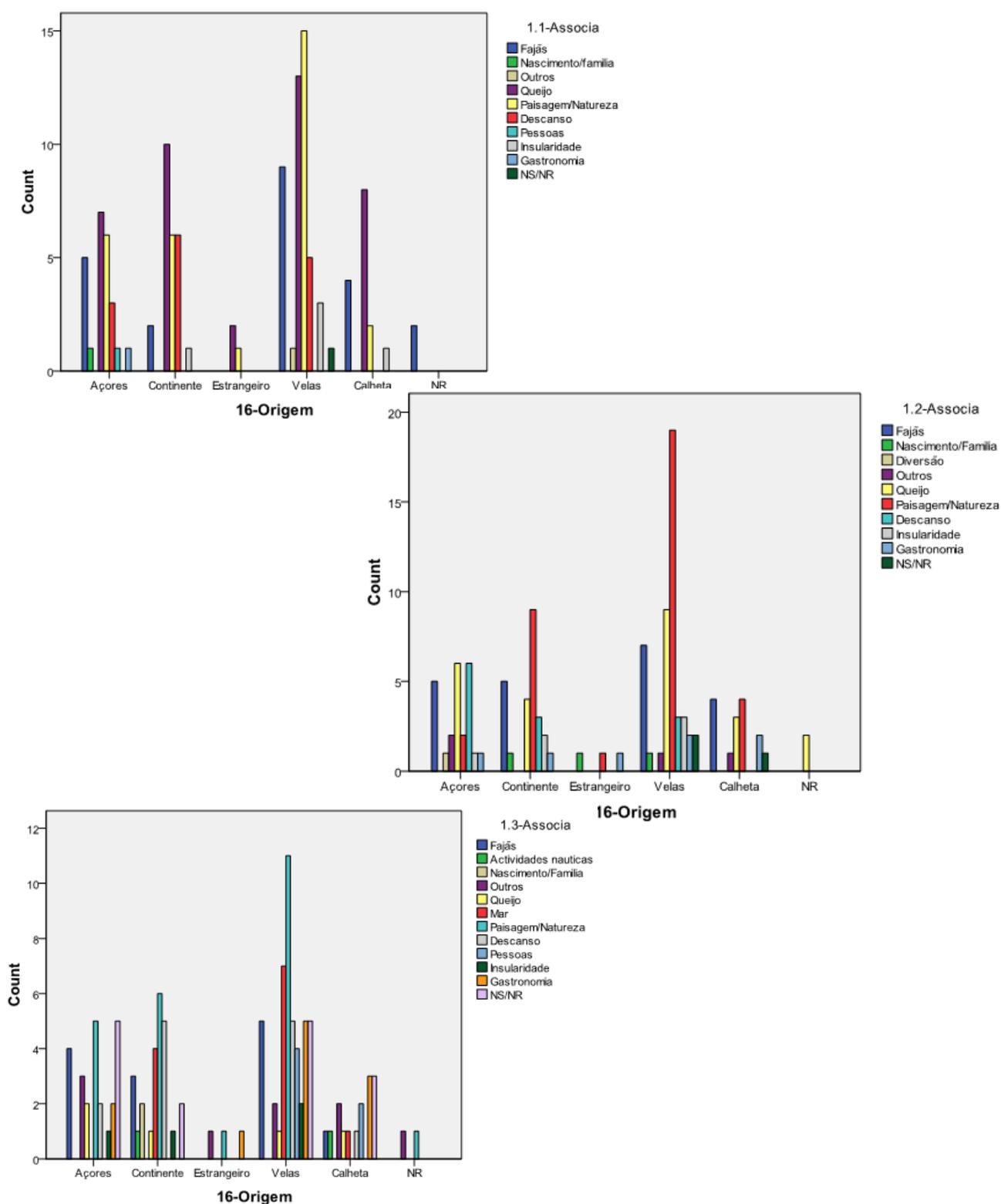
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Fajãs	22	19,0	19,0	19,0
Nascimento/familia	1	,9	,9	19,8
Outros	1	,9	,9	20,7
Queijo	40	34,5	34,5	55,2
Paisagem/Natureza	30	25,9	25,9	81,0
Descanso	14	12,1	12,1	93,1
Pessoas	1	,9	,9	94,0
Insularidade	5	4,3	4,3	98,3
Gastronomia	1	,9	,9	99,1
NS/NR	1	,9	,9	100,0
Total	116	100,0	100,0	

**1.2-Associa**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Fajãs	21	18,1	18,1	18,1
Nascimento/Familia	3	2,6	2,6	20,7
Diversão	1	,9	,9	21,6
Outros	4	3,4	3,4	25,0
Queijo	24	20,7	20,7	45,7
Paisagem/Natureza	35	30,2	30,2	75,9
Descanso	12	10,3	10,3	86,2
Insularidade	6	5,2	5,2	91,4
Gastronomia	7	6,0	6,0	97,4
NS/NR	3	2,6	2,6	100,0
Total	116	100,0	100,0	

**1.3-Associa**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Fajãs	13	11,2	11,2	11,2
Actividades nauticas	2	1,7	1,7	12,9
Nascimento/Familia	2	1,7	1,7	14,7
Outros	9	7,8	7,8	22,4
Queijo	5	4,3	4,3	26,7
Mar	12	10,3	10,3	37,1
Paisagem/Natureza	24	20,7	20,7	57,8
Descanso	13	11,2	11,2	69,0
Pessoas	6	5,2	5,2	74,1
Insularidade	4	3,4	3,4	77,6
Gastronomia	11	9,5	9,5	87,1
NS/NR	15	12,9	12,9	100,0
Total	116	100,0	100,0	



Através dos gráficos e tabelas é fácil perceber, que a Ilha é fortemente associada à Paisagem/Natureza (89 respostas) quer sejam residentes ou visitantes/turistas. O que evidencia que a característica em que se aposta fortemente como alicerce do

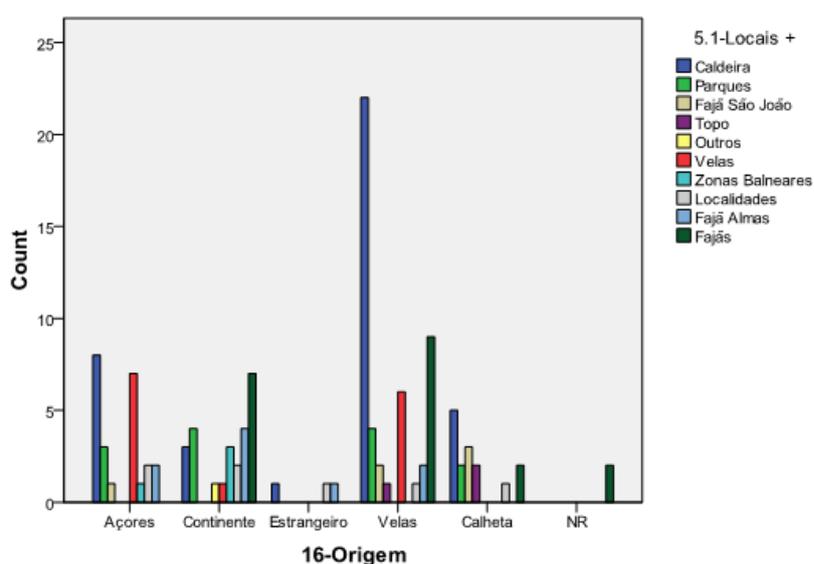
desenvolvimento turístico é, de facto, a marca da Ilha, à semelhança da região em que se insere, o que denota um bom enquadramento.

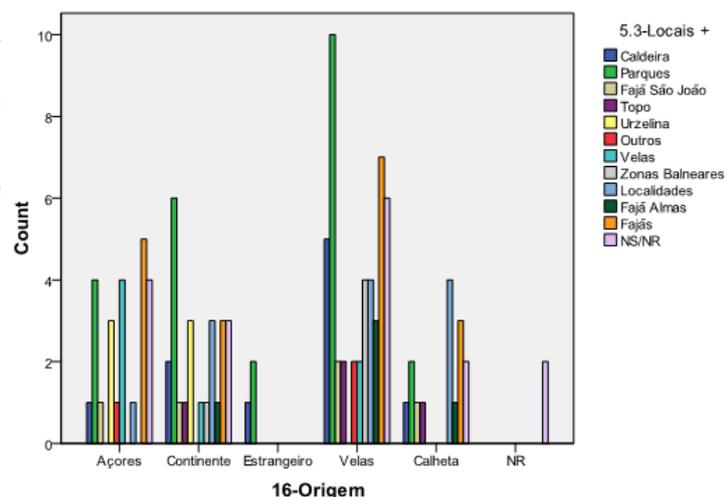
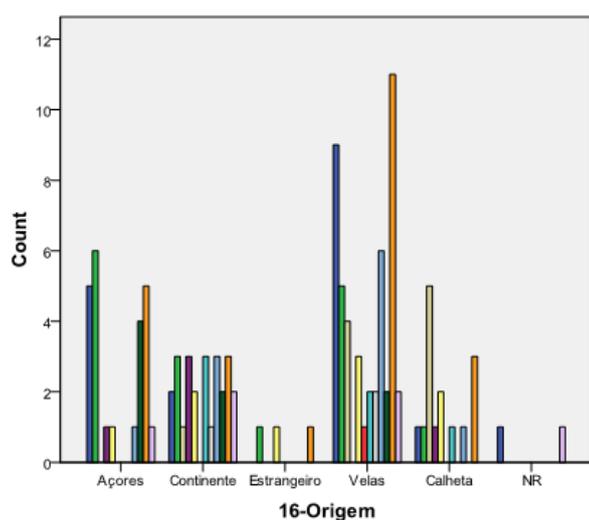
Conhecida como a Ilha do queijo, pode verificar-se que este está bem vincado também no que se associa a esta Ilha (69 respostas). A aposta em ancorar o queijo ao conhecimento desta Ilha, mostra-se uma aposta ganha. O queijo é de qualidade, e é um motor económico na Ilha, mostrando-se também associado ao turismo, visto que não são só os residentes a associa-lo a esta Ilha.

Outra marca desta Ilha são as fajãs, com as suas individualidades, formam um maravilhoso e, por vezes, quase inacessível, paraíso dentro do paraíso. É também generalizada a associação das fajãs a São Jorge (56 respostas).

Estes três registos mais marcados no que se associa à Ilha, estão bastante enraizados, quer na população residente, quer naqueles que visitam a Ilha. Significando que, se for sentida a necessidade de apostar numa nova âncora de lançamento turístico, sobretudo se esta seguir um caminho algo oposto ao que está visivelmente vincado, serão sentidas, certamente, grandes e sérias dificuldades.

Como é apanágio geral por toda a região, o descanso é também fortemente associado a esta Ilha, não podendo esquecer o facto de que alguns dos turistas/visitantes, que procuram São Jorge vêm para visitar família e amigos o que denota a característica familiar ainda como vínculo a esta terra.





A singularidade das fajãs é de facto algo que se destaca em São Jorge, como tal, não passa despercebido nem a quem visita, nem aos seus residentes que vivem em comunhão plena com estes ex-líbris. Desta forma, não é de admirar que os locais preferidos pelos diferentes inquiridos sejam as ditas fajãs (61 respostas). Porém a fajã da Caldeira, sendo a mais emblemática de todas as fajãs jorgenses, destaca-se de entre o grupo total, esta é uma fajã ainda mais única com a sua lagoa. Sendo ainda uma fajã com a especificidade extra de ser procurada por surfistas, tendo muitos como único contacto com a Ilha a estadia nesta fajã (67 respostas), torna-se uma das fajãs mais procuradas e desejadas. Mesmo no que respeita à publicidade turística, esta fajã da Caldeira ou fajã de Stº. Cristo é a imagem postal de São Jorge, figurando nos mais variados meios publicitários dos Açores e sobretudo de São Jorge. Este pode ser um exemplo de como a divulgação pode ser um veículo de procura turística e de preferência, pois certamente, existem outras fajãs igualmente bonitas, embora diferentes, mas a falta de publicidade aliada ao por vezes difícil acesso, faz com que não entrem nas preferências, sobretudo de quem visita São Jorge.

Com uma vasta área da ilha com estatuto de protegida São Jorge vê nos seus parques naturais outra forte preferência dos inquiridos (53 respostas), O Parque das 7 Fontes ou o Parque da Silveira com a sua vegetação e as suas ribeiras de água corrente são, sem dúvida, merecedores deste destaque. Sem esquecer que para esta contagem também entraram a Serra e Ponta do Topo, por serem também reserva natural embora com uma beleza paisagística diferente. Beleza esta, que é marcada pela formação da Ilha, que nesta zona assume características planálticas únicas.

**Ilustração 16** Áreas Classificadas da Ilha de São Jorge

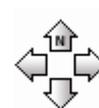
Fonte: [www.azores.gov.pt](http://www.azores.gov.pt)



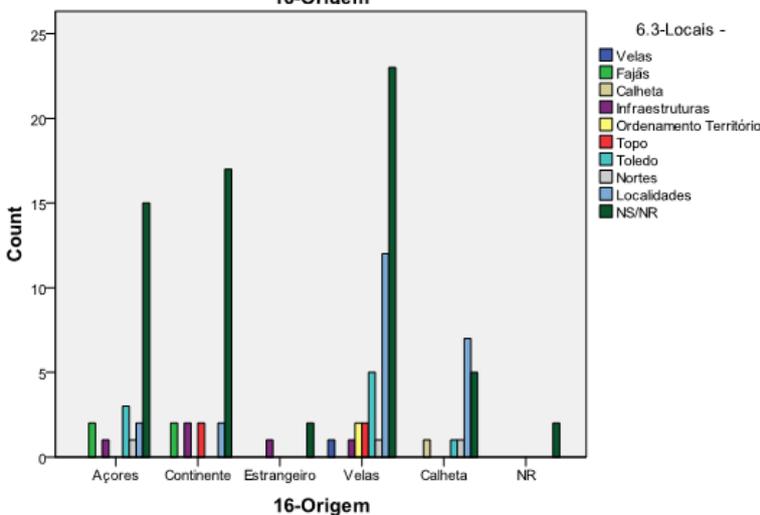
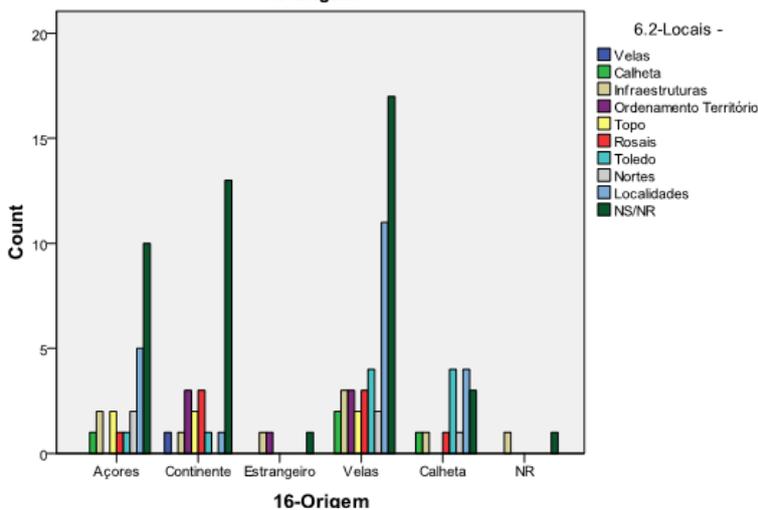
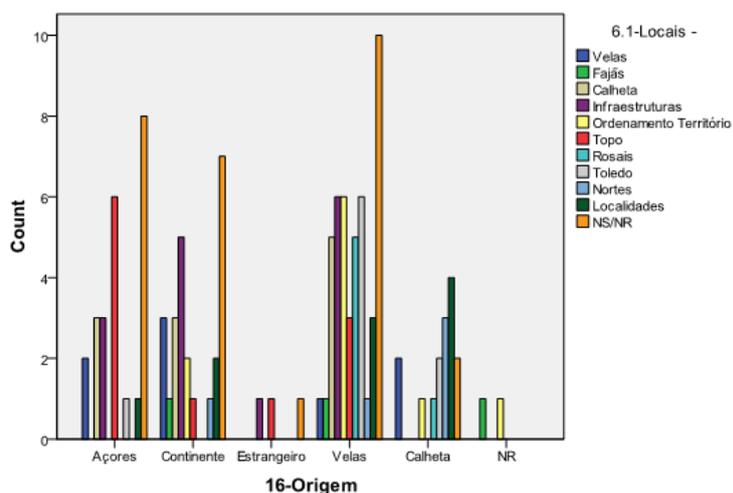
Escala: 1: 250000

### Legenda

-  Reserva Natural Parcial
-  Reserva Florestal Natural
-  Área Ecológica Especial
-  Reserva Florestal de Recreio
-  Reserva Integral das Lapas
-  Zona de Especial Conservação
-  Zona de Protecção Especial



As diferentes localidades desta Ilha, possivelmente, pelas suas características algo pitorescas, também vão merecendo referência dos inquiridos, que denotam, aqui, o reparo das características intrínsecas quer do modo de vida da população jorgense, quer da arquitectura que as suas localidades apresentam.



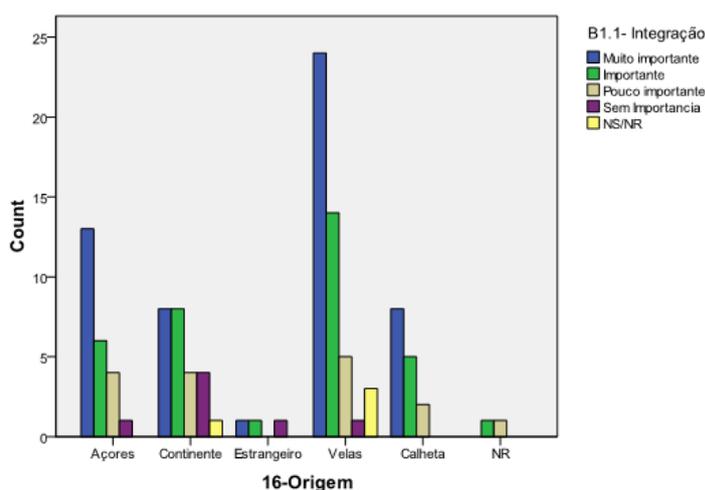
Os locais menos preferidos são distintos, mas consegue-se identificar o que esteve na base da selecção.

As localidades no geral, ou mais especificamente o Toledo (28 respostas), o Topo (21 respostas), ou ainda os Nortes – freguesias do lado Norte da Ilha - (13 respostas), figuram na dianteira dos locais que marcam a população de forma negativa. Conhecendo o território, e mesmo os inquiridos que referem o porquê desta escolha, verifica-se que o clima mais húmido com maior tendência a nevoeiros e o facto de ser uma zona na Ilha com características rurais e pecuárias, ainda mais vincadas, criam na paisagem marcas de algum desconforto mesmo por parte da população que ali vive.

As infra-estruturas são o que mais salta à vista dos inquiridos como factor negativo (29 respostas), associando estas ao ordenamento do território (19 respostas), podemos constatar que, cada vez mais, as populações estão atentas ao que se faz e, sobretudo, à forma como se faz.

O desenvolvimento que se tem introduzido na Ilha, sobretudo no que concerne à construção quer pública quer privada, tem sido muitas vezes descuidado e descaracterizado, e com estas respostas, podemos comprovar que não tem passado despercebido aos residentes, nem aos turistas que reparam e fazem questão de mostrar a sua “indignação” por este desordenamento do território, que vai deixando marcas e cicatrizes difíceis de repor no futuro.

## 2 Atributos que conferem notoriedade à paisagem de São Jorge

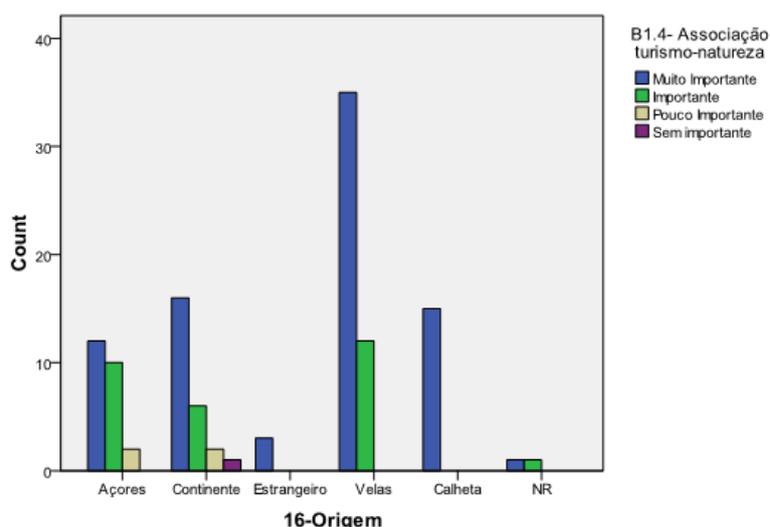


A integração da Ilha na Região Autónoma a que pertence é tida como um factor “muito importante” nos atributos que conferem notoriedade à paisagem de São Jorge, sendo sobretudo as pessoas de origem da própria Ilha que o destacam.

Tal como anteriormente foi referido, é de grande importância para o sucesso individual, a associação/integração da Ilha na região a que pertence, embora se deva destacar desta, no que tem de mais singular. Porém, este destaque deve ser feito no sentido de arrecadar maior procura e não no sentido de se distanciar dessa mesma região.

As características do relevo da Ilha são uma marca própria e também, já referida nesta dissertação, como sendo importante preservar por ser algo que, embora com características próprias da região em que se insere, incutem uma especificidade e em simultâneo distinguem esta Ilha das outras. Os inquiridos consideraram este factor como muito importante (66 respostas), denotando a importância que o relevo incute na paisagem da Ilha.

A existência de paisagens características considerada como muito importante por 86 dos inquiridos, reforça a ideia de que é de extrema importância apelar à singularidade da paisagem desta Ilha para conseguir uma maior procura turística.

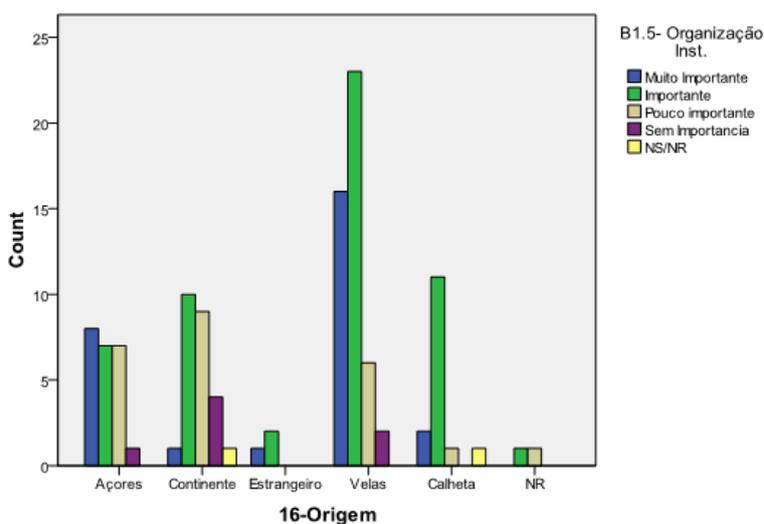


Para além de estar fortemente vinculada a associação do turismo à natureza, esta é considerada como muito importante por 82 dos inquiridos, e seja qual for a sua origem, estes consideram esta associação em maioria para os atributos que conferem

notoriedade à paisagem. Estas respostas vêm, novamente, firmar o raciocínio de que a Ilha tem um turismo fortemente ligado à procura de natureza.

A organização institucional não se dissocia da paisagem, e é bom conferir que a população está atenta e sabe bem que os políticos e as instituições têm obrigações e responsabilidades sobre a paisagem.

Nesta questão, os velenses são aqueles que mais acusam esta responsabilidade.

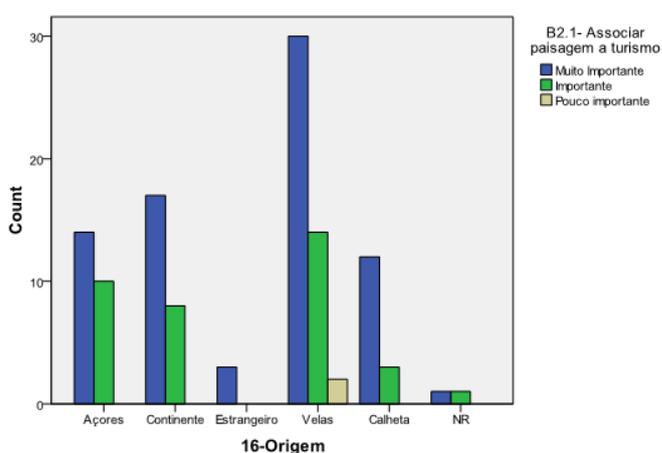


É sabido que a formação profissional é, cada vez mais, um factor de distinção nos diferentes sentidos da palavra, fazendo crescer, ou não, a procura por determinado local.

Na oferta turística também não deve ser descurada a formação, pois operadores e demais pessoas ligadas aos diferentes ramos do turismo, devem ter atenção à forma como prestam o seu serviço. Isto é ainda mais premente, num mundo que cada vez mais se assume como uma “aldeia global” também nas viagens. Os turistas/visitantes, são cada vez mais exigentes na prestação do serviço que recebem, sendo que relatam com mais frequência a sua insatisfação, quando acontece, mas também a população residente já se tornou mais exigente com o serviço que recebe. Assim, a questão do profissionalismo e da presença do sector empresarial, tem uma consideração de muito importante por 48 dos inquiridos e de importante por 45.

Esta importância associada à presença do sector empresarial vem confirmar o já referido em partes anteriores de que as empresas, sobretudo as ligadas ao turismo, não se podem dissociar da publicitação, não só individual, como também da Ilha e da região em que se inserem. As campanhas governamentais não podem ser um exclusivo, sobretudo porque estas são generalistas, o que faz com que ilhas mais pequenas como São Jorge continuem na cauda da procura turística comparativamente com outras ilhas desta região, que não só beneficiam da entrada dos turistas na região através dos aeroportos, como do facto de terem um sector empresarial maior e com mais dinheiro para investir.

### 3 Aspectos que ajudam a promover a paisagem como recurso turístico

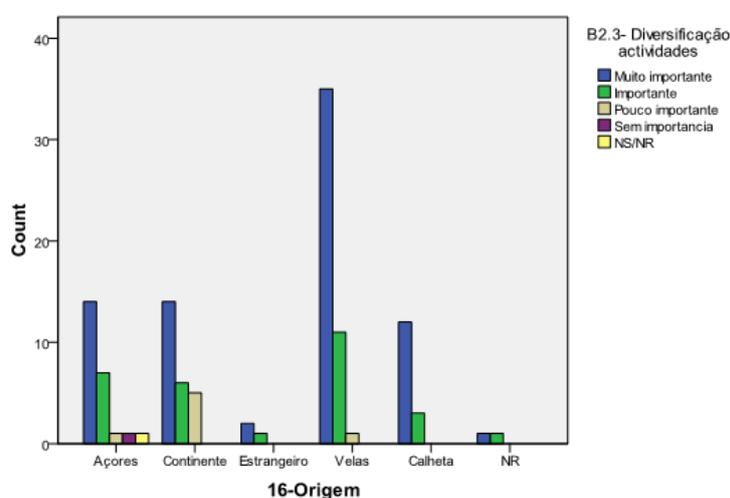


No que respeita a associar a paisagem ao turismo, os inquiridos foram peremptórios na resposta, considerando que esta associação é muito importante. Isto deve reforçar a ideia, já vincada e bastante assinalada no decurso desta dissertação, de que a paisagem é um bem que deve ser protegido, tal qual

uma matéria-prima, que deve ser trabalhada com qualidade para que o resultado final adquira ainda mais valor. Este resultado é também significativo da paisagem estar associada fortemente à Ilha como um recurso turístico de relevo.

O trabalho de diversas entidades que tutelam as mais variadas áreas de protecção é, sem dúvida, importante e, de certa forma, estudado nestes inquéritos. Inquiriu-se a população sobre a delimitação de áreas protegidas como forma de promover a paisagem como recurso turístico, sendo que as respostas foram esmagadoras ao considerarem este muito importante (64) e importante (40).

Nesta questão, pode-se retirar a ideia de que a publicidade e a procura associada ao “rótulo” de paisagem protegida são sinónimo da procura por parte de um segmento de população, cada vez maior, de pessoas informadas e selectivas. Desta forma, mais uma vez, se chama a atenção para o cuidado e preservação da paisagem, pois o turista de hoje deixou de ser, o emigrante de visita à terra que assumia a quase totalidade dos turistas/visitantes de há uns anos atrás. Hoje, cada vez mais, a Ilha é procurada por gente das mais diversas nacionalidades, com os mais diferentes conhecimentos e, sobretudo, com um olhar mais crítico e com capacidade de comparação. Não podemos esquecer a população residente, que identifica, com cada vez maior facilidade, os prós e contras da realidade em que se insere, pois esta é, também, uma população que cada vez mais viaja trazendo motes de comparação.



Nesta questão é fácil entender, que os inquiridos, de uma forma geral, consideram que a diversificação da oferta de actividades turísticas, ajuda a promover a paisagem como recurso turístico. É claro, que estas actividades devem ser pensadas com o uso desta

mesma paisagem mas, aqui, se chama a atenção para a importância que a natureza assume quer nos residentes quer nos que visitam a Ilha.

Neste seguimento apresenta-se a questão feita sobre a qualidade da paisagem que, como não poderia deixar de ser, num meio onde se pretende veicular a paisagem e a natureza como motor do turismo, foi considerada como muito importante por setenta e cinco dos inquiridos

Tal como já referido, a publicidade da Ilha deve ser um trabalho conjunto entre as instituições governamentais e as privadas, assim, o esforço dos empresários na divulgação da paisagem e do turismo foi considerado muito importante por setenta e seis inquiridos. Este valor é significativo do entendimento da população, que considera os empresários como fortes responsáveis pela divulgação do meio em que movem os seus negócios turísticos.

#### **4 Como se poderia melhorar a qualidade da paisagem da Ilha?**

Quando confrontados com esta questão, os temas propostos para resposta, foram respondidos segundo as expectativas. Isto comprova a teoria de que a população está cada vez mais atenta, crítica e selectiva do que se passa no seu território, ou nos locais que visita. O aumento da área protegida é considerado como muito importante (42) e como importante (49), mais uma vez veiculando a ideia de que uma paisagem classificada é mais cuidada e esse registo é marca de qualidade que se repercute na procura que acaba por ter.

O facto de se associar a paisagem a usos económicos poderá ser uma âncora para a preservação e melhoria da qualidade da paisagem, pois se houver prejuízo económico na sua degradação, haverá um cuidado maior. Os inquiridos concordaram com este raciocínio, pois assumiram esta situação como muito importante (42) e como importante (49). Um dos usos económicos de maior destaque em São Jorge é, sem dúvida, o Turismo.

No que concerne ao aumento das áreas florestais, os inquiridos não assumiram isto como tendo grande importância, considerando que preservar a paisagem florestal/natural em detrimento da construída deve ser mais importante.

Sabe-se, no entanto, que existe a necessidade de construir. Porém, os inquiridos não consideram que uma paisagem urbana deva sobrevalorizar e penalizar a natural/florestal.

Estas respostas servem, mais uma vez, para espelhar o panorama sentido e percebido pela população residente e visitante, de que a paisagem é algo de importante nesta Ilha, podendo e devendo ser usada com respeito e equilíbrio pois, certamente, os dividendos retirados serão muito maiores.

Num outro ponto do questionário perguntou-se acerca das actividades que a Ilha teria capacidade para desenvolver. As respostas obtidas espelham, mais uma vez, a ideia generalizada de que actividades ligadas à natureza e às características da paisagem da Ilha devem ser as mais valorizadas e desenvolvidas. Dentro destas, e estando numa Ilha, as actividades náuticas lideram, 67 pessoas vêem estas, nas suas mais variadas performances, como as mais propícias a desenvolver.

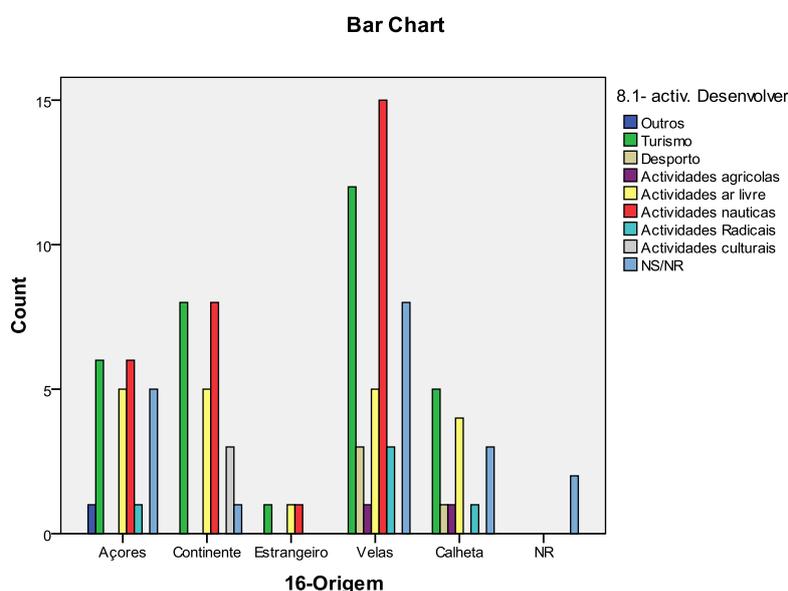
As actividades ao ar livre, como caminhadas pelos trilhos, obtiveram cinquenta e duas indicações. Isto é significativo da capacidade da paisagem da Ilha para usos que podem estar ligados a uma vertente económica que sirva de suporte ao desenvolvimento da Ilha, paralelamente ao desenvolvimento turístico.

O turismo, no geral, também foi reconhecido (47 respostas em 116) como sendo uma actividade que esta Ilha tem grande capacidade para desenvolver e vingar.

Visitar esta Ilha será certamente sinónimo de comunhão com a natureza em diferentes aspectos. Como diz João de Melo, (2000) sobre São Jorge *que é a Ilha mais Ilha dos Açores*, como tal, muitas são as valências que podem ser aproveitadas para o desenvolvimento turístico, até mesmo para que este se torne menos sazonal. Desta forma as actividades radicais são, também, outra vertente a ser desenvolvida e reconhecida pela população residente e por quem a visita.

Quando questionados (turistas) sobre as actividades praticadas durante a visita a São Jorge, a maioria assume as caminhadas como a actividade mais praticada, para a análise deste número será necessário

ter em conta que este é afectado pelas características específicas da Ilha, pelas caminhadas e percursos de trilhos às fajãs. Mais uma vez as actividades náuticas são, logo de seguida, aquelas que são mais praticadas. Nesta questão, estas actividades



têm de ser vistas de forma mais particular, pois tirando os banhos de mar e eventualmente os mergulhos, para a prática de actividades náuticas são necessários equipamentos e uma certa logística pouco compatível com as viagens turísticas. Assim, necessitando de suporte para estas actividades aquando da sua chegada à Ilha.

Foi fácil verificar que a população inquirida está bem relacionada com o território e com a sua dinâmica, sobretudo com as suas capacidades. Foi também com interesse que se constatou, o avanço na capacidade crítica de quem aqui vive ou por aqui passa. Reflectindo um aumento da selectividade que está na base das escolhas dos destinos turísticos e até mesmo para viver.

## 5 Entrevistas aos Agentes Locais

Aos Agentes Locais foram entregues inquéritos, alguns foram aplicados directamente outros, pela falta de tempo do agente foram deixados para posterior recolha. Esta informação foi recolhida junto dos que podem contribuir para a transmissão de percepções sobre a Ilha, o seu desenvolvimento ou as perspectivas para a sua evolução turística pois são estes agentes, que mais de perto operam com os diferentes aspectos de mudança da paisagem na Ilha.

Foram entregues inquéritos a diferentes agentes desde presidentes de juntas de freguesia, operadores turísticos de diferentes áreas, representantes governamentais ou institucionais, no período temporal de Janeiro a Junho de 2010. Porém, nem todos foram participativos e não entregaram os mesmos inquéritos preenchidos. Assim obtiveram-se catorze inquéritos respondidos, exemplificativos da realidade, pois os agentes abrangidos tocam nas mais diferentes áreas do terreno (ilustração 17).

Estes inquéritos formulados para obtenção de respostas qualitativas, são um procedimento de recolha de informação que auxilia o aprofundamento do conhecimento, quer por trazer novas visões, quer por confirmar e aprofundar as já existentes.

Concretamente, o inquérito distribuído visava essencialmente perguntas que abrangiam temas variados ligados a aspectos da paisagem e da sua importância numa vertente turística. Numa segunda parte, embora mantendo a base da paisagem e da sua relação ao turismo, as questões eram mais indicativas, com respostas qualitativas e pré-estabelecidas, obrigando o

inquirido a seleccionar por grau de importância. O inquérito terminava com uma parte que, apesar de ter uma característica aberta de resposta, limitava a quantidade de resposta, impondo uma síntese e mais uma vez marcando a preferência do inquirido.

Este tipo de inquérito apresenta vantagens e desvantagens. As vantagens apresentam-se na qualidade e volume de informação obtida, pois esta é transmitida por técnicos ou representantes que trabalham os assuntos no terreno, trazendo à análise, uma visão muito própria. Estes inquéritos, pela sua abrangência, requerem selecção, análise, tratamento e síntese da informação pois, apesar do número de inquiridos ser mais reduzido, o espectro de respostas é bastante abrangente e diferenciado.

De salientar que cada um dos agentes inquiridos apresentou respostas que eram, visivelmente, o reflexo da sua função técnica ou representativas do cargo ocupado, e não tanto uma preocupação pessoal premente.

Entrevistado	Entidade
Presidente	Câmara Municipal de Velas
Presidente	Câmara Municipal da Calheta
Chefe de Divisão	Divisão da Cultura de Velas
Responsável da Ecoteca	Ecoteca
Responsável do Ecomuseu	Ecomuseu
Chefe de Ilha	Secretaria Regional da Economia
Directora Pedagógica	Escola Profissional da Ilha de S. Jorge
Vice-presidente	Escola B/I Topo
Presidente	Associação Juventude DPHCN S. Jorge
Chefe de Delegação	Delegação Marítima
Presidente	Junta de Freguesia do Topo
Chefe de Ilha	Posto de Turismo
Director da Agência	Agência de Viagens Oceano
Gestora do Hotel	Hotel S. Jorge

**Ilustração 17** Relação dos entrevistados com a função que ocupam enquanto Agentes do Território

**Fonte:** Elaboração própria

Na ilustração 17 pretendeu-se mostrar a relação entre o agente inquirido e a sua função na entidade que lhe confere autoridade e interesse para responder a este inquérito, na tabela seguinte criou-se um esquema que facilitasse a percepção das respostas dadas por estes mesmos Agentes, criando grupos de resposta auxiliados por coloração.

Dividiu-se a tabela em duas A e B, de forma a facilitar a percepção, pois os dados analisados podem ser agrupados em dois grupos diferentes, como mostra as legendas correspondentes. Respeitando esta divisão, foi atribuída uma coloração aos diferentes grupos de respostas, na tabela A a escolha das cores prendeu-se, essencialmente, com uma distinção das respostas dadas, embora tentando fazer uma ligação da cor à resposta, enquanto na tabela B a escolha prendeu-se com a identificação do vermelho a factores de negação enquanto o verde para factores de aprovação, escolhendo o amarelo para as respostas consideradas neutras.

Tabela A	CMVelas	CMCalheta	Divisão Cultural	Ecoteca	Ecomuseu	Coordenadora Secretária Regional	Escola Profissional Ilha S. Jorge	Escola B/I Topo	Associação Juventude DPHCN	Delegação Marítima	Junta Freguesia Topo	Posto Turismo	Agencia Viagens Oceano	Hotel S. Jorge
1 - Associa à Paisagem	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza	Natureza
2 - Elementos da Paisagem	Natureza	Arquitectura Tradicional	Natureza	Natureza/Geologia/cultura	Arquitectura Tradicional	Natureza	Natureza	Natureza	Arquitectura Tradicional	Natureza	Características Intrinsecas	Características Intrinsecas	Características Intrinsecas	Natureza
5 - Dificuldades para conservar o carácter da Paisagem	Civismo/Formação	Civismo/Formação	Civismo/Formação	Pressão Política	Pressão Política	Civismo/Formação	Pressão Política	Civismo/Formação	Pressão Política	Sensibilização Político/Privada	Sensibilização Político/Privada	Sensibilização Político/Privada	Sensibilização Político/Privada	Sensibilização Político/Privada
12 - Preservar ou aumentar a importância da paisagem da Ilha, atendendo à concorrência	Natureza/Paisagem	Divulgação	Recuperação/Preservação Património natural e rural	Protecção/Fiscalização	Recuperação/Preservação Património	Recuperação/Preservação Património	Recuperação/Preservação Património	Divulgação	Recuperação/Preservação Património	Divulgação	Divulgação	Recuperação/Preservação Património	Recuperação/Preservação Património	Protecção/Fiscalização

Tabela B	CMVelas	CMCalheta	Divisão Cultural	Ecoteca	Ecomuseu	Coordenadora Secretária Regional	Escola Profissional Ilha S. Jorge	Escola B/I Topo	Associação Juventude DPHCN	Delegação Marítima	Junta Freguesia Topo	Posto Turismo	Agencia Viagens Oceano	Hotel S. Jorge
3 - Empresários Turísticos sensibilizados na preservação da Paisagem	Sim	Não	Sim	Não	Não	Difícil/Parcial	Não	Sim	Difícil/Parcial	Difícil/Parcial	Sim	Não	Difícil/Parcial	Não
10 - Mudar Paisagem sem perder Identidade e Equilíbrio Ambiental	Não	Difícil/Parcial	Sim	Sim	Não	Sim	Difícil/Parcial	Difícil/Parcial	Sim	Sim	Sim	Sim	NS/NR	Sim
15 - Alterações substanciais na paisagem interferem na procura turística	Sim	Sim	Sim	Sim	NS/NR	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Sim

Elementos ligados à natureza/paisagem	
Elementos ligados arquitectura e ruralidade	
Elementos Políticos/Fiscalidade	
Elementos Humanizados	

Sensibilização Positiva	
Sensibilização negativa	
Sensibilização neutra	

Tabela B

Tabela A

Ilustração 18 Estruturação de Respostas

Fonte: Elaboração própria

Numa Ilha perfeitamente enquadrada numa região também ela marcadamente ligada à natureza, basta verificar a publicidade e slogans que ligam os Açores à natureza – “Açores, a natureza viva” – percebe-se facilmente que este tema influencia e marque as respostas sobre a paisagem e as características da região e das suas respectivas ilhas como São Jorge. Assim, de todas as questões colocadas, foi fácil perceber que as questões ligadas à natureza e paisagem reúnem maior interesse por parte dos inquiridos, situação facilmente verificada na tabela A, dentro deste tema da natureza, consideraram particularmente importante, aspectos como os trilhos, as fajãs, o verde das encostas ou as ribeiras:

*“Associa-se à Paisagem da Ilha de São Jorge o relevo e a Geografia característica desta Ilha (edificação através de um vulcanismo do tipo fissural que originou as fajãs, as encostas escarpadas, zonas de planalto com as nossas pastagens e cordilheira central”* (Ecoteca)

De assinalar que outra das características valorizada como elemento de suma importância, prende-se com elementos ligados à arquitectura e ruralidade:

*“Todos os aspectos ligados à ruralidade e recuperação de ruínas”* (CM Calheta)

*“Preservação da qualidade ambiental, preservação da arquitectura tradicional”* (Divisão da Cultura)

*“Todos os elementos patrimoniais que são a identidade construída: caminhos pedestres, construções em pedra seca, tudo o que seja arquitectura popular”* (Ecomuseu)

Tudo isto é representativo da imagem, vincada, que a paisagem tem para os seus principais Agentes. Uma paisagem assente na natureza, mas onde se assumem os elementos arquitectónicos como determinantes para um equilíbrio e sobretudo, como factor de individualidade do território e da sua paisagem. Esta é, certamente, uma situação proveitosa para o turismo, pois existe um interesse, em toda a região, de marcar o turismo dos Açores como um turismo natureza. Assim, verifica-se que esta é de facto a imagem vincada e que passa para o exterior.

No entanto, considero importante focar que existe uma expressão, bastante significativa, de agentes que consideram que aspectos relacionados com uma certa pressão política ou falta de fiscalidade podem afectar a conservação e caracterização da paisagem. Tal como o civismo e a formação por parte dos cidadãos podem, também, influenciar fortemente a paisagem, assim a divulgação assume um papel de moderador não só porque a própria população e instituições assumem um maior respeito pela conservação e preservação

equilibrada da paisagem, como serve para divulgar externamente as características intrínsecas da mesma:

*“Falta de civismo”* (CM Velas)

*“Falta de formação, condições financeiras”* (CM Calheta)

*“Sensibilizar e divulgar”* (CM Calheta)

*“As principais dificuldades para a conservação do carácter da paisagem poderão ser ao nível da população e dos nossos governantes, pois nem sempre há compreensão/ sensibilização para esta temática.”* (Ecoteca)

*“Criação de medidas de protecção, fiscalização e divulgação junto da população”* (Ecoteca)

*“A vontade de ganhar dinheiro fácil e rápido que se associa à construção”* (EPISJ)

*“Melhor divulgação das nossas paisagens no exterior”* (Junta de Freguesia Topo)

*“Complicação dos regulamentos e sua interferência na vida dos habitantes. Falta explicá-los convenientemente aos locais”* (Posto Turismo)

*“Deve-se criar legislação rigorosa e implementar fiscalização em relação à construção/alteração do património...”* (Hotel S. Jorge)

De facto, é importante salientar que a paisagem natural da Ilha está, em alguns locais, a ser perigosamente afectada por alguma descaracterização urbana, proveniente de construções desadequadas, e onde se verificava uma falta de civismo e formação por parte das pessoas, mas sobretudo por parte de quem deveria fiscalizar e pôr em prática as regras existentes.

Um exemplo determinante desta descaracterização que prejudicou de forma definitiva e sem possibilidade de recuperação, são as obras efectuadas na baía de Velas, onde foi construída uma marina que deveria responder não só às necessidades da população como permitir espaço para os turistas, servindo como um incentivo de possibilidades turísticas (iatistas).

No que concerne a questões que se podem integrar num grupo ligado mais especificamente à sensibilização, podemos verificar que os Agentes Locais, na sua maioria, consideram que os empresários turísticos não estão muito sensibilizados para a preservação da paisagem, ou que apresentam uma sensibilização parcial:

*“Não mas com tendência a ficar”* (CM Calheta)

*“Por enquanto essa sensibilização relativamente à preservação da paisagem é bastante diminuta”*  
(Ecoteca)

*“Não, com algumas exceções”* (Ecomuseu)

*“Alguns sim, outros ainda têm muito que aprender”* (SR Economia)

Considera-se igualmente que os empresários turísticos assumem uma postura demasiado passiva no que concerne à protecção da paisagem. Estes preocupam-se com o prosperar das suas empresas, esquecendo que o motor desse desenvolvimento é o que caracteriza o desenvolvimento turístico da própria Ilha, um está dependente do outro. Os empresários imiscuem-se, demasiado, na responsabilização do governo pelas medidas a serem tomadas, pela divulgação da Ilha/Região, deixando para segundo plano a sua própria responsabilização. Pois se cada um, ou o seu conjunto, divulgar a sua empresa ou região, todos ganharão. A divulgação do conjunto favorece a divulgação e sobretudo a procura individual. E para que isto aconteça, devem começar desde já por preservar e fazer valer aquilo que é procurado – paisagem/natureza, como forma de manter o turismo e o próprio negócio.

A mudança da paisagem sem perda da identidade e equilíbrio ambiental foi, outro dos assuntos em discussão na procura de respostas junto dos Agentes. É sabido que, por vezes é difícil crescer sem perder identidade, são necessários custos e recursos que muitas vezes os mais pequenos não possuem. No entanto, ao conseguir-se fazer desenvolver sem perder a identidade pela qual se sentiu a necessidade de fazer crescer, deverá, certamente, ser a fórmula de sucesso para qualquer local, sobretudo para aqueles que dependem intrínseca e fortemente do turismo ligado à natureza e às características únicas que possuem.

Os Agentes questionados sobre este assunto foram peremptórios e consideraram, na sua maioria, que é possível mudar a paisagem sem perder a sua identidade. Ou seja, consideram possível desenvolver sem perder aquilo que os torna diferentes, mesmo que nem sempre seja fácil:

*“Sim, mas não é fácil”* (CM Calheta)

*“É possível, depende das mudanças, o conceito de identidade não é permanente é mutável, depende das características das diferentes gerações”* (Divisão Cultura)

*“Acho que poderão existir algumas possibilidades desde que haja um controlo e sensibilidade para o património ambiental, sociocultural, etc.”* (Ecoteca)

*“Não quando a mudança é vazia de sentido e introduz o caos”* (Ecomuseu)

*“Claro, através de um plano realista e equilibrado”* (Delegação Marítima)

*“Sim, é uma questão de planeamento integrado com o progresso, as necessidades das populações e os interesses a preservar”* (Posto de Turismo)

De facto, desenvolver não tem de ser sinónimo de perda de identidade. Há que estabelecer e definir estratégias correctas e implementá-las de forma coerente. Desenvolver a Ilha não implica estragar o que existe, antes, deve existir o cuidado acrescido de preservar o que ela tem de único, e pelo qual é procurada. Criar e sobretudo melhorar as condições, mas sem aniquilar o que a torna um ponto turístico.

É certo que as gerações vão, também, afectando e mudando a paisagem. Tal como refere Silva, 1999, factores artísticos, estéticos, inatos ou por uma questão de moda, podem influenciar as escolhas dos turistas, mas também, poder-se-á pensar nestes factores como o espelho de gerações que vão incutindo no seu território aquilo que vão experimentando noutros. Sabe-se que com o aumento dos fluxos turísticos no mundo, existe um maior conhecimento de outras realidades, daí que estas mesmas realidades exteriores possam acabar por se misturar na realidade local de cada região. Assim, assume maior necessidade planejar para executar, para que não se percam os aspectos que nos tornam únicos e diferentes.

Alterações substanciais na paisagem que interferem na procura turística são consideradas pelos Agentes um factor a ter em consideração, visto que essas alterações podem afastar a procura turística, caso descaracterize a paisagem:

*“Sim, sobretudo nas fajãs”* (CM Calheta)

*“Desde que se tomem as cautelas devidas para não descaracterizar os espaços alvo de intervenção não haverá interferência”* (Divisão da Cultura)

*“Julgo que sim, pois normalmente os turistas procuram a diferença e a entidade cultural dos locais a visitar”* (Ecoteca)

*“Penso que se houver o cuidado de gerir a humanização da paisagem, consegue-se satisfazer as necessidades dos residentes, sem prejudicar grandemente a procura turística”* (Escola Básica do Topo)

*“Sim, a nossa singularidade/qualidade provem da nossa natureza relativamente intacta. Grande pressão humana acabaria por destruir o nosso encanto”* (Posto de Turismo)

*“Sim, reproduzir paisagens já conhecidas dos nossos visitantes fará com que alterem as suas motivações e procurem novos destinos”* (Hotel S. Jorge)

Pode então considerar-se que os Agentes estão sensibilizados para a realidade da beleza de território em que se inserem, e sobretudo em relação à sensibilidade deste. Sendo, então, uma necessidade protegê-lo e fazer um bom uso do seu desenvolvimento. Urge reunir peritos e elencar prioridades numa discussão alargada de troca de experiências e conhecimentos para se descobrir, em torno de um pensar agregado, um desenvolvimento sustentado num reconhecer, logo à partida, do objectivo último a alcançar. Porque se encararmos constantemente o desenvolvimento como o factor determinante para o crescimento, mas sem respeito nem projecção, podem correr-se riscos ou mesmo cair em erros difíceis, ou até mesmo impossíveis, de reparar. Acima de tudo, saber que o desenvolvimento é necessário, mas de forma integrada e racional. É indispensável avançar no acto de planeamento e tomada de decisões concertadas e consistentes, de forma a manter este paraíso como factor de procura turística e até mesmo aumentar essa procura.

## III.2 - ESTRATÉGIA DE FUTURO

Muitas estratégias poderiam ser estabelecidas e muitos factores dariam o mote a orientações estratégicas válidas e com grande capacidade de sucesso nesta Ilha. No entanto, depois da análise dos documentos estratégicos e analisada toda a informação recolhida, as linhas de força para uma estratégia de desenvolvimento turístico da ilha de S. Jorge apoiada na paisagem é:

1. Divulgação/sensibilização
2. Transportes – inter-ilhas e intra-ilhas
3. Diversificação de Actividades
4. Formação e aproveitamentos de recursos humanos – diversificação e animação turística.

### 1. Divulgação/sensibilização

Considera-se que a região e sobretudo a Ilha de São Jorge carecem de maior divulgação para recolherem maiores dividendos das capacidades turísticas que têm e, conseguir destacar-se no meio turístico nacional e internacional. Para isto, defende-se que a Ilha se mantenha ligada ao panorama da região a que está ligada, mas que se tente divulgar de forma mais individualizada. Esta Ilha tem a desvantagem de ficar na periferia no que concerne às entradas no arquipélago, sendo por isso, diversas vezes preterida por outras com entrada directa. Reforça-se a necessidade de uma divulgação assente nas características que a Ilha possui, de forma a demarcar-se da restante região, mesmo que apoiada nesta. Esta aposta numa divulgação individualizada do que a Ilha tem de mais específico, será uma factor de demarcação da região em que se insere, conseguindo atrair turismo pelas suas capacidades específicas e que a fazem destacar do resto das ilhas, individualizando-a.

Os principais condicionamentos desta linha estratégica terão a ver com a falta de recursos financeiros, a região já por si tem dificuldades em divulgar-se, a Ilha mais ainda. Esta é uma

Ilha pequena e, como já referido, em que muitas vezes se trabalha para atingir um nível razoável, daí a necessidade de se sensibilizar a população para uma melhoria dos serviços prestados mas, sobretudo, para a preservação da qualidade do património paisagístico que possui em São Jorge.

Há a necessidade de sensibilizar a população e os diversos agentes, para o cuidado da paisagem e dos elementos que a constituem. Sensibilizar para a pressão junto dos organismos públicos e privados, para que exerçam funções responsáveis sobre o território.

## **2. Transportes – inter-ilhas e intra-ilhas**

Este tema é crucial para o futuro da Ilha São Jorge assume uma posição periférica nas entradas de turistas na região. Tendo apenas o aeroporto inter-ilhas, e com os preços praticados pela transportadora regional, que domina o tráfego aéreo para a região e sobretudo dentro da região, torna-se bastante complicado competir com destinos turísticos internacionais mas, também, com outras ilhas da região.

Como se o transporte aéreo já não dificultasse o bastante a entrada de turistas na Ilha de São Jorge, o transporte marítimo continua a não satisfazer as necessidades quer de quem visita a região como de quem mora nela, dificultando a mobilidade dentro da região. Esta dificuldade reflecte-se nas visitas inter-ilhas, prejudicando a deslocação de turistas e consequentemente melhorando o turismo das ilhas mais periféricas como São Jorge.

Outra situação será merecer atenção prende-se com a deslocação interna na Ilha. Esta está a cargo de uma única empresa de transportes que não oferece horários capazes de responder às necessidades dos turistas que visitem a Ilha. Os horários praticados não possibilitam, ao turista, visitar a ilha e regressar no mesmo dia ao local onde estiver hospedado. Obrigando o turista a recorrer às rent-a-car ou a andar a pé, esta ultima forma, embora mais económica e ecológica, faz com que a quantidade de locais visitados seja reduzida, já que as distâncias e formas de chegar aos locais de interesse turísticos são demoradas se não se for de carro.

Os principais problemas desta medida prendem-se com a oferta de serviços por parte de empresas públicas e privadas não havendo, de nenhuma das partes um empenho em

melhorar o serviço prestado. A falta de abertura para alterar os horários, sobretudo por parte da empresa de transportes da Ilha, associada a uma falta de pressão da população e dos organismos públicos, faz com que se mantenha uma situação que não é favorável nem a quem lá reside e, ainda menos, a quem a visita. Mas como é sabido, mudar mentalidades é das coisas mais difíceis que se pode fazer e, como tal, será deveras difícil convencer esta empresa a alterar estes horários de forma a torná-los de maior utilidade pública.

### **3. Diversificação de Actividades**

Considera-se de grande importância para a atracção e desenvolvimento turístico a existência de actividades diversificadas, estas que poderiam servir inicialmente como chamativo para a Ilha e, posteriormente, para fixar interesses em regressar.

Como anteriormente referido, a Ilha tem variadas especificidades que poderiam ser aproveitadas. É claro que, para o seu próprio sucesso, não todas de uma vez mas, ao longo do tempo, sendo postos em prática planos de desenvolvimento estratégico específicos.

Esta Ilha tem características náuticas e terrestres variadas, que proporcionam uma multiplicidade de actividades, não só actividades como as já referidas nesta dissertação, como outras ligadas a um maior desenvolvimento cultural que deveria ser criado também para benefício da comunidade residente.

Outra estratégia poderia ser a criação de roteiros turísticos, aproveitando as características da Ilha, estes poderiam ser aplicados dentro da Ilha, bem como inter-ilhas. Estes roteiros, apoiados no que a Ilha tem de mais característico e que a diverge das outras (fajãs, rota do queijo), mas também podem estar presentes roteiros de actividades existentes noutras ilhas (espelionismo, espeleologismo, actividades náuticas), estes últimos criando diversidade dentro da região mas ao mesmo tempo também diferença, pois, por muito que a actividade em si seja a mesma, as características dos diferentes locais tornam cada local único, tornando, também, única a actividade.

A Ilha tem vários miradouros, alguns largados ao abandono, que poderiam ser aproveitados para a criação de um destes circuitos, beneficiando também o turismo interno da Ilha.

Qualquer actividade a ser criada deveria ser implementada não só internamente mas também integrada em circuitos inter-ilhas, criando um maior dinamismo com as outras ilhas mas, também, favorecendo o próprio sucesso dessas mesmas actividades.

#### **4. Formação e aproveitamentos de recursos humanos – diversificação e animação turística.**

A formação dos agentes e de todos os que intervêm directamente com os turistas é algo que deve ser muito bem pensado e valorizado. Se qualquer relação interpessoal, já por si é, por vezes difícil, pela interacção de diferentes personalidades, mais complicado se torna quando se está a pagar por um serviço. Nem sempre os agentes estão sensibilizados para uma boa prestação do seu serviço, e ainda menos quem colabora com estes principais agentes.

Criar uma dinâmica de formação na Ilha bem como, fora desta, até para um contacto com outras dinâmicas turísticas, seria de salutar e traria inúmeras vantagens para a prestação dos serviços turísticos.

Outra situação de grande interesse empresarial mas com dividendos turísticos tem a ver com dinâmicas culturais ou de animação turística nas próprias empresas ligadas ao sector, esta perspectiva é também defendida pelo POTRAA. Esta situação poderia servir para criar uma dinâmica de grupo interactiva, mas também criar ligações à Ilha e às empresas turísticas.

Esta criação de animação turística deveria ser desenvolvida apoiada em aspectos intrínsecos da Ilha como as suas gentes e a sua cultura.

#### **5. Criação de Vectores Estratégicos**

Para uma maior garantia de sucesso turístico, este deve ser visto numa perspectiva abrangente e integrada com a totalidade do território e das suas dinâmicas sociais e económicas.

Um território organizado, cuidado e onde as suas diferentes dinâmicas são tidas em conjunto, torna-se um território mais apetecível para turistas mas também para atrair população residente. E isto não deve ser descurado, pois a população residente é uma base forte para o sucesso do território, pois será nela e para ela que se apoiarão diferentes dinâmicas de desenvolvimento e organização territorial, até porque depende disso o desenvolvimento local.

Nesta perspectiva, considerou-se pertinente a criação de medidas estratégicas apoiadas em 5 vectores:

- 1 – Valorização dos Produtos Agrícolas e Reforçar a Ligação à Economia da Ilha
- 2 – Turismo
- 3 – Educação, formação, qualificação das pessoas para a vida activa
- 4 – Resolver problemas ambientais
- 5 – Preocupações de cariz social

Para cada um dos vectores, serão apresentadas as propostas estratégicas de forma simplificada, através de fichas estratégicas.

#### Vector 1: Valorização dos Produtos Agrícolas e Reforçar a Ligação à Economia da Ilha

Neste vector propõem-se **3 Acções**. A concretização destas acções passa pela consciência de quais os impactes associados, nomeadamente, os benefícios que cada acção concede para a construção de um território sustentável e pelo grau de implementabilidade que resulta dos recursos materiais e imateriais requeridos.

Pretende-se com este vector, criar uma visão que proporcione uma alteração a uma situação com condições de mudança e seguimento para o futuro. Esta pretende ser uma decisão consciente e informada do poder local particularmente relevante em contextos de recursos limitados.

De seguida são apresentadas, de forma detalhada, as 3 fichas para o Vector da Valorização dos Produtos Agrícolas e Reforçar a Ligação à Economia da Ilha.

Nº da Ficha 1.1

### De Agricultor a Empresário Agrícola de Sucesso

#### Objectivos:

Esta acção pretende tornar o sector agrícola da Ilha mais competitivo a nível local e regional. Pretende-se também que o sector evolua de um modo sustentável e que seja uma aposta de futuro quer para os actuais produtores, quer para futuros investidores.

#### Conteúdo:

Tendo em conta a realidade da Ilha ao nível do sector agrícola, em primeiro lugar será necessário tornar os produtores mais sensíveis para a temática da valorização dos produtos.

Os Agricultores deverão também possuir uma formação adequada à realidade actual. Pretende-se com esta formação que os produtores fiquem mais e melhor preparados para os novos desafios e para as contingências do mercado actual e da agricultura moderna, que conheçam quais as culturas mais rentáveis tendo em conta o tipo de solo, o clima e as necessidades de mercado. Existem novas oportunidades agrícolas que poderiam ser exploradas, tais como, a horticultura biológica a céu aberto e em estufas, a produção de frescos para alimentação do mercado, floricultura a céu aberto e em estufas, viveiros florestais, culturas energéticas, etc.

Será importante criar-se uma imagem forte, atractiva e que identifique a Ilha e os seus produtos de qualidade.

Seguidamente deverá promover-se os Certificados de Qualidade dos produtos agrícolas a comercializar, dar a conhecer ao consumidor a origem dos produtos, a sua qualidade e a região a que pertencem. Para isso seria necessário utilizar empresas especializadas na embalagem, rotulagem e marketing ou fazer parcerias com entidades formadoras da ilha ou de outras ilhas.

Pretende-se com esta formação que os produtores estejam mais e melhor informados e que o sector evolua de um modo sustentável, promovendo junto dos agricultores formas de exploração das terras agrícolas compatíveis com a protecção e a melhoria do ambiente e dos recursos naturais como a Produção Integrada e o Modo de Produção Biológico.

#### Tipo de Acção:

Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

#### Potenciais Parceiros:

- Câmara Municipal;
- Produtores Agrícolas;
- Associação de Municípios;
- Entidades Formadoras;
- Serviços de Desenvolvimento Agrário da Ilha de S. Jorge

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:**

Com o aumento da competitividade do sector agrícola espera-se que exista um crescimento do sector na Ilha, o que permitirá a criação de novos empregos, sobretudo para a população com níveis de escolaridade, eventualmente, mais baixos.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:**

Devido ao impacte sobre a criação de emprego espera-se assim conseguir evitar o êxodo populacional a que se tem assistido nos últimos anos, e sobretudo criar condições de melhoria de vida para a população com níveis de escolaridade, eventualmente, mais baixos.

**Principais Pontos Fracos da Acção:**

A mudança de mentalidade é sempre um grande entrave ao progresso, logo o processo de consciencialização dos produtores para as mais-valias do associativismo, da certificação e do marketing dos produtos pode tornar-se difícil.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

Com esta acção o produtor verá os seus produtos escoados de uma maneira mais fácil e profissional, visto o consumidor ficar com garantias de qualidade dos produtos.

Aumentar a capacidade de produção do sector agrícola e a sua sustentabilidade.

Alimentar o mercado interno com mais e melhores produtos.

Nº da Ficha 1.2

<b>Comercialização pelos Produtores/Criação de Associação de produtores</b>				
<b>Objectivos:</b>				
Fomentar a comercialização dos produtos de uma forma mais rentável e mais sustentável.				
<b>Conteúdo:</b>				
Criação de uma associação/empresa que tenha como responsabilidade a recolha dos produtos agrícolas, a selecção, comercialização e distribuição. Seria necessário fazer uma prospecção de mercado e ter uma carteira de clientes para essa distribuição.				
Esta acção é direccionada para pequenos produtores, de modo a facilitar o escoamento e a valorização dos seus produtos e das suas actividades.				
Esta associação terá ainda a função de controlo de qualidade dos métodos de produção, criação e exploração de uma marca que garanta a qualidade dos produtos e uma rentabilidade que os pequenos produtores, por si só, nunca conseguirão ter.				
<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Câmara Municipal;</li> <li>• Proprietários Agrícolas;</li> <li>• Serviços de Desenvolvimento Agrário da Ilha de S. Jorge</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:</b>				
Espera-se a criação de alguns postos de trabalho. São necessárias pessoas para a selecção e quantificação dos produtos, transporte dos produtos e um gestor/ orientador de todo o projecto.				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:</b>				
A criação de emprego e o aumento da sustentabilidade da pequena agricultura, será positiva e facilitará a retenção das pessoas na Ilha alterando a tendência que se tem verificado.				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escoamento dos produtos;</li> <li>• Fraca cultura de associativismo;</li> <li>• Consciencialização dos pequenos agricultores.</li> </ul>				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Facilidade no escoamento dos produtos;</li> <li>• Fomento do associativismo;</li> <li>• Oportunidade de aumentar a qualidade das técnicas usadas;</li> <li>• Possibilidade de produzir culturas em quantidade e qualidade adaptadas às necessidades de mercado.</li> </ul>				

Nº da Ficha 1.3

**Criação de empresa/Associação de exploração das pequenas propriedades**

**Objectivos:**

Rentabilizar as pequenas propriedades e evitar o abandono das mesmas.

**Conteúdo:**

Existem na Ilha um grande número de pequenas propriedades pertencentes a vários proprietários, algumas delas em estado de quase abandono, ou propriedades que se considera poderem voltar a usos essencialmente agrícolas de outrora.

Para atingir os objectivos desta acção pretende-se a criação de uma entidade que faça a gestão destas pequenas propriedades como uma só ou como uma grande propriedade composta por várias propriedades/courelas.

Esta entidade, dotada de técnicos especializados e capazes, será responsável em primeiro lugar por sensibilizar os proprietários dos terrenos no sentido da união de propriedades e de lhes mostrar as mais-valias dessa mesma união.

Teria de se fazer um estudo quer das potencialidades do uso do solo, das reservas de água existentes e de quais as melhores culturas a praticar tendo em conta não só o referido anteriormente, mas também as necessidades do mercado e todas as directivas agrícolas nacionais e internacionais.

Essa entidade seria responsável pela boa gestão dos terrenos, plantação, exploração, colheita e comercialização dos produtos daí resultantes.

Com esta iniciativa diminuía-se os custos de produção, facilitavam-se as candidaturas a programas de financiamento e adequava-se os tipos de agricultura praticada à realidade actual.

Cada proprietário receberia o correspondente à cota de terreno que possuísse, para além disso os terrenos deixariam de estar ao abandono ou com culturas pouco rentáveis e desadequadas, ou exclusivamente dedicados ao pastoreio quando até pudessem dar melhor rendimento aos seus proprietários.

**Tipo de Acção:**

Estudo

Plano

Projecto de  
execução

Obra

Actividade  
Organizativa

**Potenciais Parceiros:**

- Câmara Municipal;
- Proprietários Agrícolas;
- Técnicos;
- Serviços de Desenvolvimento Agrário da Ilha de S. Jorge

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:**

Espera-se a criação de alguns postos de trabalho.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:**

A criação emprego e o aumento da sustentabilidade da pequena agricultura, será positiva e facilitará a retenção das pessoas no concelho alterando a tendência que se tem verificado.

**Principais Pontos Fracos da Acção:**

- Sensibilização e adesão dos pequenos produtores.
- Custos iniciais do estudo de potencialidades do uso do solo e das culturas mais adequadas quer ao tipo de solo, quer às necessidades do mercado.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Diminuição dos terrenos abandonados.
- Aumento do potencial agrícola.
- Melhoria das condições de escoamento.
- Diminuição dos custos de produção.
- Facilidade de acesso a programas de financiamento.

---

## Vector 2: Turismo

Neste vector propõem-se **5 Acções**. A concretização destas acções passa pela consciência de quais os impactes associados, nomeadamente, os benefícios que cada acção concede para a construção de um território sustentável e pelo grau de implementabilidade que resulta dos recursos materiais e imateriais requeridos. Esta análise qualitativa assegura uma decisão consciente e informada do poder local particularmente relevante em contextos de recursos limitados.

Nº da Ficha 2.1

<b>Criação do Museu Municipal (Velas)</b>				
<b>Objectivos:</b>				
Criação de um museu etnográfico. Promover o turismo. Evitar a degradação do património religioso.				
<b>Conteúdo:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção do espaço físico do museu (aproveitamento de algum edifício já construído);</li> <li>• Criação de um museu de âmbito geral e etnográfico;</li> <li>• Será necessário proceder à identificação, catalogação e recuperação de toda a colecção dos objectos de interesse para o museu;</li> <li>• Será necessário proceder à constituição, identificação, catalogação e recuperação de todas as colecções etnográficas;</li> <li>• Proceder à divulgação do projecto através de exposições itinerantes, o site na Internet e publicações relacionadas com o âmbito temático do programa museológico e com o património edificado do município;</li> <li>• Elaboração de um roteiro Cultural Intermunicipal.</li> </ul>				
<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rede Portuguesa de Museus.</li> <li>• Proprietários Privados.</li> <li>• Instituto Português de Museus.</li> <li>• Juntas de Freguesia.</li> <li>• Câmara Municipal.</li> <li>• Proprietários de espólio.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:</b> Prevê-se a criação de alguns postos de trabalho.				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:</b>				
A criação de empregos contribui positivamente para a captação e fixação de população na Ilha.				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possível fraca afluência de visitantes;</li> <li>• Investimento algo avultado</li> </ul>				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dinamização do turismo;</li> <li>• Mostra de tradições e história do concelho e da cultura das suas gentes;</li> <li>• Incentivo cultural à população do município.</li> </ul>				

Nº da Ficha 2.2

### Criação de Roteiros Turísticos

#### Objectivos:

Elaborar roteiros turísticos temáticos que divulguem e valorizem o património existente na Ilha.

Criação de sinergias entre diversas áreas de actuação.

#### Conteúdo:

- Elaborar roteiros turísticos que divulguem e valorizem o património natural, etnográfico, arquitectónico e cultural da Ilha.
- Elaborar trilhos pedestres, TT e BTT com passagem em alguns dos pontos referidos anteriormente.
- Criar pacotes de oferta ligando produtos tradicionais, gastronomia, caça, oferta cultural, hotelaria e restauração.
- Reabilitar alguns edifícios inutilizados para usar como pontos de apoio e informação ao turista (casas do povo).
- Criar parcerias com produtores para receberem grupos nas suas propriedades a fim de mostrar os processos de produção agrícola e de criação de animais.
- Criar folhetos promocionais da Ilha, com informação sobre o descrito anteriormente. Apresentar esses folhetos em certames regionais e nacionais.

#### Tipo de Acção:

Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

#### Potenciais Parceiros:

- Proprietários agrícolas;
- Ecoteca;
- Juntas de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Restauração e hotelaria do Município.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** Prevê-se a criação de alguns postos de trabalho.

#### Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:

Este projecto pretende movimentar o turismo local e como consequência toda a economia ligada à área da restauração e da hotelaria, como tal prevê-se, que o projecto tenha implicações positivas na fixação de pessoas. E directamente ao turismo, pretende ser uma medida que aumente a estadia média dos turistas.

#### Principais Pontos Fracos da Acção:

- Dificuldade na criação de sinergias entre actores locais do sector do turismo;
- Investimento algo avultado

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Dinamização do turismo concelhio e da economia local.

Nº da Ficha 2.3

**O Regresso das Paredes Brancas**

**Objectivos:**

Devolver a cor branca às paredes da Ilha, sobretudo ao centro dos centros urbanos de maior impacto turístico.

Troca da tinta por possíveis trabalhos a favor de trabalhos prestados para benefício comunitário.

**Conteúdo:**

Promover a cor branca para as paredes das casas do município. Será necessário fazer uma promoção no sentido de sensibilizar as pessoas para esta temática tão importante para uma boa harmonia no município ao nível paisagístico e importante também “aos olhos” dos visitantes.

É importante também proceder à pintura de imóveis devolutos e degradados do concelho.

**Tipo de Acção:**

Estudo

Plano

Projecto de  
execução

Obra

Actividade  
Organizativa

**Potenciais Parceiros:**

- Juntas de Freguesia.
- Câmara Municipal.
- Proprietários das habitações.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** \_

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** \_

**Principais Pontos Fracos da Acção:**

Convencer a população a aderir ao projecto.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Melhoria da qualidade paisagística;
- Devolução da cor branca às paredes do município mostrando maior cuidado e asseio.

Nº da Ficha 2.4

<b>Criação de Ecopista</b>				
<b>Objectivos:</b>				
Promover o desporto ao ar livre.				
Revitalizar uma zona de bela paisagem mas deixada um pouco ao abandono (Urzelina – Terreiros – Manadas).				
Recuperar e requalificar os moinhos abandonados.				
<b>Conteúdo:</b>				
Construir uma ecopista reservada a deslocações de pessoas e veículos não motorizados, aproveitando um espaço pouco aproveitado.				
Promover pontos de interesse paisagístico/culturais, o turismo, recreio e lazer ao ar livre, num âmbito de incentivo à conservação da natureza e valorização dos sistemas naturais existentes.				
Recuperar antigos moinhos, que neste momento se encontram abandonados e em elevado estado de degradação, para edifícios de apoio (como postos turísticos).				
<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntas de Freguesia;</li> <li>• Câmara Municipal;</li> <li>• Entidades privadas;</li> <li>• Turismo.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:</b> Prevê-se a criação de alguns postos de trabalho.				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:</b> Com a movimentação do turismo outros sectores sofrerão influências positivas, como é o caso da hotelaria e restauração, impulsionando a fixação da população.				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b>				
Grande investimento necessário à execução do projecto.				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recuperação e utilização de património degradado;</li> <li>• Incentivo à prática desportiva ao ar livre;</li> <li>• Dinamização do turismo;</li> <li>• Fomento de uma zona de maior valor imobiliário.</li> </ul>				

Nº da Ficha 2.5

<b>Festas Tradicionais – Manter viva a Identidade</b>				
<b>Objectivos:</b>				
Fomentar a identidade.				
Manter vivas as tradições do município.				
<b>Conteúdo:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a interactividade entre as pessoas das diferentes freguesias da Ilha durante as festas locais.</li> <li>• Dinamizar as relações pessoais entre os habitantes das diferentes freguesias.</li> <li>• Dinamizar o associativismo.</li> <li>• Com as festas locais devidamente organizadas e com o intuito de mostrar as tradições, a gastronomia local, os folclores, jogos tradicionais, etc. evita-se que se percam no tempo todas estas memórias.</li> </ul>				
<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntas de Freguesia;</li> <li>• Câmara Municipal;</li> <li>• Associações do município;</li> <li>• Ecomuseu;</li> <li>• População em geral.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos: _</b>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha: _</b>				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção: _</b>				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evita-se com esta acção o desaparecimento de tradições.</li> <li>• Promoção da identidade concelhia.</li> <li>• Dinamização do turismo.</li> <li>• Dinamização do associativismo.</li> </ul>				

---

### Vector 3: Educação, Formação, Qualificação das Pessoas para a Vida Activa em Velas

Neste vector propõem-se **5 Acções**. A concretização destas acções passa pela consciência de quais os impactes associados, nomeadamente, os benefícios que cada acção concede para a construção de um território sustentável e pelo grau de implementabilidade que resulta dos recursos materiais e imateriais requeridos. Esta análise qualitativa assegura uma decisão consciente e informada do poder local particularmente relevante em contextos de recursos limitados.

Nº da Ficha 3.1

**Articular as acções de formação às reais necessidades do Município**

**Objectivos:**

Adequar as formações às necessidades do município.

Combater o desemprego.

Combater a mão-de-obra não qualificada.

Combater a precariedade do trabalho.

Promover o empreendedorismo.

**Conteúdo:**

O desemprego nesta Ilha é uma realidade, pessoas a viver de empregos precários e/ou a subsistirem de apoios e de formações. Formações essas que se mostram ineficazes pois não respondem, na sua maioria, às verdadeiras necessidades da Ilha.

Seria importante efectuar um levantamento junto das entidades empregadoras não só do município como também a nível regional para se constatar quais as verdadeiras necessidades.

Posteriormente deveriam ser criados cursos de formação de carácter local e regional, devidamente adaptados à realidade local e regional. Estes cursos de formação seriam dirigidos a gestores, empregados, jovens à procura do 1.º emprego e desempregados de longa duração.

Com esta acção combater-se-ia o desemprego e a mão-de-obra não qualificada, promover-se-ia o empreendedorismo e a competitividade.

**Tipo de Acção:**

Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

**Potenciais Parceiros:**

- Juntas de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Escola Profissional da Ilha de São Jorge;
- Câmara de Comércio;
- Ecoteca;
- Serviços Agrários da ilha de São Jorge;
- Centro de emprego.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** Espera-se com esta acção a criação de alguns empregos, não só a nível local mas também a nível regional. Empregos esses que na sua grande maioria vão surgir do levantamento das necessidades existentes na região.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** Com a criação de

empregos, há um aumento na fixação da população.

**Principais Pontos Fracos da Acção:**

- Fraca dinâmica empresarial, tanto local como regional.
- Dificuldade em conseguir uma dinâmica Regional.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Aumento da qualificação profissional dos munícipes.
- Diminuição da precariedade do emprego.
- Aumento da mão-de-obra qualificada e da competitividade local.
- Aumento da capacidade técnica de empresas e serviços.
- Integração e incentivo ao sucesso de outras propostas deste plano de A21L.

Nº da Ficha 3.2

**Promoção do Ensino de Qualidade**

**Objectivos:**

Aumentar a qualidade do ensino. Baixar a taxa de abandono escolar. Aumentar o nível de qualificação.

**Conteúdo:**

A educação é um dos temas centrais da sociedade. A necessidade de formar/educar os recursos humanos em prol de um desenvolvimento local faz parte dos interesses de qualquer Município. Para chegar aos objectivos definidos anteriormente é importante seguir as recomendações da carta educativa (que deve existir).

É necessário também inculcar nos alunos e nos pais a importância de um ensino qualificado e de qualidade, para isso terão de se criar mecanismos de aproximação entre a escola e os alunos e entre estes e os pais.

Será também importante proporcionar um apoio psico-pedagógico à população escolar.

As escolas deverão obedecer a uma lógica de modernização e adequação do parque escolar às necessidades de ensino do século XXI. Deverão ser dotadas de recursos que respondam às necessidades colocadas pela sociedade da informação, e assim as TIC deverão ser entendidas não como meros instrumentos de apoio ao trabalho lectivo, mas como ambiente vital onde os alunos deverão aprender a viver e a operar. As escolas deverão também obedecer a critérios de maximização do clima de conforto, bem-estar, higiene e segurança.

**Tipo de Acção:**

Estudo

Plano

Projecto de  
execução

Obra

Actividade  
Organizativa

**Potenciais Parceiros:**

- Juntas de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Associações de Pais;
- Escolas do Concelho.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** \_

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** \_

**Principais Pontos Fracos da Acção:** Falta de motivação de alunos e de encarregados de educação, que muitas vezes afecta o restante corpo educativo.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Aumenta a qualidade do ensino.
- Baixa a taxa de abandono escolar.
- Aumento do nível de qualificação.
- Maior acompanhamento dos alunos por parte dos pais.
- Mudança de mentalidades em relação à importância da qualificação.
- Melhoria das relações pessoais e institucionais entre pais e alunos e entre estes e as escolas.

Nº da Ficha 3.3

**Biblioteca On-line** (para cada um dos município, visto não existir uma biblioteca conjunta)

**Objectivos:**

Colocar a tecnologia ao dispor da população.

Ampliar o acesso à informação.

**Conteúdo:**

Criar uma base de dados electrónica entre a Biblioteca Municipal e as Bibliotecas das Escolas de modo a que possa existir um local onde toda a informação esteja disponível, nomeadamente os livros e os temas existentes. Era importante que todos os livros fossem catalogados tendo em conta a sua temática.

Pretende-se também a adesão e criação de e-books. Uma plataforma em crescimento de custo reduzido e de fácil acesso devido à Internet. Podem ser vendidos ou até mesmo disponibilizados para download em alguns portais de Internet gratuitos.

Devem-se promover o estabelecimento de parcerias com outras entidades também possuidoras de bibliotecas on-line e que possuam na sua base de dados e-books.

<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Câmara Municipal;</li> <li>• Biblioteca Municipal;</li> <li>• Outras Bibliotecas on-line</li> <li>• Escolas do Concelho.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:</b> _				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:</b> _				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b> _				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
Maior e mais fácil acesso à informação.				

Nº da Ficha 3.4

<b>Os Nossos Espaços</b>
<b>Objectivos:</b>
Organização de actividades de descoberta do município e dos seus valores.
Despertar o interesse das classes mais jovens para as problemáticas ambientais e sociais.
Promover o intercâmbio cultural e inter-geracional e modos de vida mais saudáveis.
<b>Conteúdo:</b>
Pretende-se com esta acção a criação de espaços onde possam ser desenvolvidas actividades lúdicas para os mais jovens e para os menos jovens, actividades essas que decorreriam durante as interrupções lectivas e aos fins-de-semana. Essas actividades incluiriam intercâmbios com outras escolas e participação em encontros de jovens relacionados com a temática da preservação do ambiente. Existem alguns problemas ambientais no município, algum desconhecimento do património cultural, histórico e natural existente. Com esta acção pretende-se que os mais jovens tomem consciência de todos estes valores, que tenham comportamentos mais saudáveis e que contribuam para a preservação do ambiente através de acções dirigidas para a resolução de determinados problemas.
Os jovens são uma forte influência para os mais velhos, e vice-versa, propõe-se também que sejam desenvolvidas “acções de formação/sensibilização” em que o principal objectivo seria a troca de

saberes e o convívio inter-geracional. Estas “acções de formação” não teriam um formato convencional mas seriam efectuadas através de eventos, como a comemoração do dia da árvore, do dia do ambiente, dia mundial do coração, dia da amizade, etc.

**Tipo de Acção:**

Estudo

Plano

Projecto de  
execução

Obra

Actividade  
Organizativa

**Potenciais Parceiros:**

- Juntas de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Rede Social;
- Escolas e ATL do município.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** \_

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** \_

**Principais Pontos Fracos da Acção:** Possível fraca adesão à iniciativa.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Dinamização da educação cívica, social e ambiental.
- Ocupação dos mais jovens e dos mais idosos.
- Dinamização do associativismo local. Mudança de mentalidades em relação à importância da qualificação.
- Melhoria das relações pessoais e institucionais entre pais e alunos e entre estes e as escolas.

Nº da Ficha 3.5

**Escola Eficiente**

**Objectivos:**

Melhorar a qualidade do ensino, do conforto e bem-estar dos alunos.

Promover o sucesso escolar.

Tornar a escola um exemplo de sustentabilidade e de igualdade social.

**Conteúdo:**

Com esta acção pretende-se que a construção da nova Escola Básica e Integrada de Velas (ou outra que venha a ser pensada a sua reconstrução) possua equipamentos de excelência ao nível das novas tecnologias de educação, ao nível da prática de desporto, ao nível da segurança e das condições gerais. Entre estas, saliente-se as condições de acessos a pessoas com deficiências/dificuldades motoras.

A escola deve torna-se um modelo de sustentabilidade local, propondo-se que, aquando da sua construção, existam preocupações ambientais de gestão ao nível da água, resíduos, energia e espaços verdes. Ao nível da energia podia apostar-se em energias renováveis como a solar térmica e foto voltaica e em equipamentos eléctricos de baixo consumo.

**Tipo de Acção:**

Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Potenciais Parceiros:**

- Câmara Municipal;
- DRE;
- Escola Básica e Integrada de Velas.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos: \_**

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** As condições de ensino são uma das grandes preocupações dos educandos e educadores. Ao existir uma escola com condições de excelência a todos os níveis poderá influenciar os pais a não abandonarem a Ilha.

**Principais Pontos Fracos da Acção:** Custos do projecto.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- O município passava a possuir uma escola com excelentes condições, condição importante para o sucesso escolar.
- Aumento da eficiência energética e da sensibilização ambiental.
- Diminuição do custo de utilização após a amortização.

#### Vector 4: Resolver os Problemas Ambientais

Neste vector propõem-se **4 Acções**. A concretização destas acções passa pela consciência de quais os impactes associados, nomeadamente, os benefícios que cada acção concede para a construção de um território sustentável e pelo grau de implementabilidade que resulta dos recursos materiais e imateriais requeridos. Esta análise qualitativa assegura uma decisão consciente e informada do poder local particularmente relevante em contextos de recursos limitados.

Este vector, mesmo não inserindo nenhuma ficha de acção específica, tem uma ligação com o vector 1, sobretudo no que toca às boas práticas agrícolas como a de agricultura biológica.

Nº da Ficha 4.1

<b>Saneamento Básico</b>				
<b>Objectivos:</b>				
Aumentar/criar a cobertura do saneamento básico.				
Acabar com os esgotos a céu aberto a fim de melhorar as condições ambientais.				
<b>Conteúdo:</b>				
Pretende-se dotar a Ilha com uma rede de Saneamento básico, capaz de responder às necessidades de tratamento dos resíduos e dando resposta à legislação em vigor como é o caso do Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC) no seu artigo 11º.				
<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntas de Freguesia;</li> <li>• Câmaras Municipais.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos: _</b>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha: _</b>				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b> Custos da acção.				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Redução de problemas ambientais;</li> <li>• Resposta à legislação.</li> </ul>				

Nº da Ficha 4.2

### Promoção das Práticas de Reciclagem – Construção de Ecocentro

#### Objectivos:

Criar/Aumentar as cotas de recolha selectiva na Ilha.

Sensibilizar as populações para a temática do ambiente e da sua preservação.

Dotar o concelho de um Ecocentro.

#### Conteúdo:

Esta acção assenta na sensibilização e educação ambiental da população, no estudo da distribuição de ecopontos no município e na construção de um Ecocentro.

No que toca à sensibilização deve-se apostar numa forte e apelativa campanha, com folhetos e cartazes informativos, e actividades complementares envolvendo as escolas, associações, empresas e a população em geral, com a realização de palestras e de eventos ligados ao tema. Ainda no capítulo da sensibilização deverá também ser solicitado o apoio de líderes de opinião.

Para além das acções de sensibilização é necessário dotar o município de ecopontos nas zonas destacadas nas diferentes fases do projecto levando-os o mais próximo das pessoas, sugerindo-se a instalação de ecopontos mais pequenos (360L). A recolha desses ecopontos seria efectuada pelos serviços municipais e depositados no futuro ecocentro.

Os ecocentros são locais para a deposição e separação de resíduos de grandes dimensões que podem ser valorizados, facilitando a gestão e o destino final dos mesmos. Servem para a deposição de RSU (Resíduos Sólidos Urbanos), resíduos verdes, os chamados monstros (mobiliário, colchões, electrodomésticos...), embalagens de madeira, pneus, ferro, RIB (Resíduo Industrial Banal), resíduos de construção e demolição, etc. Os Ecocentros geram alguns postos de trabalho e acabam com as deposições de resíduos clandestinas, permitindo uma limpeza dos campos e da paisagem eficaz e duradoura. Há vários casos que podem ser analisados e tomados como exemplos quanto ao tipo de opção de Ecocentro a construir na Ilha.

O destino final desta recolha terá de ser a exportação para efeitos de reciclagem que o município não terá capacidade de dar resposta.

#### Tipo de Acção:

Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>				

#### Potenciais Parceiros:

- Juntas de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Associações de pais;
- Associações do município;
- Ecoteca;
- Escolas do Município;

- Empresas;
- População em geral;
- Associação de Municípios;
- Governo Regional.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** A construção do Ecocentro permitirá a criação de postos de trabalho temporários (durante a obra) e efectivos (necessários ao seu funcionamento).

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** Aumentando o emprego também permite aumentar a fixação da população.

**Principais Pontos Fracos da Acção:**

- Custo da acção;
- Envolvimento da População.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Aumento da qualidade de vida na Ilha.
- Aumento da consciencialização dos residentes para questões relacionadas com o ambiente.
- Melhor gestão e encaminhamento dos resíduos.
- Acabar com as deposições clandestinas de resíduos, melhorando a paisagem e a qualidade ambiental.
- Resposta e cumprimento da legislação.

Nº da Ficha 4.3

**Despoluição de Margens Costeiras e Zonas Florestais**

**Objectivos:**

Despoluir as margens costeiras e as zonas florestais.

Educação ambiental.

Aumentar a qualidade de vida da população.

**Conteúdo:**

Identificar e eliminar as fontes de poluição e criar uma rede de monitorização e fiscalização para evitar a reactivação dessas fontes ou o aparecimento de novas fontes poluidoras.

Limpar as margens costeiras e zonas florestais e criar um sistema de vigilância para evitar novos despejos de lixos e entulhos.

Requalificar estas áreas. Proceder a arranjos paisagísticos para criar novas zonas verdes e espaços de encontro e de lazer.

<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntas de Freguesia;</li> <li>• Câmara Municipal;</li> <li>• Associações;</li> <li>• População em geral;</li> <li>• Escolas.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:</b> _				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:</b> _				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b> Eventual fraca adesão pela população em geral e sobretudo pelos maiores poluidores.				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Despoluição de áreas importantes da Ilha;</li> <li>• Melhoria da qualidade ambiental;</li> <li>• Possível aumento dos espaços verdes e de lazer.</li> </ul>				

Nº da Ficha 4.4

<b>Incentivo às Energias Alternativas</b>
<b>Objectivos:</b>
Implementar o uso de energias alternativas na Ilha.
Reduzir o consumo e dependência de energias fósseis.
Divulgar as vantagens e os benefícios do uso das mesmas.
Reduzir as emissões de dióxido de carbono.
<b>Conteúdo:</b>
Muitas vezes o problema do uso de energias alternativas prende-se, para além do elevado custo do investimento inicial, com alguma falta de informação por parte dos possíveis utilizadores. Com esta acção pretende-se a elaboração de um estudo de mercado sobre tipos de equipamento, custos, recuperação do investimento inicial e vantagens económicas e ambientais do seu uso. Posteriormente essa informação deverá ser apresentada e disponibilizada a toda a população.
As Câmaras Municipais, como entidades promotoras do projecto, deveram ser as principais

dinamizadoras desta acção, apoiando e estabelecendo contactos com empresas que comercializam este tipo de equipamentos e soluções. Uma opção interessante poderá ser uma parceria com a Escola Profissional já que tendo um curso de Energias Renováveis poderá ser uma das fornecedoras destes equipamentos e de futuros técnicos.

A Câmara Municipal e todas as entidades públicas devem “dar o exemplo” implementando painéis solares, tanto para o fornecimento de energia como para aquecimento de águas e de edifícios, e formas mais sustentáveis de consumo energético.

**Tipo de Acção:**

Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Potenciais Parceiros:**

- Juntas de Freguesia;
- Câmara Municipal;
- Escolas;
- Escola Profissional de São Jorge.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:** Interesse de empresas exteriores pela Ilha.

**Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:** Criação de postos de trabalho, quer na implementação quer na manutenção dos aparelhos.

**Principais Pontos Fracos da Acção:**

- Investimento inicial elevado;
- Consciencializar os investidores das mais-valias deste projecto.

**Principais Pontos Fortes da Acção:**

- Melhoria da qualidade ambiental;
- Aplicabilidade com uma formação já existente na ilha;
- Fixação de população recém formada nesta área;
- Redução dos níveis de CO<sub>2</sub>.

---

## Vector 5: Preocupações de Cariz Social

Neste vector propõem-se **2 Acções**. A concretização destas acções passa pela consciência de quais os impactes associados, nomeadamente, os benefícios que cada acção concede para a construção de um território sustentável e pelo grau de implementabilidade que resulta dos recursos materiais e imateriais requeridos. Esta análise qualitativa assegura uma decisão consciente e informada do poder local particularmente relevante em contextos de recursos limitados.

Este vector tem uma linha transversal a todos os vectores já referidos, pela importância da educação ambiental e pela sensibilização que se espera que estas propostas exercessem na população. Porém, existem dois pontos essenciais em que são quase simultâneos com este vector, são as fichas 3.4 e 3.5 do Vector 3 – Educação, Formação, Qualificação das Pessoas para a vida activa.

Nº da Ficha 5.1

<b>Adequar os Transportes públicos às necessidades populacionais</b>				
<b>Objectivos:</b>				
Criar itinerários adequados às populações que não possuam transporte privado, e àqueles que já não têm capacidade de conduzir.				
<b>Conteúdo:</b>				
Existem muitas famílias que por falta de capacidade económica não possuem veículo próprio, dependendo assim do transporte público. Para além dos idosos, sobretudo, que já não conduzem por falta de capacidades para o efeito.				
Existe portanto a necessidade de adequar os itinerários das freguesias às Vilas, para facilitar a vinda destes grupos populacionais aos principais serviços existentes no núcleo urbano.				
<b>Tipo de Acção:</b>				
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Potenciais Parceiros:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntas de Freguesia.</li> <li>• Câmara Municipal.</li> <li>• Empresa transportadora.</li> </ul>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos: _</b>				
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha: _</b>				
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b>				
Convencer a empresa a adequar os itinerários.				
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhoria da qualidade de vida das pessoas;</li> <li>• Serviço público prestado a populações mais necessitadas;</li> <li>• Possibilidade da diminuição do uso do transporte privado.</li> </ul>				

**Nota:** devido à dificuldade, quase certa, que se irá sentir na negociação com a empresa privada de transportes, a solução possível poderá passar, pelos municípios assumirem, conjuntamente, alguns transportes através de um mini-bus. Fazendo, assim, um percurso económico e mais de acordo com as necessidades da população.

Nº da Ficha 5.2

<b>Hora do Estudo</b>										
<b>Objectivos:</b> Criar condições de melhoria na formação das populações mais carenciadas.										
<b>Conteúdo:</b> Existem famílias que devido à carência económica, e por vezes também à falta de informação e formação, não incentiva e não disponibiliza tempo ou dinheiro (também por não o ter), à formação dos filhos. Assim pretende-se criar um espaço que possibilite o desenvolvimento da formação destes jovens. Este espaço pode ser um espaço na junta de freguesia ou na casa do povo, em que os jovens têm um tempo inteiramente dedicado ao estudo, e em que alguém com formação os ajuda a ir mais além. Esta pessoa pode ser alguém (professor) contratado para o efeito, ou até mesmo contando com o voluntariado.										
<b>Tipo de Acção:</b>										
<table style="width: 100%; text-align: center;"> <tr> <td>Estudo</td> <td>Plano</td> <td>Projecto de execução</td> <td>Obra</td> <td>Actividade Organizativa</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/></td> <td><input checked="" type="checkbox"/></td> <td><input type="checkbox"/></td> <td><input type="checkbox"/></td> <td><input checked="" type="checkbox"/></td> </tr> </table>	Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Estudo	Plano	Projecto de execução	Obra	Actividade Organizativa						
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>						
<b>Potenciais Parceiros:</b>										
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntas de Freguesia.</li> <li>• Câmara Municipal.</li> <li>• Casas do Povo.</li> </ul>										
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Criação de Empregos:</b> no caso da contratação criação de um posto de trabalho.										
<b>Impacte Esperado da Acção sobre a Fixação de População na Ilha:</b> _										
<b>Modo como Fomenta as Relações Transfronteiriças:</b> _										
<b>Principais Pontos Fracos da Acção:</b>										
Convencer as pessoas a deixar os filhos a irem estudar em vez de estarem a fazer trabalhos domésticos.										
<b>Principais Pontos Fortes da Acção:</b>										
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhoria da qualidade de vida das pessoas;</li> <li>• Serviço público prestado a populações mais necessitadas;</li> <li>• Incentivo à educação e formação;</li> <li>• Aumento da formação da população da Ilha.</li> </ul>										

## CONCLUSÃO

Tendo chegado ao fim desta dissertação e antes de ser poder guardar todos os apontamentos criados, devem ser referidas situações que não devem ser deixadas no esquecimento. Pois, apesar de não terem sido directamente salientadas ao longo do texto, não deixaram de o influenciar.

Antes de mais salientar a dificuldade em encontrar dados estatísticos referentes à Ilha de São Jorge e às suas unidades geográficas. Sobretudo, encontrar os dados referenciados na dissertação ou correlacionados, de modo a dar uma perspectiva mais recente e desagregada daquilo que se considerava e, o que se tinha delineado, para desenvolver ao longo da dissertação.

Assim, os dados conseguidos estão algo desactualizados, porém, nas respectivas abordagens, são os mais recentes. De salientar, que apesar de os valores poderem estar ultrapassados, acredita-se pelo conhecimento e contacto com os agentes, que continuam, grosso modo, a espelhar a realidade da Ilha.

Outra dificuldade prendeu-se com os inquéritos, quando se tentou inquirir a população e mesmo os agentes sobre o pretendido, estes não se mostraram muito disponíveis, sobretudo de forma imediata, solicitando uma entrega posterior do mesmo. Esta entrega muitas vezes não aconteceu, tendo sido recolhidos menos da metade dos inquéritos distribuídos. As pessoas que nem aceitavam preencher, alegavam que não tinham conhecimentos que interessassem e para que elas próprias soubessem responder, tendo sido infortuita qualquer explicação.

Nesta fase, também se considera necessário reforçar algumas ideias deixadas ao longo da dissertação. Uma delas prende-se com o desrespeito por parte de governantes em relação à paisagem da Ilha. Considera-se que um bom exemplo disso foi o mau planeamento (acreditando que houve algum) feito para a baía de Velas, onde foi construída uma marina exígua, que não comporta os barcos da Ilha quanto mais aqueles que viessem por turismo, e que afunilou a entrada aos barcos, não só para a dita marina, como também aos pescadores que usavam o porto ali próximo

Como se esta construção não bastasse, está também a ser construído um novo cais para os pescadores e um edifício de apoio que vieram descaracterizar e aniquilar, ainda mais, o potencial, enorme, que esta baía possuía.

Estes são exemplos de como uma obra, pública, que deveria ser pensada respeitando as regras que são implementadas pelo próprio governo e com uma fiscalização adequada, não teve nada disso em consideração e acabou por determinar o fim de uma das baías mais bonitas da Ilha e com um forte potencial de desenvolvimento. Daí que é fácil perceber quando a população ou, neste caso, os Agentes referem a pressão política, sobretudo na construção, que depois marca a paisagem de forma definitiva, e tão sistematicamente, de forma negativa.

Muito se explanou a respeito do potencial enorme que a Ilha tem para a prática de actividades náuticas, porém, é sabido que para estas práticas existe a necessidade de existirem empresas ligadas a essas actividades.

Neste sentido, algo que se deveria desenvolver seriam empresas ligadas a actividades náuticas, aqui não tanto no sentido da quantidade pois até já existem algumas, mas no serviço prestado e divulgado, pois muitos particulares vão fazendo alguns serviços, mas de forma algo clandestina.

Esta é sem dúvida uma actividade com potencial, devendo ser desenvolvida com ponderação, quer para a protecção dos habitats, quer para um desenvolvimento económico viável e duradouro.

Também de referir como foi interessante conferir, que na análise feita ao POTRAA, como este plano regional vem ao encontro do que se tinha conseguido descortinar através dos inquéritos efectuados e analisados anteriormente nesta dissertação. Vindo reforçar a ideia que a população está cada vez mais atenta e informada, mostrando esse novo espírito crítico desenvolvido ao longo dos tempos.

Apesar das inúmeras dificuldades sentidas, e aumentadas devido à distância física que estava da orientação técnica e de algum recurso que sentisse necessidade de consultar, considera-se que o trabalho final conseguiu alcançar a dignidade pretendida e que se tornou, acima de tudo, uma perspectiva futura. Esta dissertação mostra-se um semblante do que existe e das potencialidades a desenvolver, apontando também algumas estratégias para conseguir-se trilhar um desenvolvimento capaz de conseguir bons frutos nos

diferentes níveis pretendidos (social e económico), mas sempre com uma ligação sustentável. Contrariando aquilo que muitas vezes acontece, um pouco por toda a parte. Conclui-se, então, que apesar de todas as dificuldades sentidas, a meta alcançada é dignificante do trabalho que se pretendia e poderá ser implementada na própria Ilha, não se limitando a ser um trabalho académico para obtenção de mais um grau.

## BIBLIOGRAFIA/ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Teresa, (2001). Paisagem – Em Busca do Lugar Perdido. Lisboa, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 67-74.
- AMARAL, Ilídio. Acerca da “Paisagem”: Apontamentos para um Debate. Lisboa, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 75-81.
- BERTRAND, G. (1972), “La Science du Paysage, une Science Diagonale”. Revue Geographique des Pyrénées et du Sud-Ouest, 43 (2), Toulouse.
- BRANDÃO, Raul, (1923), As Ilhas Desconhecidas. Artes e Letras, Açores.
- CONSELHO DA EUROPA, (2000), Convention Européenne du Paysage et Rapport explicatif. T-Land (2000) 6. Estrasburgo.
- CUNHA, Licínio (1997), Economia e Política do Turismo. McGraw-Hill, Lisboa, 1997.
- DEMANGEOT, JEAN (2000). Os meios ‘naturais’ do globo. Fundação Calouste Gulbenkian.
- DIRECÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE, (2002). Espécies Endémicas – Açores, bloco de notas. DRA, 2002.
- DIRECTIVA COMUNITÁRIA, 92/43/CEE de 21 de Maio, relativa à Conservação de Habitats Naturais e Fauna e Flora Selvagem.
- DOMINGUES, Álvaro, (2001). A Paisagem Revisitada. Lisboa. Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 55-66.
- GASPAR, J. (1993), As Regiões Portuguesas. Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa.
- GASPAR, J. (2001), O Retorno na Paisagem à Geografia. Apontamentos Místicos. Lisboa, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 83-99.
- GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES, (2008). Plano Regional de Ordenamento do Território para a Região Autónoma dos Açores.
- GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES, (2008). Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores.

- LUIS, Esmeralda, (2002). Turismo no Espaço Rural em Portugal. GeoInova, nº5, Lisboa, pp. 136-151.
- MEDEIROS, Carlos Alberto, (2000); “Geografia de Portugal, Ambiente Natural e Ocupação Humana – Uma Introdução”; 5ª Edição; Editorial Estampa; Lisboa.
- MELO, João, (2000). Açores, o segredo das ilhas, Dom Quixote, Lisboa.
- MORTON, B.; BRITTON, J.C. & MARTINS, A.M.F.; Ecologia Costeira dos Açores; Sociedade Afonso Chaves, Ponta Delgada, 1998.
- PINTO-CORREIA, T. et al, (2001). Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental. Lisboa, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp.195-206.
- PITTE, J. R. Histoire du paysage français. I. Le Sacré: de la Préhistoire au XVe siècle, Paris, 1983, p.24).
- RIBEIRO, Orlando (2001). Paisagens, Regiões e Organização do Espaço. Lisboa, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp.27-35.
- RIMBERT, S. (1973-a), Les Paysages Urbain. A. Collin, Paris.
- RIMBERT, S. (1973-b), Approches des Paysages, L’Espace Géographique, 2(3), Paris: 233-241.
- ROGER, A. (1997), Court traité du Paysage. Ed. Gallimard, Paris.
- SALGUEIRO, T. B. (2001). Paisagem e Geografia. Lisboa, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53.
- SARAIVA, M<sup>a</sup> G. A. N. (1999), O Rio como Paisagem, *Gestão de Corredores Fluviais no quadro do Ordenamento do Território*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e Tecnologia.
- SERVIÇO REGIONAL DE ESTATÍSTICA DOS AÇORES, (2002). Séries Estatísticas 1992...2002. SREA.
- SERVIÇO REGIONAL DE ESTATÍSTICA DOS AÇORES, (2002). Estudo sobre os turistas que visitam os Açores. SREA.
- SILVA, A. L. F. (2007). Paisagens de Baco: Identidade, Mercado e Desenvolvimento. Estudo de percepção e de representação aplicado às Regiões Demarcadas; Vinhos Verdes,

Douro, Dão, Bairrada e Alentejo (Anexos). Universidade de Évora. Tese para obtenção do grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem.

SILVA, C. P. (1999). Percepção e Avaliação da Paisagem: evolução de métodos e técnicas. *GeoInova*, nº 0, Lisboa, pp. 116-132.

#### **Referências da Internet:**

AÇORES NOVE ILHAS DE ENCANTO – **Mapa do Arquipélago dos Açores**. Acedido em Setembro de 2008, em <http://noveilhas.no.sapo.pt/>

AGENDA 21 LOCAL SOUSEL – **Fichas de Vectores de desenvolvimento estratégico**. Acedido em Julho de 2010, em <http://www.cm-sousel.pt>

AZORES TOURIST GUIDE – **Mapa da Ilha de São Jorge**. Acedido em Julho de 2010, em <http://destinazores.com>

ENCICLOPÉDIA – **Definição de Geosistema**. Acedido entre Outubro e Novembro de 2008, em <http://es.escarta.msn.com/encyclopedia>

GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES – **Áreas Classificadas da Ilha de São Jorge, Mapa da Ilha**. Acedido em Agosto 2010, em <http://azores.gov.pt/>

GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES – **Relatório do Estado do Ordenamento do Território (2003)**. Acedido em Agosto 2010, em <Http://azores.gov.pt/>

INE – Instituto Nacional de Estatística, 2009 – **Recenseamento Geral da População, Censos 2001**. Acedido ao longo do ano 2009, em INE: <http://www.ine.pt>

UNIVERSIDADE DOS AÇORES – **Enquadramento Geográfico da Ilha de São Jorge**. Acedido em Novembro de 2008, em <http://www.uac.pt/>

WIKIPEDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE – **Fotografia aérea da Costa Sul da Ilha**. Acedido em Julho de 2010, em <http://www.wikipedia.org>

## GLOSSÁRIO

Todos os tipos de informação devem ser correctamente tratados e, tanto quanto possível, criando métodos idênticos que facilitem a obtenção de dados e a análise por parte do maior número de pessoas possível. A informação estatística é um exemplo de uma informação em que os seus conceitos devem estar parametrizados de forma a se tornarem verdadeiramente úteis e comparáveis no tempo e no espaço.

Os principais conceitos, definições e metodologias ligados à procura turística, que se seguem, estão de acordo com as mais recentes recomendações do EUROSTAT e da OMT (Organização Mundial do Turismo) sobre esta matéria (retirado integralmente do Estudo sobre os Turistas que visitam os Açores, 2001. SREAM).

**Turismo** - *actividades realizadas por indivíduos durante as suas viagens e estadas em lugares distintos da sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios ou outros motivos.*

Existem três formas elementares de Turismo:

- i) **Turismo interno** (*Domestic Tourism*) – *inclui as actividades dos residentes de um determinado país que viajam unicamente no interior desse país, mas em lugares distintos do seu ambiente habitual.*
- ii) **Turismo receptor** (*Inbound Tourism*) – *inclui as actividades dos visitantes residentes no estrangeiro que viajam num outro país, fora do seu ambiente habitual.*
- iii) **Turismo emissor** (*Outbound Tourism*) – *inclui as actividades dos residentes de um determinado país noutros países, fora do seu ambiente habitual.*

Estas três formas básicas podem combinar-se de várias maneiras, obtendo-se as seguintes categorias de Turismo:

- i) **Turismo interior** (*Internal Tourism*) – *Turismo realizado no interior de um país, por residentes e não residentes nesse país. Inclui o turismo interno e o turismo receptor.*

Este conceito aplica-se igualmente a uma região.

- ii) **Turismo nacional** (*National Tourism*) – *Turismo realizado apenas por residentes, dentro ou fora desse país. Inclui o turismo interno e o turismo emissor.*
- iii) **Turismo internacional** (*International Tourism*) – *Turismo realizado por residentes de outros países nesse país e de residentes desse país noutros países.*

**Visitante** - *indivíduo que se desloca a um local diferente da sua residência habitual, por uma duração inferior a 365 dias, desde que o motivo principal da viagem não seja o de exercer uma actividade remunerada no local visitado.*

Assim, os três critérios fundamentais que distinguem os visitantes dos outros viajantes são:

→ *A deslocação deverá efectuar-se a um local distinto do seu ambiente habitual* – o ambiente habitual de uma pessoa consiste na proximidade directa da sua residência e do seu local de trabalho ou estudo, bem como outros locais frequentemente visitados. O conceito de ambiente habitual está assim ligado a duas dimensões: frequência e distância;

→ *A estada no local visitado não deverá realizar-se por um período de tempo consecutivo superior a um ano* – esta questão prende-se ao conceito de residente. Do ponto de vista das estatísticas do Turismo, um indivíduo é residente num país ou local se tiver vivido durante a maior parte do ano precedente (12 meses) nesse país ou local ou se, tendo vivido nesse país/local por um período mais curto, pretender regressar no prazo de doze meses, com a intenção de aí se instalar. Assim, uma pessoa que permaneça ou pretenda permanecer um ano ou mais numa determinada área é considerada um residente da mesma e, conseqüentemente, não será um visitante do ponto de vista das estatísticas do Turismo;

→ *O motivo principal da visita não será o de exercer uma actividade remunerada no local visitado* – o termo remuneração refere-se a pagamentos que abranjam remuneração de trabalho, ou seja, salários e honorários (incluindo pagamentos em espécie) e não subsídios de deslocação ou pequenas participações nos custos. Estão assim excluídos os diplomatas, as representações consulares, os imigrantes (permanentes ou temporários), os membros das forças armadas a prestar serviço, etc.

O termo visitante engloba os **turistas** e os **excursionistas**. O turista é o visitante que pernoita, isto é, passa pelo menos uma noite num estabelecimento de alojamento colectivo ou em alojamento privado, no local (região, país) visitado. O esquema abaixo, ilustra melhor estes conceitos:

O turista pode ainda ser definido de forma diferente consoante a abordagem estatística efectuada. Do **ponto de vista do destino**, só se considera que alguém passou a noite num local visitado se a data de chegada e partida forem diferentes. Do **ponto de vista da origem**, o indivíduo pernoita durante uma viagem se a data da partida e do regresso forem diferentes e se tiver pernoitado num estabelecimento de alojamento colectivo ou num alojamento privado durante a sua ausência.

## LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1</b> Esquema do que a palavra Paisagem é associada.....	16
<b>Ilustração 2</b> Esquema de factores para a escolha do destino da viagem.....	22
<b>Ilustração 3</b> Posicionamento estratégico das ilhas no domínio do turismo – centralidade	31
<b>Ilustração 4</b> Faial - Produto estratégico «Náutica de recreio».....	32
<b>Ilustração 5</b> Pico - Produto estratégico «Baleia».....	33
<b>Ilustração 6</b> São Jorge - Produto estratégico «Queijo» .....	33
<b>Ilustração 7</b> Espaços Específicos de Vocação Turística recomendados para a Ilha de São Jorge .....	40
<b>Ilustração 8</b> Mapa do enquadramento da Região Autónoma dos Açores .....	43
<b>Ilustração 9</b> Vista da Costa Sul da Ilha.....	45
<b>Ilustração 10</b> Mapa São Jorge .....	46
<b>Ilustração 11</b> Vista do Pico da Esperança.....	47
<b>Ilustração 12</b> Parque das 7 Fontes .....	47
<b>Ilustração 13</b> Vista da Costa Sul da Ilha.....	52
<b>Ilustração 14</b> Percentagem mensal de hóspedes na RAA (2003) .....	65
<b>Ilustração 15</b> Quadro Síntese.....	69
<b>Ilustração 16</b> Áreas Classificadas da Ilha de São Jorge .....	76
<b>Ilustração 17</b> Relação dos entrevistados com a função que ocupam enquanto Agentes do Território .....	85
<b>Ilustração 18</b> Estruturação de Respostas .....	87
Tabela 1 Apostas estratégicas por Ilhas - reforço das centralidades.....	32
Tabela 2 .....	59
Tabela 3 .....	60

Tabela 4 .....	62
Tabela 5 .....	63
Tabela 6 .....	64



## ANEXO 1

### AGENTES LOCAIS

ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_ LOCAL: \_\_\_\_\_

EMPRESA OU INSTITUIÇÃO QUE REPRESENTA:

\_\_\_\_\_

1. O que associa à **paisagem da Ilha de S. Jorge**?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Quais os **elementos da paisagem** que devem ser protegidos para o desenvolvimento da Ilha?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Acha que os empresários em geral e/ou os empresários turísticos estão **sensibilizados** (vêem vantagem) **na preservação da paisagem**?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Conhece medidas/acções que tenham sido tomadas para a preservação das características paisagísticas?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. Na sua opinião quais **as principais dificuldade para a** conservação do carácter da paisagem?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

---

---

6. Como **descreveria a paisagem** da Ilha?

---

---

---

---

7. Quais são, na sua opinião, as principais **mudanças na paisagem nos últimos 5 anos?**

---

---

---

---

8. Quais acha que vão ser as principais mudanças na paisagem nos próximos 5 anos?

---

---

---

---

9. Quais acha que deveriam ser as mudanças a acontecer na paisagem nos próximos 5 anos?

---

---

---

---

10. Acha possível mudar a paisagem, sem perder a identidade e o equilíbrio ambiental?

---

---

---

---

11. Na sua opinião qual a **importância socioeconómica e social da paisagem** para a Ilha?

12. Quais os aspectos fundamentais para **preservar ou aumentar a importância da paisagem da Ilha para o desenvolvimento**, sobretudo atendendo à concorrência nacional e internacional?

---

---

---

---

13. **Quais as expectativas dos visitantes e turistas** face às paisagens da Ilha?

---

---

---

---

14. Considera que a oferta turística responde **às expectativas dos visitantes**?

---

---

---

---

15. Parece-lhe que **alterações substanciais na paisagem** (mudança para estados mais humanizados e construídos, etc.) **podem interferir na procura turística**?

---

---

---

---

16. Como vê o futuro da actividade turística da Ilha?

---

---

---

---

**A 1. Atributos que conferem importância à paisagem de São Jorge:**

(Nas respostas utilize a escala: MI – Muito Importante; I – Importante; PI – Pouco importante; SI – Sem importância)

	MI	I	PI	SI
1.1 Integração da Ilha na Região Autónoma a que pertence.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.2 Características do relevo da Ilha.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.3 Existência de uma paisagem própria.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.4 Associação da paisagem ao turismo de natureza.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.5 Organização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Institucional.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.6 Profissionalismo e presença do sector empresarial.....				
1.7 Outros.....				

**2. Quais os aspectos que podem ajudar a promover a paisagem como recurso turístico?**

	MI	I	PI	SI
2.1 Maior associação da paisagem ao turismo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.2 Classificar áreas de paisagem protegida.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.3 Maior diversificação das actividades turísticas.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.4 Promoção da qualidade da paisagem.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.5 Maior esforço dos empresários na divulgação da paisagem e do turismo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.6 Outros.....				

**3. Como classifica a importância dos seguintes aspectos para o desenvolvimento e valorização da paisagem na ilha:**

	MI	I	PI	SI
3.1 Mais Legislação relativa à protecção e valorização da paisagem.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.2 Mais Apoio técnico e financeiro à comercialização da paisagem.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.3 Existência de Cursos de formação profissional e técnica.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.4 Maior ligação da paisagem à restauração e à hotelaria.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.5 Ligação da paisagem a eventos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.6 Outros \_\_\_\_\_

**4. Como se poderia melhorar a qualidade da paisagem da Ilha?**

		MI	I	PI	SI
4.1	Aumento da área de paisagem protegida.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.2	Associação da paisagem a outros usos económicos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.3	Aumento de áreas florestais.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.4	Preservar a paisagem florestal/natural em detrimento da construída.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.5	Aumentar a paisagem urbana, penalizando a natural/florestal....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.6	Outros _____				

**5. Qual a importância dos seguintes aspectos para o desenvolvimento turístico na Ilha?**

		MI	I	PI	SI
5.1	Postos turísticos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.2	Painéis/placas de sinalização de rotas e percursos turísticos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.3	Restaurante e hotéis.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.4	Divulgação das visitas aos principais pontos turísticos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.5	Qualidade do arranjo paisagístico .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.6	Preservação da arquitectura tradicional.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.7	Delimitação de áreas de caça, pesca, observação de fauna e flor....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.8	Desportos ao ar livre.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.9	Outras sugestões _____				

**6. Quanto considera problemáticos para a paisagem da Ilha?**

		MI	I	PI	SI
6.1	Instalações industriais/armazéns.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.2	Muros e estruturas em betão.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.3	Pedreiras.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.4	Lixeiras.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.5	Depósitos de ferro-velho.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.6	Contaminação dos solos e água.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.7	Erosão dos solos.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.8	Abandono rural.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.9	Outros _____				

QUESTOES RÁPIDAS – “AS 3 MAIS”:

1 – POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES PAISAGISTICAS

➤ Identificar paisagens e património:

➤ Locais aos quais a população está mais ligada

- a) \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_

➤ Locais preferidos pelos visitantes

- a) \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_

➤ Actividades que sejam desenvolvidas e que usufruam da paisagem da ilha

- a) \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_

➤ 3 Palavras que associe à paisagem da Ilha

- a) \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_

- Adjectivos classificativos do património arquitectónico (igrejas, museus, casas, etc.)

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

- Elementos negativos na paisagem rural

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

## 2 – VARIANTES E TENDÊNCIAS DA PAISAGEM

- Considera existir novos elementos na paisagem rural da ilha? Quais?

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

- Considera existir evolução dos elementos da paisagem? Quais?

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

- Considera que a urbanização tem sido uma área de conflito? Onde?

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

- Considera que o Abandono/envelhecimento tem afectado a paisagem? Onde?

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

3 – PROJECTOS A DESENVOLVER NO ÂMBITO DO ORDENAMENTO E  
GESTÃO DA PAISAGEM

➤ Concentração habitacional/Requalificação Habitacional

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

➤ Estradas/acessos (criação melhoria)

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

➤ Outros \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*Obrigado pela colaboração*

## ANEXO 1

### POPULAÇÃO em GERAL

Este inquérito faz parte de uma investigação para uma tese de mestrado em Gestão do Território da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa que procura saber a importância da paisagem para o desenvolvimento turístico da ilha de S. Jorge. Todos os resultados obtidos serão confidenciais.

**A – Responda por favor às seguintes questões em relação à ilha de S. Jorge.**

**1. O que associa à Ilha de S. Jorge?**

1..... 2..... 3.....

**2. Indique 3 aspectos que mais gosta na Ilha**

1..... 2..... 3.....

**3. Indique 3 aspectos que menos gosta na Ilha**

1..... 2..... 3.....

**4. Se pudesse o que mudava na paisagem da Ilha?**

1..... 2..... 3.....

**5. Indique 3 locais que prefere na Ilha.**

1..... 2..... 3.....

Porque?

---

---

**6. Indique 3 locais que menos gosta na ilha.**

1..... 2..... 3.....

Porque?

---

---

**7. Se é turista/visitante diga, por favor, quais as actividades que praticou na sua visita à Ilha.**

1..... 2..... 3.....

**8. Quais as actividades, que no seu entendimento, a Ilha teria potencialidades para desenvolver?**

1..... 2..... 3.....

**B – Paisagem de S. Jorge**

Nas respostas utilize a escala: MI – Muito Importante; I – Importante; PI – Pouco importante; SI – Sem importância

**1. Atributos que conferem importância à paisagem de São Jorge:**

		MI	I	PI	SI
5.10	Integração da Ilha na Região Autónoma a que pertence.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.11	Características do relevo da Ilha.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.3	Existência de uma paisagem própria.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.4	Associação da paisagem ao turismo de natureza.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.5	Organização Institucional.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.6	Profissionalismo e presença do sector empresarial.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.7	Outros _____				

**2. Quais os aspectos que podem ajudar a promover a paisagem como recurso turístico:**

		MI	I	PI	SI
2.1	Maior associação da paisagem ao turismo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.2	Classificar áreas de paisagem protegida.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.3	Maior diversificação das actividades turísticas.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.4	Promoção da qualidade da paisagem.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.5	Maior esforço dos empresários na divulgação da paisagem e do turismo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.6	Outros _____				

**3. Como associa estas palavras à paisagem da Ilha:**

		MI	I	PI	SI
3.1	Grandiosa.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.2	Sublime.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- 3.3 Harmoniosa.....
- 3.4 Pitoresca.....
- 3.5 Estranha.....
- 3.6  
Outros \_\_\_\_\_

**4. Como avalia a qualidade estética da paisagem:**

- |  |                          | MI                       | I                        | PI                       | SI                       |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 4.1 Harmonia na organização .....                              | <input type="checkbox"/> |
| 4.2 Contrastes (volumes, formas e cores) .....                 | <input type="checkbox"/> |
| 4.3 Variedade (movimentação, luminosidade, cores e sons) ..... | <input type="checkbox"/> |
| 4.4 Familiaridade e tradição.....                              | <input type="checkbox"/> |
| 4.5 Singularidade .....  | <input type="checkbox"/> |
| 4.6 Estímulo para conhecer melhor a paisagem.....              | <input type="checkbox"/> |

**5. Como classifica a importância dos seguintes aspectos para o desenvolvimento e valorização da paisagem na ilha:**

- |   |                          | MI                       | I                        | PI                       | SI                       |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 5.1 Mais Legislação relativa à protecção e valorização da paisagem..... | <input type="checkbox"/> |
| 5.2 Mais Apoio técnico e financeiro à comercialização da paisagem.....  | <input type="checkbox"/> |
| 5.3 Existência de Cursos de formação profissional e técnica.....        | <input type="checkbox"/> |
| 5.4 Maior ligação da paisagem à restauração e à hotelaria.....          | <input type="checkbox"/> |
| 5.5 Ligação da paisagem a eventos .....                                 | <input type="checkbox"/> |
| 5.6 Outros _____  |                          |                          |                          |                          |                          |

**6. Como se poderia melhorar a qualidade da paisagem da Ilha?**

- |   |                          | MI                       | I                        | PI                       | SI                       |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a. Aumento da área de paisagem protegida.....           | <input type="checkbox"/> |
| b. Associação da paisagem a outros usos económicos..... | <input type="checkbox"/> |

- c. Aumento de áreas florestais.....
- d. Preservar a paisagem florestal/natural em detrimento da construída..
- e. Aumentar a paisagem urbana, penalizando a natural/florestal.....
- f. Outros \_\_\_\_\_

**7. Qual a importância que deveriam ter os seguintes aspectos no ordenamento e gestão da paisagem?**

MI I PI SI

- a. Preservação de moinhos, muros de pedra, caminhos rurais, Património natural/florestal.....
- b. Preservação do património construído com valor histórico. ...
- c. Adequação de novos elementos arquitectónicos.....
- d. Integração de ciclovias, circuitos pedonais e estradas secundárias..
- e. Outros \_\_\_\_\_

**8. Como considera o turismo na ilha.**

**Em relação ao desenvolvimento**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Em relação à qualidade**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**9. Qual a importância dos seguintes aspectos para o desenvolvimento turístico na Ilha?**

MI I PI SI

- a. Postos turísticos.....
- b. Painéis/placas de sinalização de rotas e percursos turísticos...
- c. Restaurante e hotéis.....
- d. Divulgação das visitas aos principais pontos turísticos.....
- e. Qualidade do arranjo paisagístico .....
- f. Preservação da arquitectura tradicional.....
- g. Delimitação de áreas de caça, pesca, observação de fauna e flor. ...
- h. Desportos ao ar livre.....

- i. Outras sugestões \_\_\_\_\_

**10. Quanto considera problemáticos para a paisagem da Ilha?**

	MI	I	PI	SI
a. Instalações industriais/armazéns.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. Muros e estruturas em betão.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. Pedreiras.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. Lixeiras.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e. Depósitos de ferro-velho.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f. Contaminação dos solos e água.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g. Erosão dos solos.. ..	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h. Abandono rural.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i. Outros _____				

**C – SELECCIONE OS ASPECTOS A QUE É SENSIVEL ENQUANTO CONSUMIDOR (pode escolher mais de um indicando 1, 2, 3... atendendo à importância que dá)**

**11 Viajar resulta:**

- 11.1 Associar uma região ou paisagem a um produto genuíno.....
- 11.2 Considerar que viajar é uma necessidade.....
- 11.3 Considerar que viajar é um enriquecimento.....
- 11.4 Associar viagens a um estilo de vida elevado.....
- 11.5 Outros \_\_\_\_\_

**12 Quando escolhe a viagem pensa:**

- 12.1 Estar a dar um contributo para a economia da região.....
- 12.2 Gostar da paisagem da região.....
- 12.3 Gostar de conhecer culturas diferentes.....
- 12.4 Nome/peso da importância turística da região.....
- 12.5 Classificação e certificação de produtos turísticos associados.....
- 12.6 Divulgação dos produtos turísticos.....
- 12.7 Apresentar massificação turística.....
- 12.8 Boa relação qualidade preço.....
- 12.9 Outros \_\_\_\_\_

**13 Como tem conhecimento dos novos produtos turísticos?**

13.1 Anúncios:

13.1.1 Agências de viagem.....

13.1.2 Televisão.....

13.1.3 Jornais.....

13.1.4 Revistas da especialidade.....

13.1.5 Cinema.....

13.1.6 Internet.....

13.1.7 Feiras/exposições .....

13.2 Cartazes de empresas do ramo hoteleiro.....

13.3 Concursos.....

13.4 Restaurantes.....

13.5 Folhetos turísticos.....

13.6 Vídeos/DVD promocionais.....

13.7 Amigos e conhecidos.....

13.8 Outros \_\_\_\_\_

C – DADOS PESSOAIS

14. **Sexo:** Feminino  Masculino

15. **Idade:**  <20  
 De 20 a 29  
 De 30 a 44  
 De 45 a 59  
 De 60 a 74  
 ➤ 75 Anos

16. **Concelho de origem:** \_\_\_\_\_

17. **Concelho de residência:** \_\_\_\_\_

18. **Ligação à Ilha:**

Residente   
Empresário   
Visitante Regular   
Visitante 1ª vez   
Turista

19. **Se visitante ou turista, como teve conhecimento da Ilha?**

\_\_\_\_\_

Sim.....Pensa voltar? Porquê?

20. **Habilitações académicas:**

Sem escolaridade  
 Ensino Básico  
 Ensino Básico 2º e/ou 3º ciclos  
 Ensino Secundário  
 Ensino Profissional  
 Licenciatura  
 Mestrado/Doutoramento

21. **Profissão**\_\_\_\_\_

*Obrigado pela colaboração*

Quadros referentes aos dados dos inqueritos Gerais à População

5.1-Locais +

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Caldeira	39	33,6	33,6	33,6
Parques	13	11,2	11,2	44,8
Fajã São João	6	5,2	5,2	50,0
Topo	3	2,6	2,6	52,6
Outros	1	,9	,9	53,4
Velas	14	12,1	12,1	65,5
Zonas Balneares	4	3,4	3,4	69,0
Localidades	7	6,0	6,0	75,0
Fajã Almas	9	7,8	7,8	82,8
Fajãs	20	17,2	17,2	100,0
Total	116	100,0	100,0	

5.2-Locais +

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Caldeira	18	15,5	15,5	15,5
Parques	16	13,8	13,8	29,3
Fajã São João	10	8,6	8,6	37,9
Topo	5	4,3	4,3	42,2
Urzelina	9	7,8	7,8	50,0
Outros	1	,9	,9	50,9
Velas	6	5,2	5,2	56,0
Zonas Balneares	3	2,6	2,6	58,6
Localidades	11	9,5	9,5	68,1
Fajã Almas	8	6,9	6,9	75,0
Fajãs	23	19,8	19,8	94,8
NS/NR	6	5,2	5,2	100,0
Total	116	100,0	100,0	

5.3-Locais +

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Caldeira	10	8,6	8,6	8,6
Parques	24	20,7	20,7	29,3
Fajã São João	5	4,3	4,3	33,6
Topo	4	3,4	3,4	37,1
Urzelina	6	5,2	5,2	42,2
Outros	3	2,6	2,6	44,8
Velas	7	6,0	6,0	50,9
Zonas Balneares	5	4,3	4,3	55,2
Localidades	12	10,3	10,3	65,5
Fajã Almas	5	4,3	4,3	69,8
Fajãs	18	15,5	15,5	85,3
NS/NR	17	14,7	14,7	100,0
Total	116	100,0	100,0	

6.1-Locais -

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Velas	8	6,9	6,9	6,9
Fajãs	3	2,6	2,6	9,5
Calheta	11	9,5	9,5	19,0
Infra-estruturas	15	12,9	12,9	31,9
Ordenamento Território	10	8,6	8,6	40,5
Topo	11	9,5	9,5	50,0
Rosais	6	5,2	5,2	55,2
Toledo	9	7,8	7,8	62,9
Nortes	5	4,3	4,3	67,2
Localidades	10	8,6	8,6	75,9
NS/NR	28	24,1	24,1	100,0
Total	116	100,0	100,0	

6.2-Locais -

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Velas	1	,9	,9	,9
Calheta	4	3,4	3,4	4,3
Infra-estruturas	9	7,8	7,8	12,1
Ordenamento Território	7	6,0	6,0	18,1
Topo	6	5,2	5,2	23,3
Rosais	8	6,9	6,9	30,2
Toledo	10	8,6	8,6	38,8
Nortes	5	4,3	4,3	43,1
Localidades	21	18,1	18,1	61,2
NS/NR	45	38,8	38,8	100,0
Total	116	100,0	100,0	

6.3-Locais -

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Velas	1	,9	,9	,9
Fajãs	4	3,4	3,4	4,3
Calheta	1	,9	,9	5,2
Infra-estruturas	5	4,3	4,3	9,5
Ordenamento Território	2	1,7	1,7	11,2
Topo	4	3,4	3,4	14,7
Toledo	9	7,8	7,8	22,4
Nortes	3	2,6	2,6	25,0
Localidades	23	19,8	19,8	44,8
NS/NR	64	55,2	55,2	100,0
Total	116	100,0	100,0	

**B1.1- Integração**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	54	46,6	46,6	46,6
	Importante	35	30,2	30,2	76,7
	Pouco importante	16	13,8	13,8	90,5
	Sem Importância	7	6,0	6,0	96,6
	NS/NR	4	3,4	3,4	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B1.2- Características**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	66	56,9	56,9	56,9
	Importante	45	38,8	38,8	95,7
	Pouco importante	5	4,3	4,3	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B1.3- Paisagem Própria**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	87	75,0	75,7	75,7
	Importante	25	21,6	21,7	97,4
	Sem importancia	2	1,7	1,7	99,1
	NS/NR	1	,9	,9	100,0
	Total	115	99,1	100,0	
Missing	System	1	,9		
Total		116	100,0		

**B1.4- Associação turismo/natureza**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Importante	82	70,7	70,7	70,7
	Importante	29	25,0	25,0	95,7
	Pouco Importante	4	3,4	3,4	99,1
	Sem importante	1	,9	,9	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B1.5- Organização Inst.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Importante	28	24,1	24,3	24,3
	Importante	54	46,6	47,0	71,3
	Pouco importante	24	20,7	20,9	92,2
	Sem Importância	7	6,0	6,1	98,3
	NS/NR	2	1,7	1,7	100,0
	Total	115	99,1	100,0	
Missing	System	1	,9		
	Total	116	100,0		

**B1.6- Profissionalismo**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Importante	48	41,4	41,4	41,4
	Importante	45	38,8	38,8	80,2
	Pouco importante	16	13,8	13,8	94,0
	Sem Importância	4	3,4	3,4	97,4
	NS/NR	3	2,6	2,6	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B2.1- Associar paisagem a turismo**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Importante	77	66,4	67,0	67,0
	Importante	36	31,0	31,3	98,3
	Pouco importante	2	1,7	1,7	100,0
	Total	115	99,1	100,0	
Missing	System	1	,9		
Total		116	100,0		

**B2.2- Classificar paisagem protegida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Importante	64	55,2	55,7	55,7
	Importante	40	34,5	34,8	90,4
	Pouco importante	11	9,5	9,6	100,0
	Total	115	99,1	100,0	
Missing	System	1	,9		
Total		116	100,0		

**B2.3- Diversificação actividades**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	78	67,2	67,2	67,2
	Importante	29	25,0	25,0	92,2
	Pouco importante	7	6,0	6,0	98,3
	Sem importância	1	,9	,9	99,1
	NS/NR	1	,9	,9	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B2.4- Promoção da Qualidade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	75	64,7	64,7	64,7
	Importante	34	29,3	29,3	94,0
	Pouco importante	6	5,2	5,2	99,1
	Sem importância	1	,9	,9	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B2.5- Divulgação Privada**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	76	65,5	65,5	65,5
	Importante	33	28,4	28,4	94,0
	Pouco importante	5	4,3	4,3	98,3
	Sem importância	1	,9	,9	99,1
	NS/NR	1	,9	,9	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B6.1- +Paisagem Protegida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	38	32,8	33,0	33,0
	Importante	50	43,1	43,5	76,5
	Pouco importante	17	14,7	14,8	91,3
	Sem importância	4	3,4	3,5	94,8
	NS/NR	6	5,2	5,2	100,0
	Total	115	99,1	100,0	
Missing	System	1	,9		
Total		116	100,0		

**B6.2- Paisagem a usos econ.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Importante	42	36,2	36,2	36,2
	Importante	49	42,2	42,2	78,4
	Pouco importante	17	14,7	14,7	93,1
	Sem importância	2	1,7	1,7	94,8
	NS/NR	6	5,2	5,2	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B6.3- + Áreas Florestais**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	35	30,2	30,2	30,2
	Importante	45	38,8	38,8	69,0
	Pouco importante	31	26,7	26,7	95,7
	NS/NR	5	4,3	4,3	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B6.4- Preservação paisagem Natural**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	65	56,0	56,0	56,0
	Importante	36	31,0	31,0	87,1
	Pouco importante	9	7,8	7,8	94,8
	Sem importância	1	,9	,9	95,7
	NS/NR	5	4,3	4,3	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**B6.5- +Paisagem Urbana**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito importante	5	4,3	4,3	4,3
	Importante	17	14,7	14,7	19,0
	Pouco importante	31	26,7	26,7	45,7
	Sem importância	56	48,3	48,3	94,0
	NS/NR	7	6,0	6,0	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**8.1- activ. Desenvolver**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Outros	1	,9	,9	,9
	Turismo	32	27,6	27,6	28,4
	Desporto	4	3,4	3,4	31,9
	Actividades agrícolas	2	1,7	1,7	33,6
	Actividades ar livre	20	17,2	17,2	50,9
	Actividades náuticas	30	25,9	25,9	76,7
	Actividades Radicais	5	4,3	4,3	81,0
	Actividades culturais	3	2,6	2,6	83,6
	NS/NR	19	16,4	16,4	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**8.2- activ. Desenvolver**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Outros	2	1,7	1,7	1,7
	Turismo	11	9,5	9,5	11,2
	Desporto	2	1,7	1,7	12,9
	Actividades agrícolas	4	3,4	3,4	16,4
	Gastronomia	1	,9	,9	17,2
	Actividades ar livre	18	15,5	15,5	32,8
	Actividades náuticas	21	18,1	18,1	50,9
	Actividades radicais	12	10,3	10,3	61,2
	Actividades culturais	8	6,9	6,9	68,1
	NS/NR	37	31,9	31,9	100,0
	Total	116	100,0	100,0	

**8.3- activ. Desenvolver**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Outros	8	6,9	6,9	6,9
Turismo	4	3,4	3,4	10,3
Desporto	5	4,3	4,3	14,7
Actividades Agrícolas	1	,9	,9	15,5
Gastronomia	7	6,0	6,0	21,6
Actividades ar livre	14	12,1	12,1	33,6
Actividades náuticas	16	13,8	13,8	47,4
Actividades radicais	3	2,6	2,6	50,0
Actividades culturais	3	2,6	2,6	52,6
NS/NR	55	47,4	47,4	100,0
Total	116	100,0	100,0	

**7.1-actividades praticadas**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Caminhadas	16	13,8	13,8	13,8
Actividades náuticas	8	6,9	6,9	20,7
Outros	3	2,6	2,6	23,3
NS/NR	89	76,7	76,7	100,0
Total	116	100,0	100,0	

**7.2-actividades praticadas**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	1,7	1,7	1,7
Caminhadas	7	6,0	6,0	7,8
Actividades náuticas	9	7,8	7,8	15,5
BTT	2	1,7	1,7	17,2
Cultura	3	2,6	2,6	19,8
Outros	1	,9	,9	20,7
NS/NR	92	79,3	79,3	100,0
Total	116	100,0	100,0	

7.3-atividades praticadas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Caminhadas	2	1,7	1,7	1,7
Actividades náuticas	2	1,7	1,7	3,4
BTT	2	1,7	1,7	5,2
Cultura	1	,9	,9	6,0
Outros	7	6,0	6,0	12,1
NS/NR	102	87,9	87,9	100,0
Total	116	100,0	100,0	